

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

DAVID ADAN TEIXEIRA SAÉNZ

**OS ISRAELITAS: RELIGIÃO, CULTURA E MIGRAÇÃO EM
ESPAÇOS AMAZONICOS. O CASO DA AEMINPU EM BENJAMIN
CONSTANT, AMAZONAS**

**PORTO ALEGRE
2014**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

DAVID ADAN TEIXEIRA SAÉNZ

OS ISRAELITAS: RELIGIÃO, CULTURA E MIGRAÇÃO EM ESPAÇOS
AMAZONICOS. O CASO DA AEMINPU EM BENJAMIN CONSTANT,
AMAZONAS

Dissertação apresentada ao programa de
pós-graduação em Antropologia Social
da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul como requisito parcial para a
obtenção do título de mestre em
antropologia social.

ORIENTADOR:
PROFESSOR ARI PEDRO ORO

PORTO ALEGRE
2014

DAVID ADAN TEIXEIRA SAÉNZ

OS ISRAELITAS: RELIGIÃO, CULTURA E MIGRAÇÃO EM ESPAÇOS
AMAZONICOS. O CASO DA AEMINPU EM BENJAMIN CONSTANT,
AMAZONAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social-PPGAS da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Aprovado em: 04 de Abril de 2014

Banca examinadora:

.....
Prof^o Dr. Ari Pedro Oro – UFRGS (orientador)

.....
Prof^o Dr. Bernardo Legwoy – UFRGS (PPGAS)

.....
Prof^o Dr. Cesar Goes (Universidade de Santa Cruz)

.....
Prof^o Dr. Valdir Pedde (FEEVALE)

Porto Alegre
2014

DEDICATÓRIA

Aos meus pais pela preocupação que sempre tiveram em garantir o melhor para minha educação, por terem dedicado suas vidas a mim, assim como a meus irmãos, pelo amor, carinho e mais uma vez o estímulo e fomentação às minhas aspirações mesmo quando estas pareciam impossíveis. A meu pai Carlos Alberto Arévalo Saenz e minha mãe Marineide Teixeira Saenz que é dada a honra desta pequena obra, assim como de muitas outras que serão produzidas, como sempre afirmamos em família “é agora que a brincadeira começou”.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente, assim como aos meus Pais e à toda minha Família por serem minha rocha, que mesmo estando longe sempre acreditaram e subsidiaram meus estudos, pelo apoio em momentos difíceis em todos os momentos dessa minha nova jornada de vida que se fecha, para que outro ciclo se abra.

A meu orientador Professor Doutor Ari Pedro Oro pelas suas ações lúcidas, otimistas, sensatas em relação a viabilidade deste trabalho, assim como por toda paciência e tempo que dispôs para que este trabalho tomasse a forma desejada (e científica) esperada por mim e por ele.

Agradeço também e principalmente aos Israelitas por permitirem minha inserção em suas vidas assim como em sua comunidade, além de todas aquelas pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para este trabalho.

Agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM – pelo fomento ao longo de 20 meses; assim como todo colegiado de Antropologia da UFRGS e à turma de 2012 de Pós Graduação, por junto a eles construir e aprender a ser Antropólogo.

Aos amigos e aos Irmãos que fiz em Porto Alegre, agradeço em especial a Aline Basso, Segone Cossa, Luísa Dantas, Francini Andreoli, Germana Cavalcante e Taiana Tagliani pela parceria, ajuda ou pela troca de ideias, seja em antropologia, seja na vida.

(...) os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ethos de um povo – o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e sua visão de mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem. Na crença e na prática religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida.

Clifford Geertz

RESUMO

Esta dissertação versa sobre o processo de construção da identidade a partir da questão religiosa de um grupo que se auto afirma Associação Evangélica da Missão Israelita do Novo Pacto Universal-AEMINPU, popularmente conhecidos como Israelitas, estabelecidos no Alto Solimões, na religião de fronteira do Brasil com o Peru. A questão principal dessa dissertação está centrada na prerrogativa de uma congregação religiosa originada no Peru adquirir uma notória expansão em meio ao espaço político e geográfico dentro deste país, e como estes dois aspectos, tanto o geográfico quanto o político, facilitaram na expansão deste movimento em terras brasileiras, alcançando assim região do Alto Solimões. De forma mais específica perceber a chegada dos primeiros Israelitas, como foram construídos, e constituídos, os primeiros espaços e a estruturação da religião no lado brasileiro. Buscou-se compreender os processos de identificação e autoafirmação dos integrantes desta religião, assim como os sentidos atribuídos à sua instalação na fronteira amazônica motivada por uma perspectiva milenarista e sua integração na sociedade benjaminense, especificamente sua inserção na economia local.

Palavras-chave: Milenarismo - Israelitas - Migração - Benjamin Constant

ABSTRACT

This dissertation is about the process of identity building based on a religious group called Associação Evangélica da Missão Israelita do Novo Pacto Universal-AEMINPU, locally known as Israelitas, established in the Alto Solimões region, in the Brazilian - Peruvian border. The core of this dissertation is that, in the prerogative of a religious congregation originated in Peru conquering a known expansion in the political and geographical aspects, it made it easy for this movement to expand throughout the Brazilian land, reaching the Alto Solimões region. Specifically, perceiving the arrival of the first Israeli, how their spaces were built and conceived and their structure in the Brazilian side. We have tried to understand the processes of identification and self-assertion of the members of this religion, as well as the meaning given to their settlement in the Amazonian border, motivated by a Millenarianism perspective and their involvement with the Benjaminian society, especially their insertion in the local economy.

Keywords: Millenarianism – Israelitas – Migration – Benjamin Constant

Lista de figuras

Fig. 1-porcentagem religiosa no peru.....	22
Fig. 2-Portões da Igreja Matriz em Cieneguilla.....	30
Fig. 3-Parte interna da Igreja Matriz, salão principal de culto.....	30
Fig. 4-Corpo de Ezequiel Ataucusi Gamonal sendo transportado por obreiros.....	33
Fig. 5-Ezequiel Ataucusi Gamonal.....	34
Fig. 6-Ezequiel Jonás Ataucusi Molina.....	34
Fig. 7-Principais Zonas de colonização Israelita.....	41
Fig. 8-Imagem de um cartão postal, onde vemos o rosto de um gigante adormecido.....	48
Fig. 9-Ezequiel Ataucusi Jonas Molina ou Arcanjo Miguel.....	51
Fig. 10-Localização da estrada Israelita que liga o rio Amazonas ao Javari.....	55
Fig. 11-Imagem 1, 2, 3 e 4 formam a paisagem de um casa de um Israelita, pertencente a uma classe menos favorecida desses imigrantes.....	70
Fig. 12-Cidade de Benjamin Constant, locais de concentração de comércios peruano e israelitas.....	74
Fig. 13-Imagens 1, 2 e 3: Comércio de imigrantes peruanos, localizado no Centro de B. Constant.....	74
Fig. 14-As imagens (1, 2, 3, 4, 5 e 6) representam um dos maiores comércios Israelitas de B. Constant, localizado na rua 13 de maio no bairro de Coimbra.....	75
Fig. 15-As imagens (1, 2, 3 e 4) representam o segundo maior comercio Israelita na cidade de B. Constant, rua Frei Ludovico no bairro Coimbra.....	76
Fig. 16-As imagens (1, 2 e 3) representam um local alugado por Israelitas em B. Constant, na rua 21 de Abril, bairro Cohabam. Já as imagens (4, 5 e 6) representam uma banquinha Israelita no Bairro Cidade Nova nesta mesma cidade.....	77
Fig. 17-As imagens (1, 2, 3 e 4) representam a estrutura externa e interna do templo AEMINPU.....	86
Fig. 18-Imagens (1, 2 e 3) representam a primeira manifestação em praça pública da AEMINPU em B. Constant.....	97

Lista de abreviaturas

S/D – referente às referências bibliográficas, é devido não haver nos artigos, apostilas, monografias, dentre outros materiais consultados, não constar a data e em alguns casos a numeração de página expressamente nas fichas catalogadas, para este trabalho.

S/N – referente a falta de numeração de página.

AEMINPU – referente a Associação Evangélica da Missão Israelita do Novo Pacto Universal.

Sumário

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – FORMAÇÃO E EXPANSÃO DO MOVIMENTO AEMINPU	20
1.1 - ESTRUTURAS DE ESTADO E A CRIAÇÃO AUTÓCTONE: FUNDAMENTOS E ESPAÇOS DO MOVIMENTO ISRAELITA	20
1.2 - TRAJETÓRIA DE EZEQUIEL ATAUCUSI GAMONAL E SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DA AEMINPU.....	23
1.3 - ESTRUTURAÇÃO E ASPECTOS GERAIS DA AEMINPU.....	36
1.4 - A FORMAÇÃO DOS ESPAÇOS ISRAELITAS.....	39
CAPÍTULO 2 – PROCESSO DE FORMAÇÃO DA IDENTIDADE, AS EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS: A RELEVÂNCIA DA COSMOLOGIA ANDINA	44
2.1 - CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.....	44
2.2 - PRECEITOS RELIGIOSOS: O PENSAMENTO MILENARISTA.....	49
2.3 - CONVERSÃO E ESTRUTURAS DE CONTATO: RAZÕES IMPLÍCITAS E EXPLÍCITAS.....	56
2.4 - ESTRUTURA HIERÁRQUICA NA COMUNIDADE ISRAELITA DO NOVO PACTO UNIVERSAL EM BENJAMIN CONSTANT.....	58
CAPÍTULO 3 – AEMINPU EM BENJAMIN COSNTANT	62
3.1 - PRIMEIROS RELATOS DOS ISRAELITAS NA FRONTEIRA.....	62
3.2 - IMIGRAÇÃO E FRONTEIRA, CARACTERÍSTICAS SOCIAIS E SUAS CONDIÇÕES: A ORGANIZAÇÃO EM B.CONSTANT.....	64
3.3 - ORGANIZAÇÃO E ECONÔMICA, O ESPAÇO DAS TROCAS SOCIAIS.....	67
3.4 - A HISTÓRIA DE VIDA, INTERESSES NA FRONTEIRA.....	78
3.4.1- Relato de Israelita, Barba-Rala (15/02/2013-20/02/2013).....	78
3.4.2- Relato de Israelita, Barba-Branca (17/08/2013-23/08/2013-06/09/2013).....	79
3.4.3- Relato de Israelita, Barba-Negra (14/12/2013-24/12/2013-27/12/2013).....	80
CAPÍTULO 4 – O TEMPLO E AS FESTAS COMO ELEMENTO DE AFIRMAÇÃO (E CONSOLIDAÇÃO) DO GRUPO	84
4.1 - PERSPECTIVA DOS ESPAÇOS: OS ISRAELITAS E SEU TEMPLO E ESPAÇOS DE CULTO.....	84
4.2 - CRENÇAS E RITOS: AS FESTAS AEMINPU.....	91
4.3 - APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102
ANEXOS	105

INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre a Associação Evangélica da Missão Israelita do Novo Pacto Universal – AEMINPU – ou ainda (e popularmente) conhecidos como “Israelitas” – termo este dado pelos próprios membros da associação, devido a crença de que ser Israelita é mais do que nascer ou descender do povo Judeu, mas aderir ao imaginário “Israelita”, segundo o que consta na Bíblia Cristã (Romanos: cap. 9; vers. 4-8). Trata-se de um grupo religioso de origem peruana que está presente há cerca de 14 anos na região da fronteira Peru/Brasil, mais especificamente nas cidades de Islândia, na Província de Ramón Castilla, departamento de Loreto e Benjamin Constant, no Alto Solimões, Amazonas, além da Colômbia, Equador, Bolívia, assim como grande parte dos países da América Latina incluindo México, Estados Unidos, países da Europa como a Espanha e Itália, e países da Ásia como o Japão.

Meu primeiro contato com este grupo religioso ocorreu quando participei de uma pesquisa referente ao plano diretor da cidade de Benjamin Constant, em 2008, no início do meu Curso de Bacharelado em Antropologia, em Benjamin Constant, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Através das reuniões e levantamentos nos bairros desta Cidade, deparei-me com a questão dos Imigrantes Peruanos, comércio de produtos importados do Peru e conseqüentemente dos Israelitas. Muito se questionava sobre os sujeitos “cabeludos” e “barbudos” e seu crescente número dentro da cidade. Partindo desse pressuposto do “outro” e toda sua carga de alteridade, montei um breve ensaio sobre os Israelitas e a cidade, em uma pesquisa de iniciação científica. A partir deste momento procurei investigar o grupo buscando me envolver e inserir-me dentro da “Comunidade Israelita” presente no município, tarefa esta realizada sem maiores dificuldades, visto que se trata de um grupo que necessita de inserção a uma nova realidade já que falamos de imigrantes; em segundo lugar, por se tratar de uma religião onde encontramos sempre um proselitismo engajado.

Após contatos feitos e amizades estabelecidas, no sentido de parcerias (referente a troca de favores), pude me relacionar melhor com vários membros pertencentes à religião Israelita e observar como eles se distribuíram pela cidade, quais eram suas ocupações, formação e interesses pessoais, assim como pelo grupo de forma geral. Para isso, iniciei o processo de pesquisa em 2008 (como algo mais oficial) através de um projeto vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) fomentado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), sendo este projeto a base para meu trabalho de conclusão de curso. Nesta etapa realizei entrevistas, tanto na casa dos indivíduos, como, em alguns casos, em seus estabelecimentos comerciais, nas plantações (referentes a uma agricultura

de subsistência) e no templo, ocasião em que mantinha um contato com todos os “irmãos”. Sempre me fazia solícito, ajudando-os em serviços, nas suas vendas, plantações. Muitos deles me procuravam para tratar de assuntos técnicos-oficiais, por exemplo, quando precisavam de traduções (do espanhol para o português), de apoio para falar com determinadas instituições municipais ou para restaurar documentos referentes a AEMINPU (como folhetos, atas de eventos e comunicados). Sempre me procuravam, dirigindo-se a minha casa ou quando realizava minhas visitas em campo.

Portanto, até a escrita desta dissertação para o curso de Pós-Graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) se passaram 5 (cinco) anos de inserção e troca de informações com os membros da AEMINPU em Benjamin Constant¹. Mantive contato nesse grupo em ambientes muito distintos como nos seus: comércios, que são mutuamente a casa e o local de trabalho de famílias inteiras, locais em certa medida improvisados, mas com um grau elevado de conforto, que em alguns locais da cidade destoam das habitações dos Benjaminenses; e nas residências situadas em prédios públicos abandonados (como o do antigo Campus Avançado do Alto Solimões²), além de casas cedidas por pessoas que simpatizam com a situação dessas famílias, que diferentemente do primeiro caso, vivem de pequenas plantações. Explicarei essas dicotomias sociais mais a frente.

O foco deste trabalho reside na análise da identidade do grupo Israelita a partir da sua religião, relacionando para isso elementos encontrados na pesquisa de campo com elementos descritos pelos autores que já estudaram essa religião e os sujeitos que compõem a AEMINPU. Além de uma descrição mais específica realizada a partir do próprio grupo Israelita, procuro

¹ Consequentemente, este trabalho contém em seu corpo textual relatos pertencentes aos membros da AEMINPU referentes ao período de julho de 2008 a novembro de 2013.

² O Campus Avançado do Alto Solimões segundo Faustino & Clemente (1997) surgiu a partir do Projeto Rondon, projeto este que visava abrir as portas da ciência, da educação e da cultura aos habitantes das regiões mais desprotegidas do Brasil, sendo dividido por duas etapas distintas: a primeira, é referente a ida de jovens acadêmicos a lugares carentes, exercendo ações de curta duração na promoção e conscientização das populações ribeirinhas; a segunda, consistia no envio de grupos acadêmicos com permanência de 30 a 60 dias com a finalidade de prestar assistência as populações de regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos, como é o caso do Alto Solimões. Surgiram assim numerosos campi avançados de universidades federais, estaduais e particulares. Através da análise de locais para a instalação desses campi avançados, a PUCRS junto ao Projeto Rondon analisaram as condições, as necessidades e a repercussão desse tipo de empreendimento nesta região, aceitaram se estabelecer na região do Alto Solimões, pois esta mesorregião consiste em uma fronteira com o Peru e a Colômbia, e os municípios de tabatinga (onde encontrava-se a base aérea militar, hoje aeroporto desta mesma cidade), São Paulo de Olivença, Atalaia do Norte, Santo Antônio Iça e Benjamin Constant onde fundou-se em 19 de novembro de 1973 a sede do Campus Avançado do Alto Solimões (um ano antes em 1972 realizou-se os primeiros contatos com autoridades locais, a viabilização e construção desta sede). Hoje o Projeto Rondon continua a promover atividades na região, com o foco nas comunidades indígenas da região, mas o Campus Avançado foi abandonado, e o que resta hoje são apenas ruínas na rua 13 de maio, em Benjamin Constant.

abordar de forma mais ampla também os entornos religiosos que compõem a identidade dos grupos que se caracterizam como milenaristas e ou messiânicos, procurando, através desse apanhado teórico, aliado aos meus dados de campo, evidenciar como se desenvolveram as experiências de vida, concepções religiosas e as relações sociais (de convívio dentro e fora da esfera “israelítica”), assim como da própria associação local dos membros da originalmente chamada Associação Evangélica da Missão Israelita do Novo Pacto Universal – que recebeu o acréscimo, algo como um adjetivo, da qual eles sentem profundo orgulho, Brasil, tornando-se, assim, Associação Evangélica da Missão Israelita do Novo Pacto Universal no Brasil. Em meus dados etnográficos e outros componentes que compõem a análise dessa dissertação, seleciono aqueles que conformam a identidade, com destaque para a religiosidade (e a inscrição numa visão cosmológica Andina) do grupo Israelita na cidade de Benjamin Constant, uma comunidade que dentro do espaço desta cidade é formada fundamentalmente por Peruanos vindos das três regiões distintas do Peru: do litoral, montanha e selva.

Como questão dou destaque ao movimento messiânico e cosmológico andino que a AEMINPU imprime através de seus adeptos. O messianismo dos Israelitas possui diferentes características, semelhantes a outras religiões do mesmo cunho, tais como: a crença de que a felicidade do paraíso será vivenciada pelos fiéis enquanto coletividade; que o paraíso será terrestre, no sentido de que será inscrito num território e não em algum outro mundo; que ele é iminente e deve chegar logo e subitamente; é total, pois a terra não será somente mudada, mas completamente transformada; ele será produto de um milagre, pois deverá ser alcançado através de, ou com a ajuda de, agentes sobrenaturais (Cohn, 1993 apud Clarke, 2000, p.107).

Além disso, poderíamos acrescentar outros elementos que compõem o messianismo, assinaladas por Maria Isaura Pereira de Queiroz: uma sociedade de linhagem; que possui certos tipos de crenças e de mitos; que vive uma crise intensa e profunda, resultante em geral da situação de dependência a uma sociedade dominante; e, por último, que se engaja em torno de um messias, cujas qualidades extraordinárias galvanizam o grupo e o põe em ação a fim de concretizar a salvação (Pereira de Queiroz, apud Oro, 1989, p.15)

O messianismo e milenarismo do grupo dos Israelitas do Peru foi estudado por Arturo de la Torre López (2004) que descreve de forma geral esse tipo de ideologia e sua reinterpretação ao longo da história hispano americana, debruçando-se sobre a história recente do Peru (últimos 50 anos). Este autor traz para a questão da AEMINPU elementos como a “Utopia Andina”, sendo esta composta de elementos autóctones da cultura e da religiosidade vivida pela população andina anterior à chegada do catolicismo. Outro autor que aborda esta mesma temática que permeia os Israelitas é Chaumeil (2000). Ele observa o grupo religioso a

partir da sua inserção no contexto da fronteira – trapézio Colombiano (Brasil, Peru e Colômbia) – as trocas culturais e religiosas entre esses imigrantes peruanos, sua religiosidade frente ao ambiente cultural e religioso local, disputando em alguns casos terras com os indígenas locais, como no caso dos Yaguá (grupo indígena Peruano), articulando o global com o local. Neste caso, a sua contribuição fundamental repousa no entendimento da questão da fronteira não só para entender especificamente os Israelitas, mas também toda a sociedade de fronteiras, seus trânsitos sociais, culturais, econômicos, e suas múltiplas expressões e relações.

Embora minha análise verse sobre a AEMINPU dentro do espaço da cidade de Benjamin Constant, ela transcende este local, pois este grupo carrega em si a própria historicidade da região. Desta forma, trabalhando com os dados levantados por outros autores e cotejados com aqueles por mim recolhidos em campo, serão compostos os capítulos que versam sobre os temas da fronteira, messianismo, milenarismo, identidade e cultura a partir do grupo religioso Israelita.

O levantamento dos dados para a composição desta dissertação ocorreram em três etapas: a primeira teve como objetivo a análise dos registros bibliográficos e históricos, assim como a colaboração estrutural desenvolvida em um projeto de iniciação científica intitulado “Levantamento Bibliográfico da Etnografia Cultural e Religiosa de um Povo Chamado “Israelita” – quais Verdades e Mitos por trás dessa Denominação”, de minha própria autoria, sob a orientação do Prof. Dr. Juan Peña Marquez. Nele relacionamos de forma histórica a criação e expansão deste grupo enquanto movimento religioso pelo Peru (país onde se originou). Neste primeiro momento da pesquisa utilizei autores que abordaram este grupo observando a realidade apresentada em meio a sua criação e expansão dentro do território peruano. Incorporei estes estudos a uma visão antropológica sobre o fenômeno religioso e procurei entender as composições de ordem messiânico/cristãs às cosmologias andinas, ou seja, as aproximações entre cristianismo e utopia andina. Procurei também verificar os objetivos dos integrantes e líderes do movimento em sua trajetória pela Amazônia (primeiramente incidindo na Amazônia peruana). Utilizei uma perspectiva de análise das migrações³, que foi importante para entender alguns questionamentos e dúvidas que surgiram em campo, já que neste trabalho abordo também as trajetórias deste grupo da Amazônia peruana para a Amazônia brasileira.

³ Quero tratar aqui dos fluxos culturais (...) marcada pela migração. Examino os efeitos de algumas práticas da chamada diáspora (...) nas formas locais de sociabilidade para mostrar que, mais do que catalisadores ou indutores de transformações locais, certos movimentos de gente, capital e bens têm uma notável tendência conservadora e contribuem para a manutenção de instituições tradicionais. (Trajano Filho, 2005)

A segunda parte da pesquisa consistiu na inserção em campo: ida ao templo, participação nos cultos, visitas nas suas casas, local onde foram realizadas a maior parte das entrevistas, conversas e análises etnográficas.

Neste trabalho utilizo nomes fictícios, para não prejudicar os participantes da comunidade Israelita frente seu meio social. Assim, os quatro principais informantes receberam os seguintes nomes: Barba-Branca (que já foi pastor da congregação israelita em B. Constant), Barba-Negra (diácono da igreja ou o equivalente) Barba-Rala (o irmão Israelita mais novo na congregação e diácono), e Barba-Curta (que em pouco mais de um ano já possui um comércio próspero em B. Constant). Existiram outros informantes, todos Peruanos nascidos e criados no Peru, cujas contribuições para o entendimento da religião Israelita estão presentes no texto, mas que não serão nominados. Suas informações foram incorporadas nas análises mais amplas do movimento AEMINPU em B. Constant, e associadas a ideias gerais dos quatro informantes acima listados.

A última das três etapas consistiu na análise dos aspectos teóricos proposto por autores que refletiram sobre identidade, religião, assim como a visão que este grupo possui sobre estes aspectos e sobre sua trajetória, lidando assim com ferramentas Teóricas da Antropologia. Trabalhando com esses aspectos evidenciou-se a identidade e a religiosidade, os motivos, razões, dificuldades, encontradas pelos membros do movimento Israelita em viver e instalar-se na cidade de B. Constant, assim como as diferentes vertentes em que cada indivíduo teve seu primeiro contato com o movimento Israelita.

Para manter sua identidade em evidência, os Israelitas, em B. Constant, assim como no movimento Israelita de modo geral, afirmam-se por meio de uma identidade baseada no contraste⁴. Caracterizam-se com uma indumentária específica, assim composta: no caso dos homens, uma túnica e uma tiragem de pano caída na diagonal sobre um lado dos ombros, semelhante às pinturas e imagens cristãs tradicionais; no caso das mulheres é caracterizado

⁴ O contraste caracterizado dentro da concepção israelita pelas características que estes sujeitos fazem questão de evidenciar, composta pelos homens através dos cabelos e barbas compridos, pelas mulheres somente os cabelos, sendo esses elementos o que diferenciam os israelitas dos “estrangeiros” (designação bíblica, para destacar aqueles que não pertencem ao povo de Deus, conhecidos também como gentios) quando estes estão trajados com indumentárias “contemporâneas” a esses estrangeiros, assim outro fator ligado a esse contraste é essa indumentária mais específica, feitas do mais puro cetim, sendo esta igual, ou réplicas das usadas pelos povos nos tempos bíblicos. Esses componentes segundo R.C. de Oliveira constituem as identidades, seja ela pessoal e social de forma reflexiva, essas relações sociais são orientadas por código de categorias destinado a orientar o desenvolvimento de aspectos que exprimem um sistema de “oposições” chamado pelo autor como sistemas de contrastes. A Identidade Contrastiva Implica a firmação do “nós” diante dos “outros”, não se afirma isoladamente, e no caso israelita é permeada pelas características acima citadas. (Oliveira, 1983)

também por uma túnica, destacando um véu muito semelhante a das freiras. Tais características vestuárias derivam dos escritos bíblicos e suas interpretações pelos sacerdotes e lideranças do movimento. Outro componente formador dessa identidade são os sonhos e visões de seus membros, que direcionam cada um (de forma individual) a seguir um caminho designado por Deus. Estes são alguns traços e símbolos que envolvem uma teia de relações dentro do grupo, constituindo-se em sinais diacríticos, segundo uma visão interpretativista de Geertz (1989).

Importa agora observar que no início do levantamento bibliográfico percebeu-se a existência de poucas referências sobre o movimento Israelita, muitas delas ligadas a questões indígenas de transição desses povos entre fronteiras, questões agrícolas e ecológicas. Nestes casos, as referências consistiam mais em comentários e não em análises ou discussões científicas sobre o movimento Israelita.

Porém, quando realizei uma inserção em campo, ocasião em que parti diretamente para a contextualização dos traços semióticos e sinais diacríticos do que significa “ser Israelita” e o seu estilo de vida na cidade de B. Constant, procedi um levantamento para entender quem são, qual sua origem, o que é ser Israelita. Neste momento tive acesso à bibliografia completa produzida no Peru e alhures sobre os Israelitas – Marzal (S/N), Granados (1986), Torre López (2004), Chaumeil (2000). Uma outra bibliografia, Geertz (1989) e Cuché (2002), entre outros, ajudou para elucidar sobre as questões identitárias, descrever os caminhos metodológicos utilizados para a condução do trabalho, a especificação do problema, apresentar relatos sobre o movimento missionário Israelita e seu contato com os povos da Amazônia. Como consequência de todas estas trajetórias, fica claro, então, que neste trabalho são abordados aspectos culturais, históricos, religiosos e identitários de uma estrutura denominada Israelita e suas ramificações, e como esse ramo religioso, através do diálogo com seus interlocutores, se desenvolve em B. Constant.

Em campo a principal técnica de pesquisa utilizada foi a observação participante e os instrumentos adotados para coleta de dados foram as fontes bibliográficas, abordagem de diversos aportes teóricos sobre o tema utilizando dados etnográficos, entrevistas, histórias de vida, vivência com os mais variados componentes dessa religião nos seus diversos contextos sociais. Assim, fiz uso do caderno de campo e do gravador. Enfim, fiz uso de um diário de campo digital composto de gravações, anotações e análises.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro, “História da formação e expansão do movimento AEMINPU”, esclareço a origem desta religião, descrevendo os relatos e histórias de vida dos sujeitos com os quais convivi diretamente, assim como as descrições e estudos feitos por outros pesquisadores que cobrem a historicidade do grupo desde a origem, o

mito fundador, descrições sobre seu fundador e sua organização e distribuição mundial. Partindo desses dados enfoco a conduta dos indivíduos inseridos nesse sistema religioso, utilizando uma perspectiva que encara o elemento religioso como atividade deste mundo, ou seja, que não está ligado ao elemento transcendental (Weber, 1989). Observa-se desta forma que a religião está em diálogo com outras esferas, pois ela se relaciona com a vida dos indivíduos neste mundo, dentro de uma realidade concreta. Trago para discussão do elemento religioso pontos e concepções acerca da organização, seja ela no âmbito das hierarquias, da cosmologia, ou em outros elementos que permeiam a questão religiosa. Mas antes de adentrar nessas estruturas, descrevo o cenário atual da região do Alto Solimões, com foco em Benjamin Constant, tanto no aspecto religioso quanto social.

No segundo capítulo “Processo de Formação da Identidade, As experiências Individuais. Qual a Relevância da Cosmologia Andina”, analiso as crenças, ritos e símbolos. O que é pregado? Qual doutrina é utilizada? Qual é o pensamento milenarista? Destacam-se as conversas e entrevistas com os integrantes (suas histórias de vida), assim como aspectos referentes ao templo e aos cultos. Noto neste grupo religioso a recorrência de analogias bíblicas usualmente praticadas por todas as religiões cristãs, entre ovelhas e seguidores, ou ovelhas enquanto seguidores, o curral enquanto igreja e o pastor ou sacerdote enquanto “representante escolhido por Deus”, fatores que fundamentam suas características culturais e sucessivamente a identidade desses sujeitos enquanto Israelitas. Além disso, abordo neste capítulo o processo de conversão entre os Israelitas.

No terceiro capítulo “AEMINPU em Benjamin Constant”: exploro a questão do deslocamento AEMINPU para e pela Amazônia, ou seja, movimento Israelita no Brasil, sua implantação em Benjamin Constant, como vivem, como conseguiram os primeiros espaços, terras, locais de culto, dentre outros. Além das trajetórias de seus membros pela Amazônia peruana até a Amazônia brasileira, visto ser aqui o suporte ideológico que sustenta as comunidades AEMINPU na Amazônia enquanto, Terra Prometida. Analiso como estão organizados politicamente, e como transitam na fronteira. Observo também as articulações entre economia (atividade agrícola e pequenos comércios), doutrina e prática religiosa. Focando especificamente a questão organizacional do movimento Israelita do novo pacto universal, analiso também as relações que este grupo criou e mantém com a sociedade envolvente, neste caso marcada pelas várias características sociais de comércio. Identificando a relação que estas práticas comerciais tem com o pensamento religioso israelita ou mais especificamente com o ethos do grupo.

No quarto e último capítulo “O templo e as festas como elemento de afirmação (e consolidação) do grupo”, proponho dar destaque aos elementos de uma efervescência religiosa própria deste grupo, o foco recai sobre as formas de culto desse sistema religioso; como os elementos de culto são trabalhados em B. Constant; o que é apontado nas festas, os seus significados, como está o processo de consolidação desta religião através da construção de templos e implementação de áreas possíveis de cultos como as festas, que exigem uma dinâmica territorial maior, assim como seus aspectos mais internos como a celebração da prosperidade.

CAPÍTULO 1 – FORMAÇÃO E EXPANSÃO DO MOVIMENTO AEMINPU

1.1 - ESTRUTURAS DE ESTADO E A CRIAÇÃO AUTÓCTONE: FUNDAMENTOS E ESPAÇOS DO MOVIMENTO ISRAELITA

Para melhor compreender o Movimento Messiânico Israelita ou Associação Evangélica da Missão Israelita do Novo Pacto Universal (AEMINPU), precisamos inicialmente elucidar algumas características que deram base a sua formação dentro do Estado peruano, ou seja, o contexto econômico social e político no qual se desenvolveu a religiosidade Israelita naquele país.

Do ponto de vista religioso, o Peru, segundo Marzal (S/D), pode ser definido como tendo duas características principais: a primeira resulta das características étnicas deste país, que pode ser considerado um dos países latino-americanos de maior população indígena, qualquer que seja o critério para definir o ser indígena. A língua materna dos povos que habitam uma quinta parte do país é Quéchuas e Aymara.

O autor afirma ainda que tanto Aymaras como Quéchuas são Católicos de berço, apesar de serem indígenas, segundo concepções específicas e particulares; ou seja, já nascem em um Estado predominantemente Católico, portanto, inseridos ou predeterminados a uma doutrina religiosa desde sua infância, sendo este catolicismo “de berço” repleto de elementos sincréticos posto que esses indivíduos antes de serem Católicos são indígenas. Não se pode deixar de referir aqui os processos de dominação que resultam da colonização europeia na América Latina, impondo aos “nativos” uma religião alienígena. De acordo com a perspectiva sincrética pode-se afirmar que incorporam elementos da cultura e representações cosmológicas andinas ao catolicismo, ou seja, a maioria desta população conserva dentro de uma religião colonizadora elementos locais criados a partir de representações de mundo sobre o ponto de vista do indígena Inca. Estas ponderações de Marzal (S/D), são importantes para desconstruir a ideia de predeterminação Católica.

A segunda característica que encontramos no campo religioso peruano, que favoreceu a criação e expansão de novos movimentos religiosos, sejam Evangélicos, ou Messiânicos como os Israelitas do novo pacto universal, consiste na abertura religiosa desse país ao proselitismo protestante, ocorrido após a reforma da constituição e separação do Estado e a Igreja, em 1915, descrito por Marzal (S/D), Ganados (1986), Torre López (2004) e outros autores. Neste momento o país consagrou dois pontos importantes: a liberdade de consciência e religião de

forma individual e associativa, além do reconhecimento da Igreja Católica como um importante elemento de formação histórica, cultural e moral do Peru.

Segundo Marzal (S/D), as Igrejas Evangélicas, e as de cunho autóctones como a Israelita, ocupam menor expressão frente à católica, mas sempre com um crescimento constante. No caso dos Israelitas destaco primeiramente dados percentuais sobre o Censo que em 1993 (destaque para o Censo deste ano, pois é neste que se notará a maior visibilidade aos novos movimentos religiosos, encabeçados como Evangélicos), que revela dentro dos treze departamentos do Peru onde a predominância Católica é mais destacada, o departamento do Amazonas tem a maior porcentagem tanto dos Israelitas, assim como outras religiões que encabeçam o núcleo Evangélico nesta região. Observa-se que as taxas mais altas que representavam, primeiramente, o número da população evangélica no departamento do Amazonas, são de 16,3%, esta porcentagem ao longo dos anos seguirá crescendo e expandindo-se rapidamente frente as outras formas de religiosas presentes nesse mesmo espaço, que não chegam a 15%. Individualmente representam o maior índice, ou seja, este tipo de manifestação religiosa dentro do departamento amazônico denota que há uma persistência dessas religiões em conquistar novos adeptos (da mesma forma ocorre com o movimento Israelita do Novo Pacto Universal), assim como novos locais. Podemos observar este crescimento devido os seguintes fatores:

Seguirá el crecimiento de las nuevas iglesias en la población indígena? Parece que si, por su gran proselitismo y porque satisfacen ciertas necesidades de tal población, como el conocimiento de la biblia, las sanaciones, el cambio ético y el espíritu comunitario entre los indios inmigrantes. (Marzal,S/D)

Apesar do monopólio eclesiástico católico vir perdendo força desde o início do século XX, foi somente na década de 60 que, segundo Torre López (1996), os Novos Movimentos Religiosos, como a AEMINPU, começaram a ganhar destaque, a partir das seguintes características: sua presença quase que maciça nas regiões de periferia; um posicionamento ortodoxo que além de agressivo (num sentido de algo súbito e enfatizador da religião Cristã), é misturado às crenças populares autóctones das regiões onde elas se instalam.

Atualmente, podemos observar a natureza nova dos movimentos religiosos como a AEMINPU partindo do censo Peruano de 2007 – tratando-se aqui dos dados mais recentes do censo realizado neste país, acessíveis nos sites do governo peruano – que afirma que 81,3% da população com mais de 12 anos de idade descreve-se como Católica, 12,5% como Evangélicos, 3,3% de outras denominações e 2,9% como não religiosos ou sem religião. O que para análise causa certa confusão pois os Israelitas tanto se autodeclaram evangélicos, como podem ser

postos, e põe-se, no papel de uma nova religião, declarando-se com o próprio nome “Israelita do Novo Pacto Universal”, ou seja, uma nova denominação. Visto que a identidade deste grupo religioso é, segundo afirmam Torre López (1996) e Chaumeil (2000), elástica, devido suas características de transição, incorporação e expansão de uma religião que tem suas bases, fundamentação e parte de suas práticas cristãs incorporadas a elementos autóctones de origem pré-hispânico incaico.

Para entendermos melhor o panorama onde estão postos os Israelitas, temos um comparativo entre os três principais censos sobre o tema religião no Peru onde destaca-se a diversificação das crenças religiosas, ou não religiosas, da cidadania peruana. É observado que o Peru já não é mais um país exclusivamente Católico, mas sim um país que veio vivendo através dos anos uma forte e crescente presença Evangélica, de pessoas que afirmam possuírem outras religiões, ou até declararem não possuir religião. Dados comparados entre o último censo de 2007, juntamente com os de 1993 e o de 1981, nos dão as seguintes projeções sobre a religião, no plano geral, no Peru:

Ano do censo	Religião católica	Religião evangélica	Outras religiões	Não possuem religião
1981	94.6	5.2	5.2	0.2
1993	89.0	6.8	2.8	1.4
2007	81.3	12.5	3.3	2.9

Figura 1-Tabela produzida a partir de dado coletado sobre o censo 2007, 1993 e 1981: dados oficiais do Instituto Nacional de Estadística e Informática do Peru- INEI

Podemos observar uma queda substancial do Catolicismo frente aos Evangélicos e às novas opções religiosas – vale ressaltar que no ano de 1981 tanto a opção religião Evangélica, como outras religiões foram incorporadas numa só – ou falta de uma religião específica. Especificamente na região onde primeiramente os Israelitas fincaram sua bandeira na Amazônia, entre os anos de 1993 e 2007, no Departamento de Loreto, temos os seguintes dados: o número de pessoas que passam a se declarar evangélicas ou de outras religiões salta de 14.5% em 1993 para 24.3% em 2007, o que representa uma substancial queda do Catolicismo neste departamento. Reforçando a dupla associação entre Evangélicos e os que declararam como participantes de outras religiões – levando em conta que os Israelitas enquanto grupo podem se declarar tanto como Evangélicos como outra religião de cunho Cristã – o que beneficia os

Israelitas em sua composição de movimento, pois trata de dados que apoiam sua religião na aquisição de benefícios frente ao governo peruano, como veremos ao longo deste trabalho.

Assim como muitas Igrejas, nesse contexto Peruano de expansão das Igrejas Protestantes, os Israelitas também são autóctones. Ou seja, dentro dessa formação há um sincretismo baseado em elementos do Cristianismo, tratando da vertente que nasce dentro do mundo cultural latino-americano, e aqueles provenientes das tradições indígenas. Ambos os elementos presentes na “Asociación Evangélica de la Mission Israelita del Nuevo Pacto Universal” (AEMINPU) configuram uma formação religiosa destinada para a população andina das grandes cidades (Lima, Arequipa, Chimbote), habitantes das zonas de serra do Peru, estendendo-se entre os nativos da selva.

Autores como Espinosa (1984), Barredo (S/D), Dominguez (2005), Rodriguez (2006), Torre López (1998) e Chaumeil (2000), constituem-se em fontes importantes para o entendimento da formação da doutrina Israelita e suas práticas, assim como dados sobre o seu fundador Ezequiel Ataucusi Gamonal, sobre o qual nos ocuparemos a seguir. Importa observar que hoje o líder principal do movimento é o seu filho Ezequiel Jonas Ataucusi Molina⁵, que deu continuidade ao trabalho de seu pai, considerado, pelos Israelitas, como Deus encarnado. Os autores acima referidos também discorrem sobre a característica migratória desse movimento formando uma linha de descrição do seu avanço, mais principalmente para desenvolver uma descrição mais detalhada sobre o papel dos indivíduos dentro do movimento e do meio social no qual se insere.

1.2 – TRAJETÓRIA DE EZEQUIEL ATAUCUSI GAMONAL E SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DA AEMINPU

A vida do fundador da AEMINPU pode ser dividida em três momentos, que vão desde a criação até a estruturação do movimento. O primeiro momento se restringe à sua infância, marcada pelo catolicismo sincrético, predominante na cultura e religiosidade peruana. O segundo, caracteriza-se por sua conversão ao adventismo e o terceiro momento é marcado pela “grande revelação divina”, onde Ezequiel considera-se predestinado a receber os ensinamentos

⁵ Ver em “Anexo A” folheto de distribuição interna do movimento israelita que caracteriza a passagem de pai para filho do cargo de missionário geral ou maior, e a concepção que Ataucusi Molina é o próprio Arcanjo Miguel.

de Deus, sendo ele um novo messias. Após esses momentos ele dá início a sua missão de pregar e levar o novo pacto de Deus à humanidade.

De acordo com os próprios Israelitas, e segundo Torre López (2004), sendo isto comum ao contexto em que são concebidas as religiões de caráter milenarista e messiânica, observamos que a história da AEMINPU está intimamente ligada com a evolução religiosa de seu fundador. Ezequiel Ataucusi Gamonal, nasceu no povoado de Cotahuasi na província de La Union, no departamento de Arequipa em 10 de abril de 1918, numa família campesina, Católica, modesta e grande, pois ele era um de quatorze filhos. Como a maioria das famílias Peruanas, na época de sua infância foi socializado ao catolicismo popular, estudou somente até o quarto ano da educação primaria. Viveu toda sua vida uma rotina comum a todos os indivíduos do seu meio, trabalhando em diversos locais como assistente, carpinteiro, eletricitista dentre outras ocupações nas quais tirava seu sustento. Um momento importante de sua vida ocorreu em 1956, quando Gamonal, com 38 anos de idade, converteu-se ao evangelho, mais precisamente à Igreja Adventista do Sétimo Dia, envolvendo-se assim nas práticas religiosas e rituais descritos na bíblia, que iriam influenciar diretamente na organização do movimento que mais tarde criaria. Ou como diz Barredo:

Ezequiel fue adventista, absorbió enseñanzas sobre lo sábado, los diez mandamientos, la segunda venida de Cristo y los diezmos, dando especial atención a la Salud, asistencia social y educación, aspectos remarcados en la práctica del adventismo. (BARREDO. S/D)

Relatos sobre Ezequiel são um tanto imprecisos entre os pesquisadores do tema, pois segundo Gogin Sias (2006), o líder da AEMINPU aos seus 18 anos foi “salvo” de morrer afogado em rio por um peixe, que foi interpretado por Ataucusi como intervenção divina sobre sua vida. Em Scott (1988), encontramos o mesmo relato contado de forma a divergir em alguns aspectos do primeiro quando ele afirma que aos 16 anos de idade Ezequiel trabalhava nas minas de Chuquibamba, quando foi milagrosamente salvo por um enorme peixe. O autor reconhece não poder afirmar com certeza se isto de fato havia ocorrido em sua vida ou se tratava de um sonho. Seja como for este fato foi um acontecimento importante para Ezequiel, com segue em seu relato:

Estaba nadando sobre un tronco de madera cuando de pronto se levantó fuera del agua y me tiró a las aguas turbulentas. Yo estaba en grave peligro porque la corriente me llevaba hacia las cataratas. Estaba, tal vez, a cincuenta metros de distancia. La idea de una muerte terrible me llenó de pensamientos y grité en desesperación. Entonces escuché tres voces llamándome. “¡Ezequiel, levántate!” “¡Ezequiel, levántate!” “¡Ezequiel, levántate!”. Entonces un pez grande vino – uno grande de tal vez 1.20 metros, que se metió debajo de mi, entre mis piernas. Cuando volví a ser conciente, descubrí que estaba a salvo en las orillas del río, habiendo sido depositado ahí por el pez. Yo solo podía preguntarme, “¿Por qué ha dejado Dios que me sucedan estas cosas milagrosas?” (Ataucusi Gamonal, apud Scott, 1988)

Já em Torre López (1996), temos a premissa de que na biografia de Ezequiel não aparece elementos sobrenaturais, como os descritos pelos dois autores anteriores, o que vai ocorrer somente quando o líder dos Israelitas completa 40 anos de idade. Nessa época, na década de 1950, Ezequiel ingressa na Igreja Adventista, obtendo uma profundidade maior em seus estudos bíblicos. Absorveu essa doutrina a tal ponto que mais tarde iria influenciar diretamente o “Movimento Israelita”, pois foi dentro desta doutrina que Ataucusi absorveu os conhecimentos bíblicos sobre o sábado, os dez mandamentos, a segunda vinda de Cristo à terra, a importância do dízimo, direcionando sempre a sua atenção, assim como a do movimento, a uma assistência à saúde e à educação, aspectos que fazem parte da prática adventista e caracterizaram o conceito social dos Israelitas (ATAUCUSI. 1969).

Um ano depois de sua adesão a esse grupo religioso começaram a surgir problemas e conflitos entre ele e as lideranças de sua Igreja devido ao caráter radical adotado por ele na interpretação das Sagradas Escrituras, o que acarretou sua expulsão desse grupo. Decorrente a esse evento, e graça as distintas experiências místicas, Ezequiel dá início a sua “missão” na terra, começando a liderar uma congregação de crentes procedentes, assim como ele mesmo, de outras congregações de cunho Cristã, como, e principalmente, formada por ex-adventistas e ex-pentecostais.

Funcionalmente os Israelitas do Novo Pacto Universal nasceram no final da década de 1950, mais precisamente em 1956, quando Ezequiel teve em um sonho a visita de um ancião que, segundo ele, tinha 1,80 m de altura com cabelos compridos e uma grande barba branca, trajando uma túnica branca. Este ancião lhe disse: “*escute esta mensagem: é necessário que pregue*”. Segundo Scott (1988), após esta visão ele começou a pregar em várias zonas, departamentos e povoados do Peru. Outra visão lhe dada em sonho, na qual lhe foi representado um quadro contendo “os sete anos de fome na terra”. Não compreendendo o ocorrido, Ezequiel pede a Deus que lhe mostre o significado desta revelação, obtendo a seguinte resposta: “*o tempo chegou, e será feito*”. Numa publicação Israelita temos o relato deste chamamento:

En el pueblo de Picoy, Distrito de Acobamba, Provincia de Tarma, Departamento de Junín, en el mes de abril de 1955, donde se realizó el acontecimiento del refrigerio de la presencia del Señor: Hechos 3:19 recayéndose sobre mí la lluvia temprana y la tardía: Deuteronomio 11:14, Santiago 5:7 y habiendo realizado la revelación de Jesucristo el Señor nuestro em mí; digo la verdad y no miento: Mateo 11:27, Apocalipsis 1:12 y habiendo entendido el significado de este Misterio Divino, después por la guía del Espíritu Santo, fui conducido al lugar denominado Palomar Sanchirio (Chanchamayo), en el año 1956, allí donde me tuvo instruyéndome de día y de noche sin cesar: Isaías 28:26 donde se realizó que por la primera vez fui arrebatado en espíritu hasta el tercer cielo: Segunda Corintios 12:3,4 donde conocí al Padre Celestial, y al Hijo y al Espíritu Santo; quien habló conmigo y díjome: ¿Ezequiel, ya llegaste? Entonces dije, ya llegué Señor, y díjome por segunda vez, solamente te

esperábamos a ti para comenzar la obra, y luego levántese el Padre Celestial dirigiéndose hacia una pizarra, y escribió los DIEZ MANDAMIENTOS, LAS DIEZ PALABRAS DEL PACTO: Deuteronomio 4:13, Éxodo 34:28, Segunda de Corintios 3:3. Díjome por tercera vez, escribe en la cartulina el traslado de los Diez mandamientos y La Ley conforme que está escrito en la pizarra: Deuteronomio 4:2, Apocalipsis 22:18, 19 contestando dije, escribiré Señor, luego tomé la cartulina, un lapicero y escribí los DIEZ MANDAMIENTOS, LAS DIEZ PALABRAS DE LA ALIANZA, LAS PALABRAS DEL PACTO, conforme que estaba escrito en la pizarra. En el momento que terminé de escribir, díjome, el que habla conmigo: Traedme, luego presenté al Espíritu Santo y él aprobó y dijo que era bueno. Y después me ordenó diciendo: Id y Doctrinad: Mateo 28:19, 20. Y predicad el Evangelio de Arrepentimiento: Marcos 16:15, Lucas 24:47 y díjome: donde fueres dirás: esta es La Ley, que viendo no habéis visto, oyendo no habéis entendido de corazón: Mateo 13:14, 15. Juan 12:40. Desde entonces el impulso del Espíritu Santo me obliga a declarar el título de la más RIGUROSA SECTA DE NUESTRA RELIGIÓN: Hechos 26:5, el cual era su título: “ISRAELITA DEL NUEVO PACTO UNIVERSAL” Isaías 44:15. Romanos 9:4. Mateo 26:28. Jeremías 31:33. Hebreos 10:16. (Gamonal, 1980)

Os autores ponderam que tais relatos de sonhos de Ezequiel foram escritos bem depois das datas que supõem-se terem sido originalmente narrados. Ou seja, essas visões do fundador podem ter sofrido influências de outras experiências antes de terem sido de fato escritas. Scott (1988) alerta para algumas dessas experiências que influenciaram e influenciam na conduta da AEMINPU. Uma delas ocorreu quando Ezequiel, trabalhando na colheita de café, no povoado de El Palomar, deixou seus cabelos e barba crescerem sem uma diretriz ou prerrogativa divina. Porém, quando decidiu cortar o cabelo e a barba para ser melhor aceito pela comunidade Adventista da qual fazia parte, ouviu uma voz que dizia “*se quieres servir ao Senhor Deus, não debes cortar seu cabelo*”. Esta experiência teve impacto imediato sobre ele, compreendendo que a mensagem significava que a barba e o cabelo representava obediência a Deus e a seus mandamentos⁶.

Como podemos observar, a vida de Ezequiel repete o que é comum a líderes messiânicos. Ela é cercada de relatos descontraídos, assim como também é cercada de revelações divinas, revelações estas que irão contribuir para a formação do mito fundador da AEMINPU. Pontos que formam o principal foco sobre a história desse mito está cercado por uma série de eventos fatídicos na vida de Ezequiel. No ano de 1956, após sua expulsão da Igreja Adventista de Rio Seco, sua primeira esposa o abandona, alegando que Ezequiel estava louco devido ao fato de não cortar mais o cabelo ou a barba e já nesta época somente trajar uma túnica. Em um curto espaço de tempo, após esse ocorrido, foi preso no povoado de La Merced, devido sua conduta pessoal. Esses ocorridos, segundo os autores Scott (1988), Marzal (S/D), Granados (1986), Torre López (2004), e sobretudo após ser preso, ele viaja para a comunidade de Picoy, no Distrito de Acobamba, onde foi em busca de preparação espiritual. Ali teve a sua maior

⁶ Testemunho de Ezequiel Ataucusi Gamonal, Cieneguilla, 24 de oct. De 1987.

revelação por parte do Espírito Santo, que segundo seu próprio relato, levou-o a estudar a bíblia guiando-o na leitura de capítulos e versículos específicos da bíblia, quando neste momento foi arrebatado ao “Terceiro Céu”:

Una de esas noches es arrebatado en espíritu hacia el tercer cielo. En primer lugar llega al primer cielo, donde existe una ciudad de color blanco y en la que conoce al diablo, ve un lago de fuego donde estaban las almas de los condenados por su maldad. De allí, por una escalera pasa al segundo cielo donde no hay nada, todo es oscuro. De allí continúa hacia el tercer cielo, donde una multitud de personas lo crucifican por identificarse como profeta de Dios, crucificándolo a semejanza de Cristo. Por su propia voluntad se desclava de la cruz, mientras que las personas que lo habían crucificado se postran ante él. Ahí es donde ve una sala grande, con 24 sillas alrededor de una mesa y al frente de la que estaba el Padre, el Hijo y el Espíritu Santo... Finalmente recibe la orden de ir y adoctrinar a la humanidad. (Gamonal, apud Granados, 1986)

Lançando a pedra fundamental do que mais tarde seria a AEMINPU, Ezequiel se instalou no povoado de Alianza, localizado no vale Chanchamayo. Ali pregou e organizou o primeiro núcleo da sua nova congregação, nomeando 12 homens de confiança como seus discípulos e se auto afirmando enquanto Cristo. Scott (1988) afirma ainda que após esse momento, Ezequiel estabeleceu-se numa região chamada de Pampa Michi, situada nas margens do rio Peneré, organizando nesta região outros grupos de crentes, expandindo, desta forma, a mensagem Israelita até a selva.

Quanto a formação do movimento, segundo Barredo (S/D), esta se deu oficialmente em 27 de outubro de 1968, quando seu fundador recebeu os primeiros ensinamentos de Deus – através de sonhos e visões – para que Ezequiel formasse uma liderança para conduzir novamente o “*povo de Deus*” (os escolhidos) até a Terra Prometida, dando fundamento e base ao movimento, podendo assim descrevê-lo como sendo religioso em sua amplitude. Torre López (1996) lembra que o movimento foi fundado quase um ano depois do golpe de Estado que levou ao poder o General Velasco Alvarado. Segundo esse autor, é no regime militar, assim como da ruptura da ordem constitucional Peruana, que se apoiará a nova congregação de Ataucusi. Assim, a condição de “religião autóctone peruana” e o nacionalismo que nela estava incumbido, marcas até hoje da ideologia AEMINPU, viabilizaram e favoreceram uma empatia do novo regime vigente neste país, o que permitiu um trato e um status favorável junto com esse regime na concessão de terras colonizáveis nas regiões orientais do país, neste caso a Amazônia.

Já com o retorno da democracia ao Peru os “Israelitas” tratam de dar continuidade a esta forma de clientelismo político. Porém, como não conseguiram êxito, e diante da perda de níveis alcançados junto ao regime militar, acabaram por romper com o Governo Aprista de Alan García, que forçou a entrada no mundo político da congregação, fazendo com que a AEMINPU

fundasse um partido em 1989, a Frente Popular Agrícola FIA del Peru-FREPAP. Esse partido foi criado com caráter teocrático, seu líder Ezequiel Ataucusi Gamonal participou de alguns processos eleitorais concorrendo como presidente da República do Peru. A justificativa dada pelos seus fiéis ao seu insucesso foi porque “*el Hijo del Hombre no necesita ser presidente de ningún país, sino, ha venido para restaurar el Pueblo de Dios, darlo a conocer y luego, más joven o rejuvenecido de 82 a 28 años, convertirse en el Rey de todas las naciones*”. A FREPAP é um partido político com o qual “*Dios gobernará al mundo*”, pois em todos os países deve-se instaurar o “*Reino Teocrático de Dios*”.

Por esses motivos desde sua fundação os "Israelitas" estão envolvidos com diversos problemas legais, e são também bastante assediados pela imprensa popular. As acusações levantadas contra o movimento giram em torno de dois temas específicos: abusos sexuais e a má conduta dos camponeses (como o caso de Israelitas envolvidos com a plantação e refino de coca). Muitas dessas denúncias, segundo Torre López (1996), quando investigadas a fundo tem como resultado serem falsas ou aparentemente devido a conflitos internos.

Em 11 de abril de 1968, no jornal “Última Hora”, de Lima, apareceu um artigo, intitulado “Profeta Avivato Vendió Hasta Los Cerros En Selva”. Segundo Torre López (1996), tratava-se da primeira notícia veiculada sobre Ezequiel Ataucusi Gamonal. Nele denunciava-se que várias famílias camponesas estavam sendo usadas na venda de terras em Chanchamayo. Sendo esta a primeira de muitas notícias que associavam a imagem de Ataucusi e sua congregação com problemas vinculados a colonização de regiões do oriente peruano (com ênfase na Amazônia), projeto que teve início nos anos 90, sobre alcunha de “*Fronteras Vivas*”.

Cada vez mais focado em sua busca pelo “divino”, Ataucusi dá ênfase, sob aspectos bem particulares, aos sonhos e visões, associando-os a uma interpretação associada às escrituras sagradas cristãs. A partir desses pressupostos, ele desenvolveu sua própria visão e aceitação dos ensinamentos divinos, se distanciando através dessa concepção das outras religiões, criando incompatibilidade com todas as religiões advindas do cristianismo e se desvinculando até do adventismo. Porém, como observa Scott, o fundador utiliza alguns elementos do pentecostalismo. Segundo seu dizer, retirou

... de esta secta pseudocristiana temas como el sábado, la pascua, pentecostés, las trompetas, la expiación y los tabernáculos, y los envolvió en su doctrina del reinado milenar de Cristo para dar lugar a siete solemnidades o siete columnas de sabiduría.” (SCOTT. 1989)

Com relação aos sonhos e visões do fundador, este destaca a sua profunda importância, pois são estes aspectos categóricos que dão origem junto às concepções religiosas e culturais andinas ao movimento Israelita “AEMINPU” (Associação Evangélica Missionária Israelitas do

Novo Pacto Universal). Destaco um aspecto em especial dentro da obra de SCOTT (1989), sobre a experiência com o divino que Ezequiel relata: quando foi arrebatado aos céus – relato de um sonho do fundador – ele pôde observar com distinção três etapas, ou três formas classificatórias da “glória divina”. Na primeira etapa o céu era desprovido de luz; na segunda etapa permanecia a falta de claridade com o acréscimo de um imenso deserto seco; já no terceiro céu havia luz, e Ezequiel deparou-se com uma imensa porta. Após cruzá-la percebeu a presença de uma mesa onde haviam pessoas a sua espera. Os que estavam assentados pediram prontamente que Ataucusi escrevesse os dez mandamentos em uma cartolina, que após ter escrito foi lida e aprovada por essa espécie de conselho. Segundo SCOTT (1989), “*A todo esto Ataucusi añadió sus propios rasgos personales y sus revelaciones justificadas bíblicamente: vestimentas sagradas, cabello largo y barbas, y sacrificio de animales*”.

Toda essa cosmologia criada no passado é adaptada por Ezequiel (Barredo, S/D), convertido em pregador e evangelizador e posto a frente de um movimento pelo próprio Deus único. Desta forma estruturada a missão, o próximo passo foi procurar adeptos nas mais diversas comunidades peruanas como povoados da Serra Central e Sul e deslocando-se para áreas da selva peruana, a região da Amazônia. E entre as comunidades de camponeses andinos, a primeira estabelecida pelo movimento israelita ocorreu em Piñaplas (Pasco). Mas a congregação oficial está estabelecida na capital do Peru, com duas sedes, uma sendo o escritório central na grande Lima, e a Igreja Matriz localizada em Cieneguilla, no km 25 da estrada que liga Lima a Huarochiri. É neste último local que, e principalmente, nas festas (que veremos no cap. 4), há uma concentração de Israelitas vindos das mais diversas regiões, algo que pode ser comparado com o Sírío de Nazaré, a peregrinação a Aparecida ou até a Meca dos mulçumanos. Um local afastado dos grandes centros urbanos, que se assemelha as paisagens bíblicas, como mostram estas fotos:



Figura 2-Portões da Igreja Matriz em Cieneguilla. Fonte: AEMINPU, 2011.



Figura 3- Parte interna da Igreja Matriz, salão principal de culto. Fonte: AEMINPU, 2011.

Como instituição autóctone a AEMINPU contém certas regras de reinterpretação étnica, por tratar de conceitos e questões tradicionais voltados a relação de primazia de certas práticas culturais e sociais. Ela é considerada um produto cultural com bases em elementos autóctones, assim como eclético, criado por Ezequiel e seus colaboradores, para com isso satisfazer as necessidades do homem andino marginal. Produto este que junta a tradição Católica, a cultura

popular, o Adventismo, com elementos da tradição andina, formando assim o contexto sincrético desta religião. Desta forma, temos, segundo a crença dos Israelitas, um Deus milagroso e castigador do Catolicismo, elementos culturais populares, Javé justiceiro e zeloso do Antigo Testamento, assim como o Deus ambíguo da tradição andina que ajuda e ameaça (Manco Cápac).

Podemos ver essas influências claramente refletidas em suas pregações. Quando os Israelitas falam em catástrofes naturais, o fracasso político e as distintas calamidades, se oferecem holocaustos segundo está descrito no antigo testamento – consistindo em sacrifícios de animais, que geralmente são cabras e bois, criados em regime de santificação, ou seja servem somente ao propósito do sacrifício. Outro aspecto é o de seus seguidores terem dons de falar em línguas estranhas, ou a linguagem dos anjos (glossolalia), de terem visões proféticas e que Ezequiel é a própria encarnação do Espírito Santo. Seus pastores em suas pregações e cantos exortam sobre o fim do mundo que também aparecem em canções como esta, intitulada “El fin se acerca”⁷:

//El fin se acerca, el fin se acerca//

*/Toda La tierra será renovada
escuchen, pues esta advertência./*

*/El tercer juicio llegará muy pronto
Miguel arcángel ya está em La tierra./*

*/La paz Del mundo será retirada
toda La gente andará turbada./*

*/Entre La gente ya no habrá respecto
con los vecinos comenzará El ódio./*

*/Entre nosotros todos pelearemos
la plata también ya no valdrá nada./*

*/El calor del sol no soportaremos
ya no lloverá sobre lãs regiones./*

*/Por las riberas no correrá el água
todas las bestias morirán por pasto./*

*/Todo valiente gritará aquel dia
todos los fuertes morirám con peste./*

/El tercer juicio es muerte por hambre

⁷ Ver em “Anexo” capa e informações do livro de cânticos dos israelitas.

enfermidades no serám curadas./

/Israelitas toquen las trompetas
al año 2,000 ya no llegaremos./

/Pueblo humilde heredará El reino./
(Ez7:2,6. Is.19:2. Am.8:2.)

Quando nos referimos aos fundadores, especialmente Ataucusi Gamonal, meus informantes não hesitam em afirmar que:

Estes homens foram inspirados pelo espírito de Deus ... e receberam uma missão muito especial não só para realizar no Peru, mas a nível mundial... mas o que percebemos é que a alguns peruanos não se há dado o valor adequado. Ataucusi mesmo já foi acusado de diversas coisas inclusive de ser um drogado. Mais tarde provou-se que todas essas coisas eram falsas, não passavam de acusações sem fundamento... pois em vez de coisas ruins o que Ataucusi fazia era ajudar muitas comunidades (não israelitas) com alimentos e outras coisas inclusive países chegou a ajudar neste sentido... (Barba-Rala, entrevista, em 22/09/2010)

E perguntado mais recentemente sobre o fundador da AEMINPU, o informante reafirma o que anos antes havia me dito:

Eu creio que o líder da congregação israelita era uma pessoa boa e que se encarregava de todos irmãos no que concerne ao espiritual ... Ele é nosso sacerdote principal, o missionário maior, encontrando-se sobre seus ombros toda base do movimento, e nos portamos de forma mal estaríamos menosprezando todo trabalho daquele homem, e se nos portamos bem estaríamos glorificando a grande obra dele. (Barba-Rala, entrevista, em 22/09/2010 e 11/01/2013).

Desta forma, Ezequiel traz consigo um novo pacto que é a reconciliação do homem com Deus. Junto a isso soma-se a recuperação da utopia andina – utopia esta caracterizada pela formação de colônias na Floresta Amazônica, compondo assim a máxima Israelita da Terra Prometida. Estes elementos fisicamente se dão de forma paulatina, através de políticas criadas pela AEMINPU, em muitos casos respaldados pelo governo peruano, ou unificados a um modelo político enquanto base para suas ações.

Essa Utopia Andina⁸ ganha este contexto devido a formação de colônias, nas chamadas “fronteiras vivas”, transformando todo o meio ambiente em volta das comunidades Israelitas, a fim de que estes representem locais sagrados como os vales e montanhas andinas e principalmente as regiões ou localidades de Israel, locais que, segundo os Israelitas, abrigaram um modo de vida referente a obra divina, habitando, portanto, os povos escolhidos por Deus e os próprios Israelitas. Locais que constituem um padrão geográfico representativo do ponto de vista da agricultura, semelhantes aos vales andinos e que visualmente representam os locais por

⁸ Explicarei melhor essa concepção de Utopia Andina, assim como sua influência dentro da AEMINPU e o que ela representa na concepção da terra prometida, mais adiante.

onde Deus, incorporado em humano (Jesus Cristo), viveu e transmitiu sua palavra aos homens (Israel, Galiléia dentre outros locais), para nestes locais aguardarem a vinda do reino definitivo (arrebato).

Assim como a Utopia Andina, outro elemento de grande importância dentro do credo Israelita tem sido o início dos “*Sete anos*”. Segundo dados de Torre López(2005), neste intervalo de tempo o mundo haveria de sofrer inúmeros desastres, catástrofes, que mudariam a concepção de mundo que temos hoje, conhecido entre os Israelitas como a vinda da “*Quarta Geração*”. Neste sentido, o ano de 1985 foi assinalado como o ano do começo do fim, que posteriormente foi transferido para 1993, devido a própria incapacidade da congregação para exportar sua mensagem além das fronteiras nacionais. Assim, este “*Projeto Divino*”, segundo a congregação Israelita, estava previsto para 2000, se nesse ano a AEMINPU não tivesse recebido o mais duro de seus golpes, o falecimento de seu líder Ezequiel Ataucusi Gamonal, em 21 de junho de 2000, que depois de sofrer uma série de complicações devido a sua idade avançada, e sua doença renal, teve uma parada cardíaca.



Figura 4-Corpo de Ezequiel Ataucusi Gamonal sendo transportado por obreiros. Fonte: AEMINPU, 2011.

Subitamente a Congregação se viu em uma situação desconcertante de confusão. Junto a isso vinha a pergunta de muitos: quem seria o sucessor do Messias? Frente a essa questão temos o seguinte relato:

Durante varios días, la prensa nacional prestó atención a lo que se esperaba fuese un duro enfrentamiento entre candidatos a erigirse en sucesores de Ezequiel y, sin embargo, olvidó la angustia existencial que, desde ese momento, se apoderó de decenas de miles de peruanos que aguardaban el cumplimiento de las expectativas escatológicas ... Nos encontramos aquí quizás con la pregunta más interesante de cuantas arroja la AEMINPU: ¿qué sucede cuando el mesías muere? (Torre López, 2005)

O mesmo autor destaca ainda que tradicionalmente há três saídas para casos como esse, quando a esperança é rompida, de forma abrupta, como ocorreu com os Israelitas: a primeira se caracteriza pelo desaparecimento do grupo; o segundo por uma espiritualização de uma expectativa do porvir divino, ou o adiamento do momento assinalado; o terceiro é caracterizado por um caminho não muito longo, ou seja, que não duraria muito tempo, e que acabaria voltando para as duas alternativas anteriores. Como veremos no decorrer deste trabalho, a AEMINPU não desapareceu. Houve, sim, uma perda parcial de sua força, mas perceberemos que seu vigor não foi abalado de forma significativa, e isso se deve a uma interpretação bíblica difundida entre os congregados de que o espírito de Ataucusi havia sido transmitido a seu filho Ezequiel Jonás Ataucusi Molina, nomeado “*Misionero General y Príncipe Heredero*” pelo próprio pai nos últimos meses de vida.

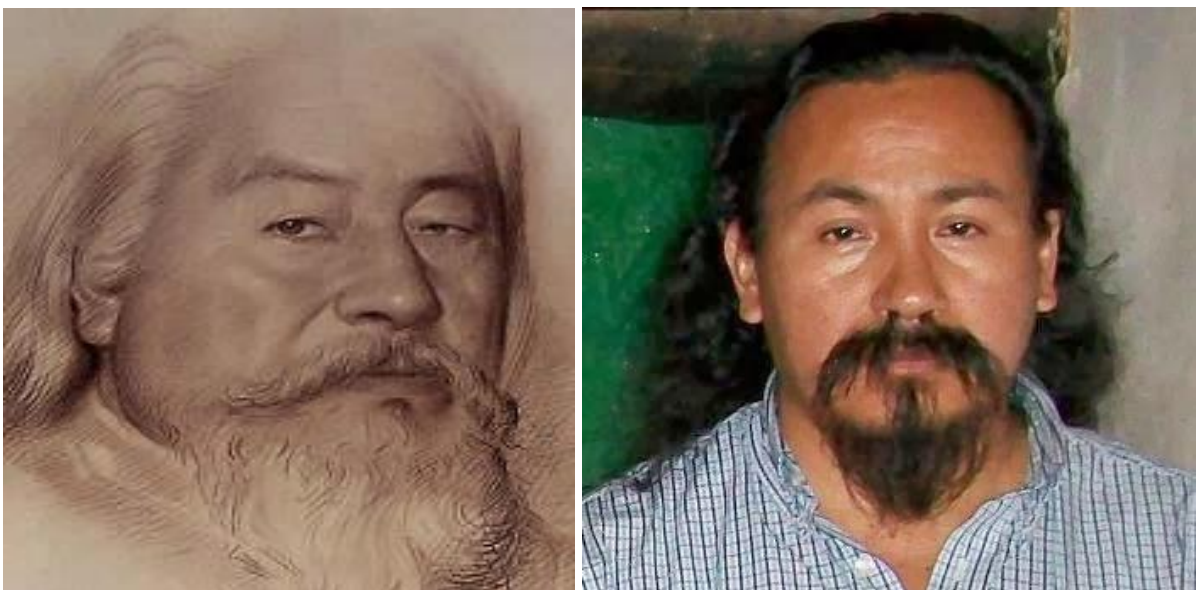


Figura 5 & 6-Ezequiel Ataucusi Gamonal, e seu filho Ezequiel Jonás Ataucusi Molina. Fonte: AEMINPU, 2011.

Ezequiel Jonás Ataucusi Molina é, segundos os autores que estudam a formação desse movimento, um dos filhos mais jovens de Ezequiel, Seu nome não foi escolhido por acaso, segundo a própria AEMINPU, Seu nome tem um significado profético, que é amparado pela bíblia enquanto profecia:

Primer Nombre: Ezequiel, pues, os será por señal; según todas las cosas que él hizo haréis; cuando esto ocurra, entonces sabréis que yo soy Jehová el Señor (Ezequiel 24:24). El primer nombre, que tendrá el cuerpo físico donde morará JEHOVÁ DIOS, es EZEQUIEL; cuando escuches acerca de Ezequiel, cree en él de todo tu corazón (Juan 6:28,29), por que él es tu salvador. Ezequiel significa “Fortaleza de Dios”.

Segundo Nombre: Y apiñándose las multitudes comenzó a decir: Esta generación es mala: demanda señal, pero señal no será dada, sino la señal de Jonás. Porque así como Jonás fue señal para los ninivitas, también lo será el Hijo del Hombre a esta generación (Lucas 11:29 y 30). El segundo nombre es JONÁS; entonces, cuando veas o escuches acerca de EZEQUIEL JONÁS, búscalo, síguelo y cumple con su ley, estatutos y mandatos, no lo abandones nunca, porque ya falta muy poco para que sus promesas sean cumplidas. Jonás significa “Espíritu Santo”.

Apellido: Ata el testimonio, sella la instrucción entre mis discípulos (Isaías 8:16). En estos postreros días nos ha hablado por el Hijo, al cual constituyó heredero de todo, por el cual asimismo hizo el Universo (Hebreos 1:2). Y Joab dijo á Cusi: Ve tú, y di al rey lo que has visto. Y Cusi hizo reverencia á Joab, y corrió (2 Samuel 18:21). El primer apellido que llevará Ezequiel Jonás es Ataucusi y significa que, lleva atada la Ley Universal de Jehová Dios en su corazón y es el Profeta de Dios.

Mas a Jerusalem he elegido para que en ella esté mi nombre, y a David he elegido para que esté sobre mi pueblo Israel (2 Crónicas 6:6). El nombre del Mesías para este tiempo, se encuentra dentro de la palabra Jerusalem; Ezequiel Jonás Ataucusi Molina. Jerusalem también significa de Perú sale Moisés y de Perú sale el Hijo del Hombre; y de esta misma palabra se deriva: Excelentísimo Ezequiel Jonás Arcángel Miguel.

Porque palabra consumadora y abreviadora en justicia, porque palabra abreviada, hará el Señor sobre la tierra (Romanos 9:28). Del revés, del revés, del revés la tornaré; y no será ésta más, hasta que venga aquel cuyo es el derecho, y se la entregaré (Ezequiel 21:27). Porque mandamiento tras mandamiento, mandato sobre mandato, renglón tras renglón, línea sobre línea, un poquito allí, otro poquito allá (Isaías 28:10). Unas palabras en Génesis, otras en Mateo, otras en Apocalipsis, otras palabras serán abreviadas y otras deben describirse al revés, así se lee e interpreta la Sagrada Escritura.

Ezequiel Jonás Ataucusi Molina es el último Rey INCA; Incas significa, ISRAELNACIÓ EN EL CUZCO o CENTRO DE AMÉRICA DEL SUR (Israel es Cristo y es el mismo Arcángel Miguel). ATAHUALPA y HUASCAR CUSI, fueron los penúltimos reyes del Imperio Incásico; y, de aquí, también se obtiene el apellido “ATAUCUSI”, apellido que proviene de la descendencia de la tribu perdida de Dan.

Ezequiel Jonás Ataucusi Molina es la Casa, el Santuario, el Templo o el Tabernáculo de JEHOVÁ DIOS. Y oí una gran voz del cielo que decía: He aquí el tabernáculo de Dios con los hombres, y morará con ellos; y ellos serán su pueblo, y el mismo Dios será su Dios con ellos (Apocalipsis 21:3). Entonces él será por santuario; mas a las dos casas de Israel por piedra para tropezar, y por tropezadero para caer, y por lazo y por red al morador de Jerusalem (Isaías 8:14). Y concertaré con ellos pacto de paz, perpetuo pacto será con ellos: y los asentaré, y los multiplicaré, y pondré mi santuario entre ellos para siempre. Y estará en ellos mi tabernáculo, y seré a ellos por Dios, y ellos me serán por pueblo. Y sabrán las gentes que yo Jehová santifico a Israel, estando mi santuario entre ellos para siempre (Ezequiel 37:26 al 28). (AEMINPU, 2011)

Tomado de significado, o nome do filho de Ezequiel carrega consigo, mais do que referencias para uma liderança, as diretrizes, o pacto e os significados a serem seguidos por todos aqueles que desejam ingressar no convívio direto com o “Deus Vivo”. Além disso, o

próprio nome situa não só a posição da figura de Molina enquanto liderança, mas traduz toda uma cosmologia, tanto espiritualmente quanto física e geograficamente, num passado presente e futuro.

1.3 - ESTRUTURAÇÃO E ASPECTOS GERAIS DA AEMINPU

Denominados vernaculamente como Israelitas, esta nomenclatura é um dos aspectos da identidade religiosa desse grupo que mais se firmou para fora do grupo, pois todos que, muito ou pouco, conhecem a história do grupo os chamam de Israelitas, sujeitos peruanos de origem Andina Quéchuá ou Aymara. A principal explicação desse fenômeno parte de dentro da AEMINPU. Quando perguntados a razão de se chamarem Israelitas, seus fiéis tem de prontidão referência à Sagrada Bíblia Cristã, mais precisamente nas seguintes passagens do novo testamento:

... o povo de Israel. Deles é a adoção de filhos; deles é a glória divina, as alianças, a concessão da lei, a adoração no templo e as promessas. Deles são os patriarcas, e a partir deles se traça a linhagem humana de Cristo, que é Deus acima de tudo, bendito para sempre! Amém. Não pensemos que a palavra de Deus falhou. Pois nem todos os descendentes de Israel são Israel. (Romanos 9:4-8)

Através dessas passagens eles intitulam-se Israelitas, segundo suas próprias palavras, *“Israelitas não por nascimento, mas sim por adoção... existem os Israelitas do oriente, mas nós somos os israelitas do ocidente... o povo escolhido por Deus para enfrentar os últimos dias”* (barba-curta, 13/05/2011). Este tipo de relato é difundido em toda a comunidade, e reproduzido desde o Israelita mais novo até o mais velho encontrado nas comunidades. Os Israelitas, segundo Marzal (S/D), possuem ainda um discurso cercado por dogmas como: a Trindade e a reencarnação que poderiam passar facilmente por, ou serem considerados, Cristãos, mas o que os diferencia é o fato de a figura de Jesus não ter peso de liderança religiosa suprema. Jesus é considerado como detentor de uma missão no oriente, dada por Deus, que foi cumprida; já no ocidente, em um novo tempo, este perde seu peso de mediador entre os homens e Deus, para dar lugar a Ezequiel, que passa a ocupar o papel de Jesus como novo messias. Sua missão é levar o novo pacto divino para com a humanidade a toda criatura.

Os “Israelitas” constituem na região do Alto Solimões um novo grupo populacional – caracteristicamente étnico – de imigrantes que habitam terras amazônicas, originados em sua grande maioria por povos de origem indígena e falantes da língua quéchuá, vindos das terras altas da cordilheira dos Andes e localidades da Amazônia peruana. De acordo com Nascimento

(2006), estes dão origem à crença religiosa da terra prometida, sendo denominados Israelitas por serem ou estarem inseridos em um grupo muito particular, membros de um movimento religioso formado por famílias de origem campesina, inseridas dentro de uma espécie de seita ou doutrina religiosa denominada de “AEMINPU”.

No movimento Israelita seus seguidores são caracterizados por abandonarem suas plantações e conseqüentemente a vida no campo, trocando esta por uma vida na cidade. Nas cidades, como Lima, eles se reestruturam e passam de campesinos a comerciantes. Esta relação se desenvolveu devido ao governo peruano na década de 1950 estar baseado num modelo centralista, uma vez que este obrigava as populações campesinas a migrarem para os centros urbanos, firmando e propondo-lhes melhores condições de vida e trabalho (BARREDO, S/D), tendência em todos países da América Latina devido a urbanização ou industrialização. Através dessa medida muitos campesinos tornaram-se uma representação dentro dos centros urbanos de miseráveis, sem emprego, sem condições de retornar ao campo e sem perspectiva de futuro. Muitos destes campesinos não se encaixavam no modelo de trabalho na capital, tornando-se trabalhadores ambulantes, dentre outras categorias. Eram nessas condições que se encontravam a população que encabeçará a base do Movimento Israelita no final dos anos 70. Através deste movimento muitos veem a chance de reconquistarem seu espaço (correspondente ao campo e atividades próprias) assim como uma ascensão financeira.

Verifica-se em documentos e registros de terras datados de antes da década 1980 que essa população representa demograficamente uma grande preocupação no que se refere à questão migratória, pois antes não existiam essas comunidades Israelitas no rio Javari. Segundo depoimento de Jorge Duarte Marúbo:

... elas começaram a surgir há uns 10 anos, chegando em grande volume populacional a região amazônica – caracterizada primeiramente na Amazônia peruana. Decorrente dessa expansão, hoje em muitas comunidades no Peru e em algumas partes da região do Alto Solimões eles são donos de muitas feitorias como: construções escolares, proprietários de farmácia, etc., mas em pequenas cidades como Benjamin, Islândia, dentre outras, somente dominam uma pequena parcela da economia dos pequenos mercados ou popularmente conhecidos na cidade como mercearias. (apud NASCIMENTO. 2006, p.18)

Pude notar através das obras de Barredo (S/D), Domínguez (2005), Espinosa (1984), Gamonal (1969), Nascimento (2006), Rodríguez (2006) e Scott (1988), uma série de questionamentos vagos e sem embasamento antropológico ou sociológico e muito menos etnográfico que definisse ou descrevesse a participação e a possível influência desse povo na vida da população Amazônica. Enquanto sujeitos habitantes de um espaço de floresta, localizados na fronteira, entre três nações, socialmente organizam-se condicionados a um

convívio ou coerção devido a fatores econômicos ligados a religião. Podemos afirmar que temos em nossas mãos dados empíricos a serem trabalhados sobre a questão migratória tanto dos Israelitas – enquanto peruanos imigrantes – como por futuros projetos e estudos sobre esta temática que é destacada pelo estudo da fronteira, dados estes que vão desde uma nova concepção e reconstrução de uma religiosidade em um novo lócus geográfico e social, até contatos com novas visões tanto de vida como do religioso. Isto altera a vertente composta pela vida social dentro dos parâmetros culturais e religiosos que regem os padrões de vida dentro do ambiente de fronteira e compõe um novo quadro religioso desse movimento.

A expansão real do movimento ocorreu a partir da década de 1970 com o auxílio da reforma do sistema social e econômico, por meio da política de reforma agrária peruana, a qual incentivava a ocupação das áreas de floresta Amazônica através do lema: “Desçamos até a selva”, implantado pelo governo revolucionário do general Velasco Alvarado” (DOMINGUEZ. 2005, p.25). Além disso, no estudo sobre os Israelitas revela-se certo desconforto das populações amazônicas para com a presença desse grupo, em decorrência de um processo criado pela falta de estrutura governamental tanto por parte dos Estados quanto pelas comunidades. Assim, tanto os ribeirinhos como “silvícolas” desta região são de certa forma coagidos, ou condicionados pela religião segundo alguns autores propõem. Neste contexto, o povo Israelita carrega consigo o conforto que a religião traz para as populações mais carentes da região Amazônica, ou comunidades mais isoladas. Esse conforto religioso remete ao poder de cura pelo divino, já que em muitas comunidades amazônicas a saúde é uma área deficiente da estrutura social. Na visão desse grupo os avanços econômicos estão ligados intrinsecamente ao fator religioso. Porém com esses avanços aumenta a degradação ambiental fato este que, segundo Nascimento (2006), é também adotada por este povo, sendo a mesma adotada e largamente aplicada nas sociedades andinas, ou seja, uma estrutura que em muitos casos a natureza, assim como sua população, não comporta, devido haver grande divergência entre os dois espaços geográficos, o andino e o amazônico.

A partir dos primeiros contatos entre o grupo “Israelita” e as populações amazônicas, não especificamente os benjaminenses, criaram-se conceitos acerca dos adeptos deste movimento quanto a real intenção de sua religião no espaço amazônico, devido às divergências cosmológicas – de crença de rituais e práticas sociais relacionadas ao meio religioso ao qual estão submetidas – ou em termos mais concisos, visões ou percepções de mundo muito diferentes. Sobre isso, Rodriguez (2006) nos diz que surgiram as “*divergências de religiosidade na tríplice fronteira, ou como cada comunidade analisa outras religiões a partir da sua própria (...) ou como um universo multi-religioso afeta as relações entre os povos (...)*”. Essas relações,

descritas por Rodriguez, aparecem nas falas dos Israelitas com os quais tive contato em Benjamin Constant como inexistentes, pois os Israelitas afirmam que os brasileiros são abertos para ouvirem a palavra, diferentemente até de seus conterrâneos peruanos, descritos por alguns deles como bem mais fechados a questões religiosas.

O perfil social dos Israelitas consiste numa população formada por migrantes andinos de baixos recursos que se organizam em torno do líder Ezequiel Ataucusi Gamonal para realizar um projeto teocrático de sociedade que tem em seu fundamento os dez mandamentos, enquanto lei superior. Além disso, os Israelitas têm como modelo ideal de trabalho as feitorias e organização Inca. Este fator está diretamente ligado com a questão agrária, ou de trato com a terra, fortemente difundido através das composições andinas de agricultura e do viver da terra, caracterizado entre essa população andina como Mamapacha, ou mãe terra. Já o modelo espiritual está baseado no modelo Evangélico cristão (modelo teocêntrico, composto pela representação de apenas um Deus), definindo Ataucusi – este representando a imagem de Jesus Cristo – como o filho que levará a palavra do pai aos homens (Barredo, S/D). Porém, vale destacar que leituras mais atuais acerca desta visão já se fazem um tanto modificadas e ou renovadas. Assim temos:

Há comunidades israelitas que foram fundadas exclusivamente por brasileiros, que após conhecerem o movimento e identificarem-se com sua perspectiva religiosa, converteram-se e passaram a reproduzir seus aspectos em meio a um novo contexto. Em outros casos as congregações israelitas são fundadas no Brasil por peruanos já naturalizados que vendo a oportunidade, ou abertura, fundam as bases de sua perspectiva religiosa tão peculiar. (Barba-Rala, 26/01/2013)

Sob o aspecto forte do sincretismo, os Israelitas resultam do amálgama de três imagens representativas: a primeira de Manco Cápac, profeta e herói da cosmologia andina, o qual teria ensinado o homem a trabalhar, assim como lavrar e cuidar da terra; a segunda imagem é a de Deus criador da lei real ou dos Dez mandamentos do evangelho; e a terceira e última figura é a de Ataucusi, como liderança do novo povo de Deus, uma espécie de novo Cristo ou um Cristo contemporâneo (Barredo, S/D). Essa aproximação de imagens e figuras divinizadas esteve na base da fundação do movimento Israelita desde o início até os dias atuais.

1.4 - FORMAÇÃO DOS ESPAÇOS ISRAELITAS

Fundada oficialmente em 1968 em Lima por Ezequiel Ataucusi Gamonal, junto a outros colaboradores como Jeremias Ortiz, a AEMINPU possui o intuito de viver em um regime comunitário baseado na reciprocidade e preceitos bíblicos, afirmados por seu fundador como

revelações divinas. Segundo Barredo (S/D), estes adequavam o antigo testamento reinterpretando-o às concepções do universo e à cosmologia da cultura do povo Inca. Baseado na bíblia, principalmente no velho testamento, Ezequiel pregava os dez mandamentos de Moises como as dez leis supremas, as dez palavras de aliança e as dez palavras do pacto (SCOTT, 1988).

O movimento Israelita desde o seu início construiu uma identidade religiosa baseada no modelo de vida do povo de Israel, seguindo as sagradas escrituras em seus ritos de adoração assim como em sua vida cotidiana, suas relações interpessoais, transformando seu hábito de vestir-se, sendo também uma forma de diferenciar-se dos “não-escolhidos”, de acordo com concepções retiradas da Bíblia. Desta forma,

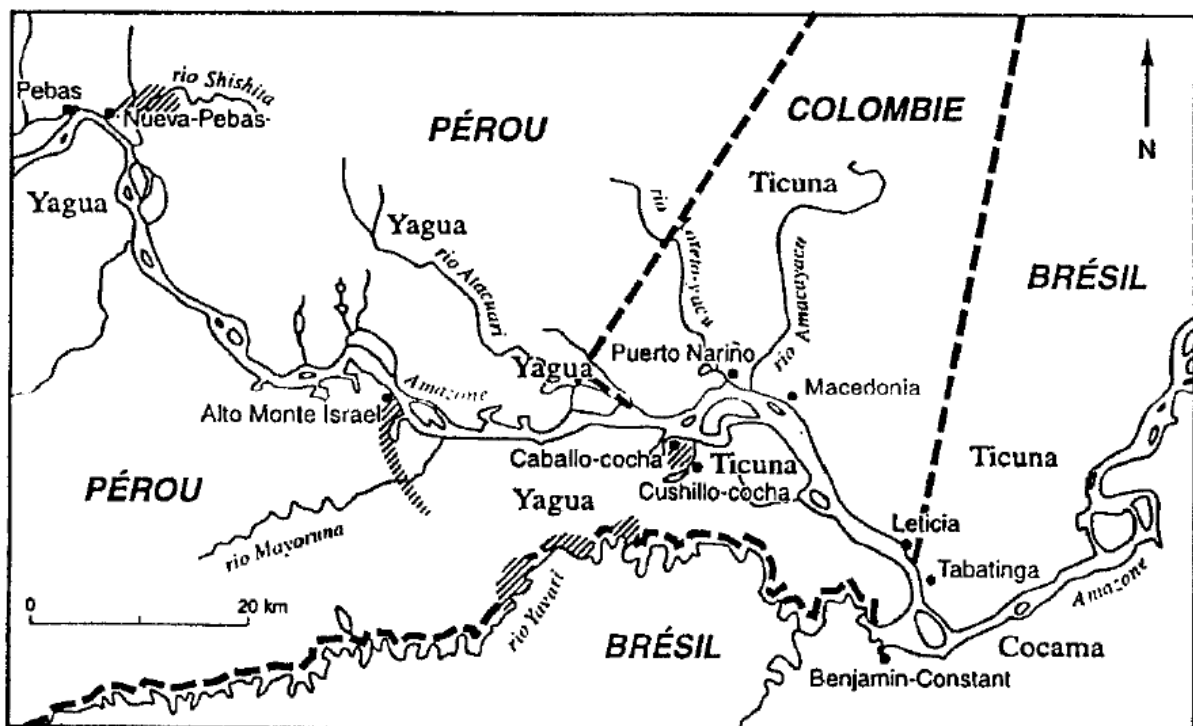
La nueva religión de Ezequiel iba a incorporar todos los factores mencionados para dar lugar a un movimiento religioso distinto marcado por el uso de música autóctona en sus himnos, danzas, ritos y estilo en lo que era una reinterpretación andina de La Biblia. (Scott. 1988, p. 13).

Após a fundação e a estruturação do movimento, Ezequiel começou as intervenções nas mais diversas áreas e lugares, tanto nas montanhas como na Amazônia peruana, aumentando o número de adeptos, tarefa facilitada pelos seus missionários, uma vez que há dentro do movimento a figura dos missionários, que são encarregados de persuadir e convencer, mediante a palavra bíblica, os que serão futuros e novos fiéis. Isso ocorre mediante palavras de impacto como o fim do mundo, o santo povo de Israel e a Terra Prometida, Sete anos e a Quarta Geração. Esta terra, assim como quase todas as suas crenças, partem do pressuposto do Peru ser um território privilegiado, o local de espera para a chegada de uma nova ordem que estaria na zona de fronteira caracterizada como a Amazônia – onde os novos fiéis irão prosperar em conjunto, neste novo espaço, em comunidades ou cidades, já que essa terra lhes foi dada por Jeová. Essa ideologia da terra prometida é interpretada de diferentes maneiras pelos Israelitas: como um país hospitaleiro (no caso do Brasil e a região de fronteira), como um local para conquistar, um lugar de posse definitiva de Jeová, ou seja do povo de Israel (Habel, 2002).

Nessa ideologia da terra prometida, da colonização Israelita, a AEMINPU apresenta ainda outra combinação, envolvendo três interpretações: a Amazônia é imaginada como um hospital; uma região de abundância; uma terra prometida pelo Senhor, esta última, muito difundida para exemplificar a conquista de locais, que se deu por disputas árduas com as populações locais. Segundo Chaumeil (2000), o projeto de assentamento Israelita pode ser expressado também dentro de uma utopia ecológica, pois segundo este autor, os Israelitas carregam consigo um discurso que não é muito diferente daqueles que alguns ambientalistas

anunciam: a Amazônia é uma terra de abundância, reserva verde da humanidade, o pulmão do planeta.

Meus informantes (assim como toda a comunidade Israelita) carregam consigo, sempre, o seguinte discurso “a Bacia Amazônica é uma área intocada, uma bacia fértil escondida sob o manto da vegetação, um paraíso terrestre, uma terra rica onde o fluxo do “leite e mel” é abundante”. Para os Israelitas, a solução para a pobreza, para a violência e outras mazelas globais, está na subordinação a vontade divina, que encontra respaldo no projeto de colonização, de criação de uma microrregião “independente”, como uma potência agrícola, com um poder político e econômico. Frente a esse discurso messiânico e as ideias de colonização e do chamado do profeta Ezequiel, milhares de devotos de Lima e de outros centros urbanos da costa do Pacífico começaram uma jornada mística para a “Terra Santa”. Segundo Désilets (2011), entre a logística e os desafios ambientais, disputas internas, disputas com as autoridades locais, disputas com os povos indígenas, estiveram na origem dos grupos de assentamentos agrários ao longo dos rios Ucayali e Amazonas Yavarí. Como mostra o mapa desenvolvido por Chaumeil (2000):



▨ Principales zonas de colonisation Israelita

No mapa produzido por Chaumeil (2000), vemos as principais colônias Israelitas localizadas ao longo do rio Amazonas. Na província de Mariscal, Ramón Castilla, Departamento de Loreto, encontra-se a principal e primeira das colônias Israelitas, denominada de “Alto Monte Israel”. Localidade que antes da chegada da AEMINPU contava originalmente com cerca de cinquenta famílias de etnia Yagua transformou-se rapidamente na capital regional da Associação Israelita do Novo Pacto Universal. O movimento tornou-se na região, segundo Chaumeil (2000), o pilar central da colonização agrícola, apropriando-se de uma extensão de terra de mais de dez mil hectares. Capital espiritual que, segundo este autor, no início da década de 1990, do Movimento Israelita na região amazônica, reuniu cerca de sete mil colonos. No final da década de 1990, este projeto de assentamento Israelita havia tomado proporções ainda maiores, instalando-se no extremo leste da Amazônia, ao longo dos rios Atacuari (fronteira com a Colômbia, região conhecida como Trapézio Amazônico) e Javari (fronteira com o Brasil). Estabelece nesta frente, uma dúzia de colônias em Pebas Nuevo, Sol Sinai Puerto Saliente, Nuevo Perú, Tawantinsuyo, Santa Rosa, São Pedro, Nova Jerusalém, Arco Iris, Nova Canaã, Porto Amélia, Islândia na parte peruana. Já na parte brasileira, se concentra nas cidades de Tabatinga, Benjamin Constant e Atalaia do Norte.

Nos espaços de fronteira podemos incluir a cidade colombiana de Leticia, capital no Departamento do Amazonas, onde, a quarenta quilômetros desta cidade, encontra-se a comunidade Israelita Leão de Judá. A ideia de alcançar a terra prometida é tão forte nessa comunidade quanto nas comunidades no lado brasileiro e peruano. Há ainda expansões Israelitas, como afirma Chaumeil (2000), em outras regiões da Colômbia, no Departamento de Cauca (nas cidades de Cali, Popayan e Santander de Quilichao), bem como no Brasil, nos Estados do Pará, Roraima além do Amazonas. Segundo relatos da comunidade AEMINPU em B. Constant, naqueles estados as comunidades se concentram nas Capitais, Boa Vista e Belém, além de estarem presente em outros Estados como São Paulo e Ceará (ambos também na capital), alguns de forma oficial, outros procurando os meios para a legalização definitiva enquanto Igreja.

Com o foco diretamente sobre as três cidades localizadas na parte fronteira brasileira, destaco uma grande participação social e econômica, nas cidades de Benjamin Constant e Tabatinga, onde o volume populacional Israelita é considerável e visível, pois, diferente de Atalaia do Norte, que não se observa um movimento dessas pessoas junto aos populares locais, somente poucos comércios. Em Tabatinga e B. Constant encontra-se uma movimentação tanto dentro dessas respectivas cidades, como para fora, de mercadorias, produtos e serviços Israelitas. O trânsito de pessoas e mercadorias é intenso e não se restringe somente aos

Israelitas, pois há muitos comércios de Peruanos não participantes do Novo Pacto Universal. Os fluxos se dão em Tabatinga (Brasil) e Santa Rosa (Peru) onde há um constante desembarque de produtos agrícolas, gasolina e outros produtos; já em B. Constant (Brasil) e Islândia (Peru) é basicamente a mesma situação, com um adendo, os Israelitas que abastecem os comércios em B. Constant, também distribuem mercadorias em Atalaia do Norte (cidade a 26 km de distância). Inspirados por essa prosperidade muitos Israelitas migram desde as comunidades da Amazônia Peruana, como das comunidades instaladas nos Andes e nas da Costa peruana. Veremos no próximo capítulo, justamente quais os motivos, religiosos e econômicos, assim como o papel que desenvolvem na sociedade a qual estão inseridos, se este papel é passageiro, ou seja usam a região de fronteira somente como uma rota para acessar as regiões metropolitanas do Brasil, não estabelecendo uma estrutura social, econômica e cultural nessa região de fronteira mais especificamente em B. Constant.

CAPÍTULO 2 – PROCESSO DE FORMAÇÃO DA IDENTIDADE, AS EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS: A RELEVÂNCIA DA COSMOLOGIA ANDINA

2.1 - CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Pode-se perceber duas estruturas de afirmação dentro do movimento Israelita: uma espiritual, enquanto tipo ideal de religião, “*quem não é ou pertence ao meio Israelita está fadado ao fracasso espiritual e a condenação eterna*” relata Barba-Negra (diário de campo, 04/06/2010); outra física, “*deixamos nossos cabelos e barbas crescerem para nos diferenciarmos dos ditos estrangeiros*” – em alguns casos denominados como mundanos (Barba-Negra, 03/07/2010). Para entendermos melhor os Israelitas presentes em Benjamin Constant temos que relacionar essas duas esferas de forma conjunta, pois uma é a regra a outra é a prática desta regra. Assim temos:

Enquanto religioso, nós israelitas nos compomos, no singular e não no plural, um pastor, um rebanho, um curral, a casa de Israel (sempre Israel por adoção), reiterando com a composição do um, um pai, um filho, um espírito (santo), um matrimônio, o arrependimento é um, a crença é uma, a congregação também, uma casa de oração. Todo o universo israelita é composto por um, que substituído no decorrer do tempo por mais um, sucessivamente. (Barba-Negra, 29/08/2013)

Identidade, segundo Cuché (2002, p. 177), “é um instrumento que permite pensar a articulação do psicológico e do social em um indivíduo. Ela exprime a resultante das diversas interações entre o indivíduo e seu ambiente social, próximo ou distante”. Assim, falar do processo de construção da identidade Israelita remete a uma classificação em duas dimensões: um aspecto cosmológico, uma doutrina que orienta esses indivíduos no mundo; e um aspecto referente aos elementos culturais visíveis, como a indumentária, atuação profissional, e aspectos físicos como cabelos e barba longos. De acordo com Dominguez (2005), os Israelitas se caracterizam por suas mulheres sempre se disporem publicamente cobrindo o cabelo com um véu, sendo ele usado pelas mulheres desde a infância. Quanto aos homens, são caracterizados pela barba e cabelo compridos, alguns vestindo batas e túnicas que imitam as da cultura hebraica.

Ainda que eles não sejam identificados, ou não se denominem como grupo étnico, fica evidente a aproximação identitária com os Israelitas “originais” posto que põem em evidência duas ordens de fatores agregados à identidade, assim expressos nos termos de Barth (2001, p.194): “1. Sinais ou signos manifestos – os traços diacríticos que as pessoas procuram e exibem para demonstrar sua identidade, tais como o vestuário, a língua, a moradia, ou o estilo geral de

vida; e 2. Orientações de valores fundamentais – os padrões de moralidade e excelência pelos quais as ações são julgadas.”

Portanto, a identidade constitui uma categorização recíproca e pragmática, que pessoas e grupos sociais realizam como expressão de processos de contraste entre essas categorias, nos quais se encontram inseridos e que regulam o acesso a recursos materiais e/ou simbólicos (GEERTZ, 1989). A identidade também explicita as posições e papéis pertinentes dos indivíduos num dado sistema social, muitas vezes assimétrico com relação aos grupos mais específicos e a sociedade nacional (Barth 1998).

A composição dos Israelitas em B. Constant não difere quase nada de sua formação no Peru ou em outros países, pois se organizam da mesma forma que nos demais locais, tentam manter um convívio de forma amigável, em muito dos casos solidaria, com a população local, sempre em busca de novos adeptos. Barba-Negra esclarece – enquanto passa a mão em sua barba e cabelos compridos – que *“para estar em real comunhão com Deus é preciso distinguir-se dos não Israelitas”*, ou, como biblicamente eles afirmam “dos estrangeiros”. E vai além: afirma que este povo (segundo Isaias 61;9) tem que ser diferente, tem que haver características próprias para quem observar poder afirmar: “ali está um Israelita”. Sempre fazendo menções a passagens bíblicas (deuteronômio 6;7), o interlocutor afirma:

Se uma pessoa se diz cristã (evangélico ou católico) e está com a bíblia empunhada, se afirma a respeito desta: “lá vai um cristão”, mas se nesta mesma pessoa retirarem este livro de suas mãos, ninguém saberá sua indicação religiosa... Mas se possuir os adjetivos físicos descritos na bíblia logo as pessoas saberão, e afirmarão, ali está um israelita de Deus, com bíblia ou sem bíblia as pessoas sabem que somos o povo do Senhor. (Barba-Negra. 17/04/2010)

Assim, ele afirma que não é uma obrigação o uso da barba e cabelo compridos, ou, no caso das mulheres, o uso do véu e cabelos compridos. Observo que a coerção não parte (de certa forma) do grupo do movimento Israelita, mas transferem, de certo modo, o papel coercitivo para a própria consciência religiosa de cada indivíduo, compelindo e repassando suas características através de uma ação velada onde a religião, o divino (inconsciente), tem o papel de cobrador de tais características, sendo as pessoas simples apontadores dos caminhos mais certos (ou acertados), segundo a visão de Barba-Negra. De fato, em minhas excursões ao templo dos Israelitas em B. Constant, percebi certos comentários um tanto maliciosos a respeito dos irmãos que portam cabelos curtos, tanto sobre eles próprios quanto sobre os motivos que os levaram a tal ato de desobediência às ordens e condutas divinas. Isto porque o grupo se mobiliza em torno do acionamento de máximas religiosas como esta: *“porque tu és povo santo de Jeová teu Deus, te escolhendo para fazer parte de teu povo, seres especiais, acima de todas as denominações na terra”*. (Barba-Negra. 17/04/2010).

Quanto aos princípios cosmológicos e doutrinários da constituição identitária do movimento nota-se a aproximação sincrética, como já referimos no capítulo anterior, entre o discurso bíblico e o imaginário Inca. Isto pode-se ver nesta fala de Barba-Rala:

Lemos em Isaias sobre o meio-dia, esse meio-dia destacado neste livro refere-se a Macchu Picchu, porque a nível mundial há somente um meio-dia que é referência a esta cidade que se localiza no distrito de Cuzco, sendo que não há outro meio-dia mundialmente falando, sendo esta cidade o local ao qual deve-se levantar novamente os dez mandamentos de Deus. Então, foi dessa forma que Isaias profetizou para o futuro e assim ocorrerá... Nosso mestre – referindo-se a Ezequiel Molina, filho de Ataucusi Gamonal líder atual do movimento israelita – usa através de partes tudo que a bíblia pode ensinar, não modificando e nem procurando adicionar outras coisas à palavra sagrada – mas acabou de realizar tal proeza – nem nada fora de seu contexto... se queremos ensinar sobre o sábado e o repouso, ensinamos tudo biblicamente... numa tentativa de chegar ao que significaria cem por cento de ser israelita. Mas, enquanto homens não chegaremos a tal feito, pois as vezes nos portamos de forma má perante os olhos de Deus, sendo que aos olhos de alguns brasileiros nos portamos de forma muito boa porque não bebemos, não fumamos, mas sim somos trabalhadores e mesmo assim falta a nós melhorarmos muito ainda. Nossa vida se resume na busca por uma determinada perfeição espiritual refletida no plano social e moral de vida. (Barba-Rala. 10/04/2010)

Esses valores e princípios doutrinários se inscrevem na máxima religiosa que consiste na busca pela terra prometida ou a Nova Jerusalém. De ligação muito forte com a terra, estes chegam à Amazônia com o intuito de promover feitorias como as de criação de gados, criação de ovelhas e plantações de diversos tipos de hortaliças e vegetais. Devido a essa vasta cultura de criação agrícola, os Israelitas são responsáveis pela devastação de uma área de floresta às margens dos principais afluentes do Amazonas – bacia do Yavarí-Mirin e o baixo rio Javari - baixo Javari perto de Islândia e no baixo Amazonas peruano perto de Caballococha (município do baixo Amazonas peruano). O que precede permite considerar os Israelitas como sendo um grupo, na perspectiva de Barth (1969), não necessariamente baseado na ocupação de territórios exclusivos; e os diferentes modos pelos quais eles se conservam; não só por meio de um recrutamento definitivo, mas por uma expressão e validação contínuas. Dentro da sua perspectiva interpretativista Geertz também sublinha que “os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ethos de um povo, o tom o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticas e sua visão de mundo” (1989: 67).

O que precede permite proceder, de certo modo, a uma aplicação dos conceitos de Geertz ao grupo que estamos analisando, uma vez que observamos um “código social estabelecido” aos “Israelitas do Novo Pacto Universal”, grupo formado, majoritariamente, por migrantes andinos de baixos recursos econômicos e ex-membros de congregações católicas e de outras denominações religiosas.

Portanto, os israelitas caracterizam-se como um grupo social portador de uma identidade própria. Recordemos, com Barth (1969), que a identidade se define na relação “nós” e “outros”,

enquanto resultado de interações sociais que selecionam e estabelecem traços físicos ou culturais, valores, instituições etc., como signos diacríticos entre pessoas e grupos para definir formas, regras e padrões de relacionamento com os mesmos.

No caso dos Israelitas, suas especificidades no processo de diferenciação são evidenciadas pelos informantes na exposição do cabelo longo. Mas, não se trata somente de um dispositivo, um signo físico. O cabelo longo também detém um significado simbólico específico no grupo. Ele guarda uma relação direta com Deus. De fato, segundo Barba-negra, é através deste elemento físico que Jesus envia seu conhecimento. Assim, “não adianta querer enganar a Deus, pois é através de um elo direto que há entre os cabelos e o divino que se cumpre os mandamentos ou a trajetória de vida preparada para cada um em sua passagem pelo mundo”. Essa comunicação com Deus, segundo ele, é como uma transmissão de rádio captada por antenas onde Deus representa as ondas de rádio e o cabelo dos Israelitas é a antena receptora. Para justificar sua fala, como sempre faz, relata a história de Sansão (personagem bíblico, cuja história encontra-se em Juízes 16;17-20), que ao raspar sua cabeça por meio de uma emboscada perdeu o elo descrito acima.

É através desse tipo de raciocínio básico e lógico, intermediado sempre pela Bíblia (ou baseado nesta), que esta população vive e constitui sua relação social com o outro, aqui encabeçado pela população benjaminense.

Assim como Sansão, os Israelitas também possuem o chamado voto nazireu, que significa dedicação a Jeová e somente a Ele. É neste voto que baseiam-se as características que marcam, ou que se impõem aos Israelitas como sendo prática correta de vida, a todos aqueles que participam do movimento instituído por Ezequiel Ataucusi Gamonal. Neste voto encontram-se as seguintes regras: não raspar os cabelos da cabeça, o que inclui, em uma visão particular dos adeptos deste movimento, a barba e o cabelo; não beber bebidas alcoólicas, incluindo o próprio vinho (ou qualquer produto derivado da uva); não comer carne imunda, caracterizada pela figura do suíno; e não fazer inscrições na pele ou tatuagens. Fechando esse aspecto característico dos Israelitas, o cabelo e barbas compridos, Barba-Negra retrata, referindo-se aos muitos salões de beleza de B. Constant, barbearias e afins, que eles são locais de morte, morte espiritual, pois é onde se corta o elo que liga os homens a Deus, sendo que os cabeleireiros por analogia estão mortos espiritualmente e nem sabem de tal condição. Por isso mesmo, todo aquele que quer ser filho de Deus deve manter seu cabelo longe das tesouras.

Outro elemento da identidade doutrinária Israelita é explicitada por Barba-Negra, quando afirma: *“os mundos espiritual e material se aproximam, com preeminência do primeiro, pois assim como temos que trabalhar para adquirirmos lucro e recompensas, da*

mesma forma deve ser como o espiritual”. Alcançando, portanto, a Glória Divina desde que for realizada de forma correta, ou seja, na forma Israelita. Além disso, a busca espiritual pode ser realizada na busca material, não de ascensão econômica, mas de algumas situações que explicitam e simbolizam os sinais físicos da passagem de Deus na terra, ou de seus representantes. Por isso mesmo, os Israelitas (pelo menos os que entrevistei) encontram-se sempre de posse de pastas com inúmeras fotocópias, entrevistas, artigos⁹, que evidenciam esses sinais: em uma ocasião mostraram-me uma fotografia retirada da internet (algo como um cartão postal, imagem abaixo), mostrando que nas montanhas de Macchu Picchu observava-se a face de um gigante adormecido, logo caracterizado por eles como sinal de que esta região um dia foi habitada por um povo escolhido de Deus, e que ao desobedecer suas ordens sofreram as duras penas divinas; noutro momento, mostraram-me um artigo “científico” que põe a região andina de Macchu Picchu como centro do universo, como “o umbigo do universo”; outro artigo que descreve minuciosamente as características físicas de Jesus Cristo.

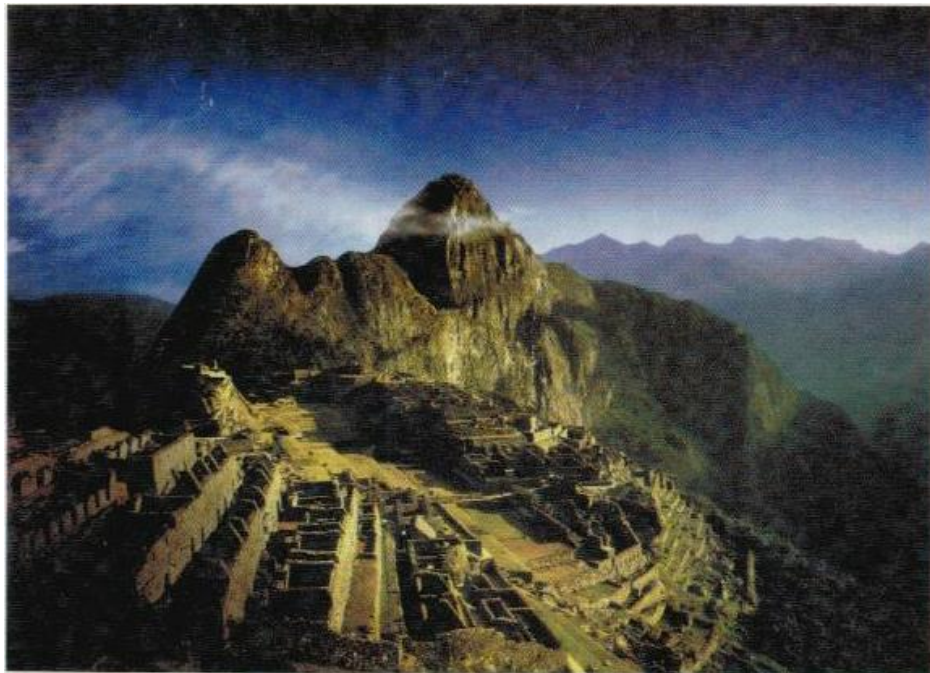


Figura 8-Imagem de um cartão postal, onde vemos o rosto de um gigante adormecido. Fonte: AEMINPU, 2011.

Posto que os Israelitas são detentores dos elementos identitários acima referidos, concluímos que estamos diante de um grupo social antropologicamente reconhecido como tal. Ou seja, um grupo composto por membros que se identificam e são identificados por outros

⁹ Ver anexo fotos, recortes de jornal e revistas com matérias sobre AEMINPU.

como se constituíssem uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo (Barth. 1969: 190). Evidentemente que não estamos, como não cabe à antropologia, efetuar uma “identificação religiosa” do grupo mas produzir o conhecimento sobre essa “identidade religiosa”, enquanto um processo social e político que engendra mecanismos de diferenciação e manutenção de fronteiras ou limites entre pessoas e grupos sociais particulares. Weber Salienta o seguinte ponto:

Assim como toda comunidade pode atuar como geradora de costumes, atua também de alguma forma, na seleção dos tipos antropológicos, concatenando a cada qualidade herdada probabilidades diversas de vida, sobrevivência e reprodução, tendo, portanto função criadora, e isto, em certas circunstâncias, de modo altamente eficaz. (Weber. 1994, p. 269)

Ainda na esteira de Weber podemos reforçar a ideia de que os Israelitas compõem uma comunidade religiosa portadora de uma identidade própria. Segundo o sociólogo, a identidade ocorre “quando é sentida subjetivamente como característica comum pelos seus membros” (WEBER. 1994). Isto porque a AIMINPU Brasil é formada por membros que apesar das diferenças econômicas e sociais existentes entre eles, se põem em condições de igualdade com todos os outros israelitas. Assim, apesar das diferenças externas, dentro do movimento a religião os iguala, reduzindo as diferenças e colocando-os em um mesmo patamar de igualdade social.

2.2 - PRECEITOS RELIGIOSOS: O PENSAMENTO MILENARISTA

Na perspectiva milenarista, a figura do salvador, enquanto representante divino, é visto como principal pilar da religião. Esta crença é parte integrante da religiosidade da AEMINPU. Porém, a crença milenarista comporta também outras características, também presentes no movimento Israelita. São elas: a crença de que a felicidade do paraíso será vivenciada pelos fiéis como uma coletividade; a crença que o paraíso será terrestre, no sentido de que será realizado na Terra e não em algum outro mundo; a crença de que ele será iminente; será total pois a Terra não será somente mudada, mas completamente transformada; a crença de que será produto de um milagre, pois deverá ser alcançado através de ou com a ajuda de agentes sobrenaturais (Cohn, 1993 apud Clarke, 2000, p.107). Destaca-se dentro deste último aspecto, especificamente no contexto Israelita, a presença do Deus encarnado Ezequiel Ataucusi Gamonal. Atualmente (após a morte deste líder) a representação divina é constituída pela figura do anjo Miguel – este sendo o anunciador, segundo a sua interpretação da bíblia, do apocalipse

– presente entre os homens, através da figura de seu Filho Ezequiel Jonas Ataucusi Molina, assinalado para os últimos dias, como descrito pela AEMINPU:

Al que venciere, yo lo haré columna en el templo de mi Dios, y nunca más saldrá de allí; y escribiré sobre él el nombre de mi Dios, y el nombre de la ciudad de mi Dios, la nueva Jerusalén, la cual desciende del cielo, de mi Dios y mi nombre nuevo (Apocalipsis 3:12). Entonces verán las gentes tu justicia, y todos los reyes tu gloria; y te será puesto un nombre nuevo, que la boca de Jehová nombrará (Isaías 62:2). Por tanto, mi pueblo sabrá mi nombre por esta causa en aquel día; porque yo mismo que hablo, he aquí estaré presente (Isaías 52:6). Para el final de los tiempos, Jehová Dios tenía que venir a la tierra (Juan 14:16,17), con un nombre nuevo, Jonás y es el mismo Mesías o Salvador (Hebreos 13:8). El nombre nuevo, solo lo conocerá su pueblo, los Israelitas, no los de medio oriente, sino, los Israelitas Occidentales, los gentiles o egipcios convertidos a Jehová (Nahúm 3:13. Isaías 19:16). La nueva Jerusalén, la que desciende del cielo, es el mismo Dios. (AEMINPU, 2011)

Importa frisar que além das características acima referidas, presentes também no Movimento dos Israelitas, há outra, que envolve também os membros destes grupo messiânico-milenarista, que corresponde às situações sociais difíceis porque passavam os camponeses que aderiram ao movimento e que, ao assim proceder, buscavam melhores condições de vida. Daí a importância da noção de terra prometida e das novas condições de subsistência produzidas dentro do grupo¹⁰. Ou seja, após a instalação das comunidades Israelitas na Amazônia, fundamentada na perspectiva da terra prometida, formou-se toda uma rede de cooperativas agrícolas que tendiam a produzir e reproduzir uma estrutura de produção agrícola andina em meio aos grupos étnicos e comunidades amazônicas (Nascimento, 2006).

Já foi dito que na concepção dos Israelitas, a Amazônia é tida como a terra prometida por Deus ao povo de Israel (Espinosa. 1984). Acreditam que neste lugar serão poupados dos castigos de Deus que irão assolar os ímpios e pecadores pois a terra secará, mas a Amazônia estará livre de tudo isto e o povo Israelita encontrará sua salvação. Desta forma, como foi descrito anteriormente, há neste movimento uma tendência de migração dos novos fiéis nos assentamentos na selva.

Em terras amazônicas, tidas, portanto, como a Terra Prometida, onde será implantado o milênio na terra, os Israelitas transformam o meio geográfico a sua volta para a construção do milênio e a chegada do juízo. Com isto gozam de uma auto realização já que seguindo esses passos estão cumprindo ordens divinas e retransmitidas para os homens por meio do Arcanjo Miguel.

¹⁰ Este milenarismo foi de forma bem sutil incentivado pelo governo peruano nos anos setenta durante as políticas governamentais de colonização da selva.



Figura 9-Ezequiel Ataucusi Jonas Molina ou Arcanjo Miguel. Fonte: AEMINPU, 2011.

A terra amazônica detém, portanto, uma simbologia crucial para os Israelitas. Por isso, os neo-convertidos de outras regiões peruanas tendem a se deslocar o mais rápido possível para elas, já que o fim do mundo está cada dia mais próximo. Para que a viagem ocorra, muitos adeptos do movimento vendem suas propriedades. Chegando às novas terras, são obrigados a inscrever-se em algumas das muitas cooperativas (das quais falarei mais ao longo do cap. 3) que junto aos primeiros Israelitas que desceram a Amazônia formaram os acampamentos (ou assentamentos), cooperativas estas que formaram toda uma rede de produção agrícola na qual se inserem os recém chegados, além de algumas comunidades indígenas já habituadas aos Israelitas e algumas comunidades ribeirinhas (Barredo. S/D, p.194).

Condizente, portanto, com o imaginário do milenarismo, os Israelitas de outras regiões peruanas começaram um deslocamento e expansão para as áreas de fronteira próximas ao Brasil e Colômbia, expandindo as “Terras Santas” por meio da disseminação de seus fundamentos religiosos, assim como por meio de lotes de terras doadas pelo governo (peruano), ou mesmo compradas por grupos de famílias organizadas em um regime de colônias. Sobre esses motivos, que deram base aos intuitos dos Israelitas e os levaram a migrar para B. Constant, Barba-Negra respondeu:

Para cá, não vim por mera casualidade, mas sim por uma ordenança de Deus. Abandonei muitas coisas, como, uma casa de alvenaria, todas as facilidades da vida em uma cidade grande. Assim, para vir a essa região muitos irmãos juntam seu dinheiro, seja muito ou pouco, mas não é por isso que eles permanecem aqui, e esta condição a qual nos subjugamos não é imposta por ninguém. Dentro do movimento há pessoas letradas e iletradas, pessoas que tem dinheiro, muito dinheiro e possuem empresas dentro da Amazônia – mas eu não gosto de pedir – pessoas que dizem:

precisa de quanto? ... e doam tal essa quantia (obrigado a Deus!), o que mais? ... e ninguém obriga ninguém! ... e são profissionais, advogados, engenheiros. Mas o Senhor vai diferenciar, por haverem muito no Peru, na Colômbia e até no Brasil, israelitas que não usam a barba e o longo cabelo, características fundamentais do ser israelita. (Fala de Barba-Negra, 22/11/2013)

Segundo Espinosa (1984), cidades peruanas como Apiyacu, Cabalococha e Islândia – e a brasileira, B. Constant – além de serem lotes de terras pertencentes a essas sedes comunitárias Israelitas por meio de doação e compra, ou segundo os próprios Israelitas promessas divinas, foram escolhidos por eles para esperarem pelo fim do mundo, como designado na concepção milenarista (Clarke, 2000). Nessa espera encontramos fatores que demandam uma série de eventos como a conquista do comércio local, pois devido sua concepção fortemente ligada à agricultura articularam-se de tal maneira que dominaram o cenário de venda, tanto no comércio de produtos industrializados como na venda de produtos agrícolas nas cidades B. Constant, Atalaia do Norte, Tabatinga e Santa Rosa e Islândia, disputando diretamente muitas vezes com o comércio local, principalmente com os pequenos comércios, e com outros produtores locais, como os indígenas, ribeirinhos e outros.

Portanto, a presença dos Israelitas na cidade de B. Constant não é somente uma consequência, única e simplesmente, ligada aos avanços de uma população ao longo dos rios e regiões a procura de regiões desabitadas. Ao contrário, B. Constant, assim como Ampiyacu, Cabalococha e Islândia, cidades localizadas a alguns quilômetros da fronteira com o Brasil, constituem-se em locais onde os Israelitas afirmam ter encontrado a Terra Prometida por Deus aos homens. Isto não deixa de ter relação com a prosperidade encontrada pelos Israelitas na região.

A partir de sua chegada na cidade de Islândia, os Israelitas não se adaptaram muito bem às condições climáticas que a região oferece como temperaturas muito altas durante o dia permanecendo quase que da mesma forma a noite, devido umidade, além dos longos períodos de chuva, mas se adaptaram muito rápido as condições socioeconômicas da região, sendo que pouco tempo depois, começou uma circulação que mais tarde resultou na instalação de pessoas ligadas a AEMINPU na cidade de B. Constant, onde foram bem recebidos pois os bens econômicos que produziam, majoritariamente de origem agrícola, eram baratos e de fácil acesso a todas as classes da população benjaminense. Antes da década de 1990, a presença dos Israelitas na cidade de B. Constant era mínima. Os seus bens chegavam à cidade provenientes das cidades peruanas de Cabalococha e Islândia. Conforme os anos se passaram os Israelitas começaram a migrar de forma mais intensa devido a valorização da moeda brasileira e a facilidade de realização de negócios, sem fiscalização, o que tornava o comércio de seus

produtos na cidade de Benjamin extremamente lucrativos a eles que investiam em Soles (moeda oficial do governo peruano) e seus lucros eram em Reais. Assim, com uma geografia econômica favorável, segundo Barba-Vermelha:

Os irmãos começaram se instalar em locais estratégicos para venda e para levar a palavra de salvação, pois este povo está em um local escolhido por Deus e não sabem! Temos que alertá-los! Hoje encontra-se pregados (no sentido de conquistados para Deus) toda a estrada que vai para Atalaia do Norte (BR 307), a rua 13 de maio, 21 de abril e a estrada de Bom Jardim. (Diário de campo, 01/11/2014).

Em tais locais, assim como relatados por Barba-Vermelha, concentra-se a maior parte do comércio Israelita. Com o passar dos anos começaram a ganhar espaço em meio ao mercado municipal da cidade e nos últimos anos são donos de pequenos comércios dentro da cidade e espalhados por ela¹¹. Muitos israelitas moradores desta cidade e seus filhos frequentam escolas benjaminenses. Aqui, em terras “estrangeiras” procuram transmitir as mensagens do fundador, procurando despertar nos nativos a consciência de que estão localizados numa terra santa.

Após sua estruturação e ampliação (no que se refere a seus adeptos), o movimento israelita precisava cumprir sua predestinação, segundo Granados (1986), que de acordo com sua cosmologia e ligações referentes a questões autóctones, relaciona-se a sua chegada a terra prometida. Para isso, seu líder apresentou uma proposta ao presidente Fujimori das chamadas “Fronteiras Vivas” que visava formar um contingente de proteção dos limites territoriais do Peru, onde este objetivava:

... o assentamento de membros da congregação Israelita nas áreas de fronteiras. Dessa forma estariam protegendo essas áreas da ação de grupos subversivos e expandiria o seu movimento pelas fronteiras do Peru com o Brasil e Colômbia. (Nascimento. 2006, p. 22).

Sob o nome de “Fronteiras Vivas” foi criado um grande projeto de assentamento na região amazônica, principalmente entre a região alvo deste estudo, a fronteira Brasil (Benjamin Constant) e Peru (Islândia). Este projeto permitiu que muitos israelitas se deslocassem das áreas de produção agrícola localizadas nos altiplanos andinos, para realocarem-se e desenvolverem uma produção agrícola e colonização das áreas amazônicas, projeto este que foi fomentado pela Fundacion del Desarrollo Agropecuario del Peru (FUDEAGRO). Ali, segundo sua visão messiânica e milenarista, visavam estabelecer um território povoado exclusivamente por convertidos, dando-lhes pleno uso e acesso definitivo à terra. A conquista deste espaço "sagrado" deve ser efetuada por meio de uma reinterpretação estratégica do judaísmo,

¹¹Podemos observar a disposição e localização dos comércios Israelitas em B. Constant no mapa situado no capítulo 3, p. 72.

particularmente o seu pilar mitológico, mito bíblico central da "Terra Prometida", enquanto a Amazônia, para um "Povo Escolhido", os Israelitas AEMINPU.

Como já foi dito, a história israelita na Amazônia começa a partir das décadas de 1970 e 1980, estando relacionada com as políticas governamentais de colonização da selva, elencadas a decadência e a deterioração das condições de plantio e subseqüentemente da vida campesina nos Andes. Esta população se vê obrigada a migrar em busca de novas terras e condições para sua subsistência, apoiando-se desta forma na estrutura criada por Ezequiel e seus colaboradores, para realização de um projeto de colonização da Amazônia.

Os Israelitas foram obrigados a aprender técnicas agrícolas da região, e, além disso, procederam a uma certa deterioração do meio ambiente uma vez que não se estabeleceram nessa região unicamente para esperar a vinda de um futuro paraíso. Através do projeto AEMINPU de colonização, ou "Fronteiras Vivas", os fiéis empreenderam a construção de uma nova norma social, cultural, econômica e política através da participação ativa de milhares de colonos vindos dos mais diversos locais do Peru para abrigarem-se na "Terra Prometida". A degradação ambiental se instala a partir da chegada desses milhares de fiéis, seja para uma instalação permanente, ou passageira na região Amazônica. Eles contribuem com a abertura de vários milhares de hectares de terras para plantações e pastagens (criação de bovinos e ovinos em algumas das comunidades), a construção de casas de farinha, de microempresas de carpintaria, padarias e laticínios (Chaumeil, 2000).

Outro fator que contribui para alguma degradação de áreas de floresta é a construção dos Templos Israelitas, que demandam uma área considerável, além de escolas que são estabelecidas em todas as colônias, clínicas médicas - proporcionando a cura natural e espiritual. Desenvolvem também um projeto grandioso de construir uma estrada que liga os povoados de Nova Jerusalém, San Pedro e Santa Rosa, na capital provincial de Caballococha (como podemos observar no mapa apresentado no cap.1 das comunidades AEMINPU). Trata-se de um projeto que pretende abrir uma estrada de 50 km (em construção, ver em destaque no mapa abaixo), entre os rios Amazonas e Javarí para facilitar a entrega de seus produtos aos mercados locais, tanto das colônias as margens do rio Javarí, como nas comunidades situadas as margens do rio Amazonas, onde se situa a comunidade Alto Monte Israel, considerada pelos Israelitas a capital espiritual da congregação no departamento de Loreto. Assim, a apropriação de alguns territórios indígenas por parte deste movimento milenarista promoveu entre os grupos que habitam as terras amazônicas invadidas o sentimento de desconfiança, devido a introdução de uma cultura agrícola agressiva ao ambiente, de introdução a uma doutrina e prática religiosa fechada a outras instituições religiosas. Além da oposição das populações locais ao fato de

temerem que estas vias não favorecem somente a chegada de mais e mais adeptos da AEMINPU, o que aumentaria mais ainda a questão da degradação, poderia também facilitar as atividades de movimentos subversivos como tráfico de drogas, tráfico de armas, dentre outros (Skar, 1987; Chaumeil, 2000).



Figura 10-Localização da estrada Israelita que liga o rio Amazonas ao Javari. Fonte: www.google.com.br, fevereiro, 2014.

Totalizando quase dois terços, pouco mais de 30 mil Israelitas, do total de adeptos no Peru, a região de Ramon Castilla, no departamento de Loreto, é onde encontram-se tanto a cidade santa Israelita, Alto Monte Israel, quanto a capital do Departamento, Caballococha, estas duas cidades em conjunto concentram o poder AEMINPU na região Amazônica: a primeira o poder religioso, através das Festas Israelitas; já a segunda concentra o poder político. Através dessas duas frentes, implementadas na região Amazônica que o projeto de colonização agrícola Israelita se desenvolveu, a nível religioso como uma prevenção aos sete anos de fome pós apocalíptico, a nível políticos como projeto “Fronteiras Vivas”. A estrada criada pelos Israelitas permite uma ligação entre as comunidades no rio Javari com as duas principais cidades no rio Amazonas, sem a necessidade de realizar o imenso desvio pelo curso natural do rio. Vale ressaltar ainda que o projeto israelita não se faz estático na fronteira do Peru; ele tem pretensões de colonizar a Amazônia como um conjunto, profetizado por Ezequiel.

Vale salientar que dentro da ideologia messiânica dos Israelitas está presente uma combinação de três interpretações para a Amazônia: primeiramente, é encarado como um local de salvação; em segundo lugar, é vista como uma região a ser conquistada; e, por último, é concebida como uma posse, num sentido de dádiva, uma doação direta de Deus aos escolhidos, os Israelitas do Novo Pacto Universal (Habel, 2002 apud Désilets, 2008). Desta forma, a Amazônia é imaginada como local de cura, onde tudo há em abundância, onde em nome de Deus o seu povo será prospero. Como já foi mencionado, este imaginário é encarado por Chaumeil (2000), como um projeto de assentamento que frente a uma utopia ecológica não é muito diferente daquilo que alguns ambientalistas falam acerca da abundância amazônica, referente aos seus recursos, ou a reserva verde da humanidade, ou até o pulmão do planeta. Segundo muitos sujeitos, como veremos mais a frente, a Bacia Amazônica é uma área intocada, um local fértil que está encoberto sob um manto vegetal, o verdadeiro paraíso terrestre de onde brota "leite e mel". Esse pensamento deu origem a uma logística para enfrentar os desafios ambientais, as disputas internas, as disputas com as autoridades locais e com os povos indígenas, para assim formar grupos de assentamentos agrários, na terra prometida por Deus ao seu povo.

2.3 - CONVERSÃO E ESTRUTURAS DE CONTATO: RAZÕES IMPLÍCITAS E EXPLÍCITAS

A discussão sobre a conversão do ponto de vista antropológico torna-se significativa para entender as filiações religiosas na contemporaneidade. Isto porque a conversão na perspectiva clássica de uma ruptura total e “criação de um novo psiquismo (memória, consciência e imaginação) com o valor constituinte e ao mesmo tempo constituído” (Desroche, 1985), precisa ser relativizada. Ao contrário, a conversão consiste num processo longo e paulatino, onde geralmente o crente transita por diferentes espaços religiosos, antes de se instalar plenamente num sistema religioso.

Se tomarmos a trajetória de alguns membros AEMINPU, podemos observar sua circulação por diferentes religiões. Isto aconteceu com o seu fundador Ezequiel Gamonal e meus principais informantes. Destaco aqui a trajetória de Barba-negra. Em sua história de vida encontramos passagens por várias denominações e vertentes do cristianismo, pois, segundo seu próprio relato, já pertenceu ativamente a denominações como: Testemunhas de Jeová, Assembleia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus. Nesta trajetória buscava resposta

para as suas dúvidas, mas foi dentro da AIMINPU que, segundo ele, encontrou a(s) resposta(s) aos questionamentos que o afligiam.

As razões mais importantes de conversão – tratando das razões explícitas – são salientadas por Marzal (S/D) em quatro vertentes: a primeira é o encontro pessoal com Deus. Para eles (os Israelitas), a conversão é encarada como uma transição de uma religiosidade fundamentada em um Deus sacral transmitida pela cultura cristã católica, para um Deus pessoal transmitido pela palavra bíblica, que salva e dá o alcance para a vida eterna. Desta forma relaciona-se que:

Muchos indios católicos tienen una relación personal con Jesús através del lenguaje religioso de su cultura (...) pero, al descubrir la biblia par el proselitismo evangélico, encuentran otra forma de relación personal con Cristo y se convierten. (Manuel Marzal. p.383, S/D)

A segunda razão seria a experiência de cura das doenças, por meio do Espírito de Deus. Além da estrutura missionária vinda junto com o movimento Israelita, este tem a proposta não só da realização dos cultos que promovem eventos de cura, mas também realizam visitas nas casas dos beneficiados pela cura, vigílias nestes locais, e outras práticas que envolvem o futuro candidato a israelita a ver o quanto Deus pode operar em sua vida. Marzal destaca que perante a falta de serviços básicos de saúde e orientações médicas nas zonas indígenas e suburbanas, o proselitismo cresce mediante a crença da cura sem intervenções humanas, além da falta de confiança dessa população em médicos e suas práticas (remédios). A terceira razão engloba categorias ligadas ao comportamento e à ética. Muitos campesinos possuem o hábito de beber bebida alcoólica e mesmo se embriagarem, situação que muitas vezes provoca grandes transtornos familiares e econômicos. Ora, o proselitismo dos israelitas age em meio a esses indivíduos mergulhados na degradação criando uma coerção puritana sobre suas vidas, assegurando-lhes o domínio controlador incorporado pelo movimento religioso.

A quarta e última razão explícita está destacado, segundo Marzal, pelo fato dos membros das religiões autóctones – assim como a AEMINPU – descobrirem na Bíblia um contexto de prestígio de uma moderna ilustração dentro de uma antiga revelação. Destacando também que, tanto no mundo campesino como no urbano, cenário das migrações aqui descritas, a oferta da bíblia é atrativa devido o seu prestígio entre a população peruana, representando a educação que, conseqüentemente, leva a um caminho de ascensão social. Assim, encontramos nessas populações as determinadas características de divulgação ou evidenciação:

... en indios conversos de escasa formación, sobre todo pentecostés o “israelitas”, “la biblia” es un símbolo de la fe más que una mediación pura profundizarla y así ellos la aprietan con sus manos, como los católicos populares hacen con sus santos. (Manuel Marzal. p.384, S/D)

Relativamente às razões implícitas da conversão figura a solidariedade existente dentro do AEMINPU, que produz uma similitude dos integrantes dentro do grupo, pois cada membro age de forma idêntica, seguindo uma regra baseada na religião a tal ponto que os que não a cumprem estão fadados a sofrerem uma espécie de excomunhão dos demais, o que pode acarretar a desmoralização e o isolamento social. Mas, “nenhum Israelita quer que um de seus irmãos desvie-se dos caminhos de Deus, mas se este está descumprindo as leis divinas estará a um passo de sofrer tais sanções, primeiramente religiosas, seguidas por sanções comunitárias passando este à categoria de “desviado”, servindo sua figura como exemplo para os demais não caírem nas mesmas “armadilhas do demônio” (Diário de campo, 13/04/2010).

Vinculado a esta perspectiva associa-se a importância no grupo do espírito comunitário, ou seja, um nível de grande inter-relação social, por ser um grupo pequeno que se conhece e se reúne várias vezes durante a semana. Isto constrói um vínculo entre as pessoas altamente confiáveis que, embora realize o culto coletivo somente aos sábados, proporciona também pequenos encontros durante a semana na casa dos irmãos. A adesão ao grupo e o vínculo coletivo a ele forjado conduz também os conversos a praticarem o dízimo, constituindo-se numa prática que, segundo eles, não é abusiva mas uma prática de amor, pois só se doa por ser tocado por Deus e não por obrigação. Desta forma, o converso adere à teologia Israelita, que é de fácil acesso, caracterizada pela preservação do mito, assim como da sensatez de transmissão – a evangelização.

2.4 - ESTRUTURA HIERÁRQUICA NA COMUNIDADE ISRAELITA DO NOVO PACTO UNIVERSAL EM BENJAMIN CONSTANT

Segundo Barredo (S/D), os Israelitas se dispõem hierarquicamente da seguinte forma: o “Misionero General”, centrado na figura de Ezequiel Ataucusi Gamonal, o fundador da congregação; os “Ancianos del Pueblo”, um comitê formado por anciãos; “Sarcedote”, encarregado de presidir os rituais Israelitas; “Misionero”, cargo ocupado por todos os membros do movimento, pois todos se consideram missionários da palavra de deus; “Pastor”, encarregado de um templo; “Miembro de la Congregación”, condição que requer ter participado no mínimo de três reuniões, tanto de cultos como de estudos bíblicos, e, por último, o “Cuerpo Administrativo”, cujos cargos são distribuídos democraticamente em assembleias promovidas pelos fiéis. Assim, para tais funções foram criados conselhos: um corpo administrativo, onde os cargos são preenchidos de forma democrática estabelecida a partir de

uma assembleia onde os fiéis elegem seus candidatos – de forma que estes são eleitos por suas virtudes: o caráter carismático e capacidade de trabalho – dividindo esse corpo em duas estruturas, a local e a central.

Em B. Constant o pastor da igreja israelita tem um mandato de um ano, renovado por mais um ano caso agrade sua forma de administrar a igreja e demais atividades. Ao final deste prazo o pastor reúne-se com sua comissão formada por ele e alguns diáconos que ocupam as funções de tesoureiro, conselheiro e secretário, e farão um relatório de todas as atividades realizadas, do dinheiro arrecadado, as melhorias e aquisições de objetos que fizeram ou trouxeram ao templo neste período. Assim, no final de um mandato o representante maior da comunidade realiza uma conferência, ou um inventário, um relatório, um levantamento que será repassado ao novo pastor em reunião, a passagem de um pastor a outro não tendo nenhuma comemoração, sequer é enfatizado ou dado destaque. Segundo Barba-vermelha, “se hoje eu sair, amanhã assume o outro pastor e continua as atividades da igreja e o culto a Deus que é o mais importante” (Diário de campo, 27/07/2013).

Para exercer a função de pastor plenamente, que não é somente reger os cultos, é necessário a congregação num corpo eclesástico, que este seja composto pelo pastor, por um ancião e um diácono, somente com a junção desses três cargos (ancião>pastor>diácono, nesta ordem de hierarquia), e cada um com diferentes funções, que se integram não somente no espaço do templo, mas para além dele. O pastor representa a liderança orientada por duas vertentes: uma espiritual e outra referente às ações relacionadas ao templo. A primeira está ligada diretamente aos preceitos bíblicos, dando a direção por intermédio do espírito santo às ovelhas de Deus; a vertente ligada a ações é referente a projetos físicos como construção do templo Israelita em Benjamin – que começou a ser erguido no ano de 2010 – e coisas extra-igrejas como melhorias não só da estrutura física do templo como da comunidade Israelita em Benjamin. Ambas as frentes estão sempre unidas, pois é através da direção espiritual vinda de Deus – por meio de orações e vigílias, que estes adquirem essas respostas – que procedem os Israelitas mediante as relações interpessoais com o meio social a sua volta.

Assim, pastor e diácono possuem os mesmos requisitos, o que significa que é necessário ser diácono para ser pastor, pois nas tarefas interpessoais – digo interpessoais no sentido das relações fora do eixo do movimento Israelita – os diáconos auxiliam o pastor nessas questões ao mesmo tempo em que se integram de procedimentos e meios de conduta, se algum dia qualquer diácono Israelita deseje ser pastor. Já o ancião é, como o próprio nome remete, o sujeito mais idoso, portanto o mais experiente. É a ele que muitos irmãos recorrem para tirar dúvidas sobre as mais diversas áreas da vida. Assim como os diáconos, os anciãos podem

também vir a ser pastores se assim desejarem, mas um dos cargos que os diferencia certamente é o fato de somente os anciãos poderem “concorrer” ao cargo de sacerdote – já que é o Espírito Santo que, diferentemente do pastor, escolhe se aquele sujeito será –, pois o cargo de pastor além do Espírito Santo revelar por meio dos sonhos e visões, este também é imposto pela comunidade Israelita, como é o caso do pastor Barba-Vermelha (Diário de campo, 17/10/2013).

Suas concepções religiosas confirmam as prerrogativas que encontrei em meio a leitura de seu histórico feito a partir de outros autores, quando baseiam sua fé, seu comportamento social exclusivamente na Bíblia, e em elementos da cosmologia andina que ainda abordarei mais profundamente. Dentro da perspectiva Israelita da Bíblia, afirma que: “*o Velho Testamento afirma e o Novo Testamento confirma*” as mensagens e profecias que este movimento prega, adota e vive. Este mecanismo é aceito por eles para manutenção e embasamento de algo a frente de outras denominações e vertentes do cristianismo. A “*palavra de Deus não se lê, mas sim se esquadrinha*”; caso contrário, se estaria simplesmente fazendo um papel de meras aves (no caso papagaios) que somente repetem o que escutam, e é esta característica que segundo Barba-Negra, os “*diferenciam de outras formas e práticas religiosas*”.

Uma das características mais marcantes do ponto de vista dos leigos está posto pelo aspecto dos “dons”, que são destacados através da fala tanto do pastor em suas pregações, como dos irmãos que tive contato. Referem-se a três dons: de línguas, das danças e das profecias. O primeiro dom é manifestado principalmente nas comunidades, mediante as festas, e principalmente no templo central em Cienaguilla, onde através deste dom pessoas adultas e até mesmo crianças falam diferentes línguas como aramaico, inglês, francês, hebreu dentre outras, em que pessoas falam estas línguas sem nunca terem estudado ou ao menos ouvir. Trata-se do agir do “*Espírito de Deus*” manifestado fisicamente por meio da fala.

Outro dom elucidado por Barba-Negra é o das danças, onde as pessoas dançam conforme faziam as pessoas na tribo de Davi, segundo descrevem algumas passagens bíblicas. E o terceiro e último dom referido é o das profecias, que remete tanto a visões quanto aos sonhos, fatores esses característicos dos movimentos messiânicos, embora não somente deles. Exemplificando o dom das profecias, o informante esclarece que quanto ao terremoto do Haiti, já haviam profetizado sobre esse evento assim como outros que aconteceram, pois Deus já havia revelado e marcado o dia de tal tragédia, como um possível sinal do fim dos tempos.

Partindo desses fatores, segundo Barba-Negra, estes seriam um feito exclusivo do povo de Israel (ou dos Israelitas mais especificamente), o que os torna diferentes das muitas denominações que carregam consigo o título de Cristã, pois nenhuma outra denominação além

dos Israelitas cumpridores da “Lei de Deus”, pode conversar diretamente com Deus. Os Israelitas também consideram-se detentores em alguns casos de um poder divino (ou mesmo incorporação de Deus) que lhes permite somente no olhar descrever uma pessoa em seu íntimo, além de realizarem esta proeza na língua do sujeito que está sofrendo a ação, descrevendo-o de onde veio e o que fará nos próximos anos de sua vida. Isto configura um outro dom, adicionado, ou incorporado, ao das profecias. A questão dos dons é tão forte que muitas pessoas, como Barba-negra, afirma ser este um dos motivos que o conduziu a esta congregação (localizada em Benjamin Constant).

A partir das colocações desse diácono pode-se indagar em que medida esses dons, aparecem nas posturas e regras do cotidiano. Trata-se de práticas necessárias para a manutenção social dessa comunidade, pois sem elas o sujeito deixa a característica fundamental que dá, de certa forma, o peso e os fundamentos do que se espera de um Israelita. Isto sempre posto pela própria comunidade que legitima essa manutenção a fim de não perderem as características que asseguram seu lugar, numa visão milenarista, no céu (futuramente), ou na Terra Prometida (já que esta está, segundo qualquer Israelita, onde eles estiverem esperando pelo arrebatamento). Em B. Constant, os israelitas estão empenhados em realizar essas exigências como demonstram os depoimentos apresentados ao longo desse trabalho.

CAPÍTULO 3 – AEMINPU EM BENJAMIN COSNTANT

3.1- PRIMEIROS RELATOS DOS ISRAELITAS NA FRONTEIRA

Para iniciar uma descrição mais plena sobre AEMINPU em B. Constant¹², primeiramente devo dar destaque ao processo de passagem e aceitação dos primeiros Israelitas na região de fronteira e de como conseguiram a aceitação nas cidades brasileiras. Segundo consta em relatos coletados por Chaumeil (2000), a primeira aparição de um Israelita, em processo de instalação, data de 1997, na cidade de Tabatinga, através da chegada de um deles, portador do dom de cura, sendo esta a estratégia primordial para a implantação de um movimento religioso como o dos Israelitas. O sucesso dos tratamentos espirituais facilitaram na inserção dos primeiros Israelitas, que organizaram-se rapidamente e construíram duas igrejas, uma sob a autoridade de um pastor brasileiro e outra sob o comando de um pastor peruano. Pouco tempo depois ambas se dissolveram devido a conflitos entre seus líderes; anos depois se reergueram. Ainda hoje há dois templos, “Nova Jerusalém” e “Leão de Judá”, o primeiro na zona portuária da cidade de Tabatinga e o segundo em um bairro residencial. A maior parte dos Israelitas que habitam na cidade de Tabatinga vive na zona portuária, num local conhecido como “Feira dos Peruanos”; outros estão espalhados pelos entornos desse bairro, já que estes sujeitos tem esta necessidade – devido seu comercio ser especificamente de produtos vindos do Peru – de estarem próximo do porto, para melhor circulação de suas mercadorias.

Em B. Constant é muito visível a presença dos Israelitas. Diferente da cidade vizinha onde os primeiros contatos se deram por intermédio de curas espirituais, nesta cidade temos os

¹² Segundo Silva (2008), em 29 de janeiro de 1898, pela Lei Estadual nº 191, foi criado o município de Benjamin Constant por desmembramento do território do município de São Paulo de Olivença. Em 1901, por efeito da Lei nº 328, de 04 de janeiro, foi suprimido o município de Benjamin Constant, cujo território foi anexado ao de São Paulo de Olivença. Em 1904, deu-se a restauração do município de Benjamin Constant, pela Lei nº 446. Em 12 de outubro do mesmo ano, ocorreu a reinstalação do município de Benjamin Constant e restauração do termo judiciário. “Remate dos Males” designação também dada a este lugar, não oferecia as condições necessárias para continuar como sede do município. Situada em local baixo, na foz do rio Atacoai, inundava todos os anos por ocasião das enchentes. As casas eram edificadas por esteios. Atendendo essa situação, é determinado pela Lei nº 759, de 05 de agosto de 1909, da sede municipal para o povoado de Santo Antônio. Essa transferência, todavia, não chegou a realizar-se. No dia 04 de janeiro de 1928, pela Lei Estadual nº 1.375, a sede do município a sede do município é transferida para o povoado de Esperança, elevado, a categoria de Vila. Em 31 de dezembro de 1934, por força do Ato Estadual nº 4.344, a denominação de Esperança foi mudada para Benjamin Constant. No ano de 1938, passa a denominar-se Comarca de Fonte Boa a Comarca do Alto Solimões e no mesmo ano, pelo Decreto Estadual nº 68, Benjamin Constant, é elevado a Categoria de Cidade. No dia 24 de dezembro de 1952, pela Lei Estadual nº 226, é criada a Comarca de Benjamin Constant. E 04 de junho de 1968, pela Lei Federal nº 5.449, o município é enquadrado como “Área de Segurança Nacional”. Onde em 1981 pela Emenda Constitucional nº 12, passou-se a constituir município autônomo. Atualmente, o município de Benjamin Constant, faz limites com os municípios de Tabatinga, São Paulo de Olivença, Jutai, Eirunepé, Ipixuna, Atalaia do Norte e com a República do Peru. Localização: Região do Alto Solimões, Sua área territorial 8.742,6 km; tendo com distância á cidade de Manaus capital do Amazonas 1.118 km em linha reta.

primeiros contatos pautados pelo comercio de produtos agrícolas Israelitas, provenientes da cidade peruana de Islândia, que realizavam todos os dias um trajeto de pouco mais de 5 km de distância entre essas cidades. Segundo relatos da própria comunidade AEMINPU em B. Constant, os primeiros Israelitas que instalaram-se na região da fronteira, alojaram-se na cidade de Islândia por possuírem parentes ou amigos, e pediram para permanecerem nesta cidade, pois além da cidade de Islândia no rio Javari temos outras comunidades Israelitas rio acima, que de certa forma são bem isoladas. Assim, para fugir do isolamento dessas comunidades optaram por morar em Islândia.

Chaumeil faz o seguinte relato sobre as primeiras migrações dos Israelitas em B.

Constant:

... trata-se sobretudo de adeptos provenientes da cidade vizinha de Islândia (Peru), que vêm vender sua produção agrícola no mercado local ou dos fugitivos das colônias do Javari, que acharam emprego de diarista ou de operário na construção da estrada perimetral que deve ligar, um dia, Benjamin Constant a Cruzeiro do Sul. Há uma dezena dessas famílias de fugitivos nas cercanias da cidade. Seu número aparentemente crescente (o número é difícil de avaliar diante do silêncio dos israelitas sobre o assunto) está começando a trazer sérios problemas as autoridades brasileiras locais mas também à congregação, que teme ver sumir assim parte substancial de seus efetivos. Segundo a lei israelita, toda pessoa que deixa por qualquer motivo a congregação está automaticamente excluída. Essas medidas de exclusão ao menor descumprimento do regulamento, acrescida às condições difíceis do trabalho comunitário, são os fatores que os fugitivos geralmente declaram para justificar suas partidas. Muitos dentre eles não terão, todavia, a possibilidade material de se reintegrarem as suas comunidades de origem, não dispoendo então de outra escolha, a não ser engrossar o mercado de mão-de-obra local. Podemos assim dizer que a influência israelita na fronteira brasileira exerce-se essencialmente a partir do Peru, e em particular, das colônias do Javari. (Chaumeil 2000, p.369)

O relato levantado por Chaumeil, vai de encontro a história que os Israelita revelaram-me ao longo dos anos. Segundo esses sujeitos, ganha outros contornos, assim como mais detalhamento. Aqui vão alguns deles: os primeiros contatos com B. Constant foram realizados em diferentes épocas, e sob diferentes condições, algumas dessas condições fortemente associadas a questões econômicas, outras a questão familiar e é claro a questão religiosa da Terra Prometida, não que todas essas questões não tenham haver com essa “Promessa Messiânica” em questão, mas destaco elas por serem mais pesadas nas decisões desses sujeitos na questão de deixarem suas terras e virem para um local alheio aos seus costumes e cultura. Chaumeil (2000) sublinha que a maioria da inserção dos Israelitas em B. Constant tem a ver com a sua fuga das colônias do Javari. Porém, os mesmos afirmam que não há fuga alguma, o que há é uma circularidade e um período de adaptação dos Israelitas nessas localidades, sendo-lhes dado o direito de escolher se querem ficar ou não na comunidade em que está, comunicando em qual local deseja ir e como fará para se manter nesse novo local.

Segundo Israelitas de B. Constant, além das comunidades do Javari há ainda muitos Israelitas em Caballococha, e Islândia, além de comunidades que ainda estão se formando, principalmente em volta das plantações agrícolas. Muitos optam por viver junto as suas plantações, tanto para não serem saqueados, como para economizar ainda mais, na questão do transporte e venda do produto final nos mercados locais, como os de B. Constant e Atalaia do Norte. Sempre reiterando que se estão nesses locais, não estão por conta própria, no sentido de que sua estada em local X ou Y é de conhecimento da congregação a qual pertencem e apresentam-se aos sábados e Festas. Quanto ao problema com as autoridades, em caso recente de denúncia contra os Israelitas sobre o plantio, refino e tráfico de cocaína, eles afirmam que: *“...se dá devido ao envolvimento de pessoas certas pessoas que se dizem Israelitas, ou as vezes até são, ovelhas desgarradas do rebanho, o que devemos fazer é entregar a Deus, pois se estão fazendo algo errado serão punidos, já o papel da AEMINPU é somente de verificar e afastar essas pessoas do convívio do povo santo...”* (Barba-Curta, 13/11/2013). Cada Israelita possui uma história de vida, um motivo, uma razão, tanto para entrar na AEMINPU quanto para deslocar-se para Amazônia, ou transferir-se ao lado brasileiro da fronteira.

Outro fator que motivou e motiva a inserção desses sujeitos nessa zona de fronteira é o fácil comércio de qualquer produto, o seu fácil transporte e importação, já que B. Constant trata-se de uma cidade brasileira que faz fronteira fluvial com a cidade de Islândia (Peru) por meio do rio Javari. Por este rio chegam vários produtos agrícolas, e por meio do rio Amazonas chegam os produtos industrializados. Em situações excepcionais de seca do rio, como ocorreu em 2010, é possível que essa fronteira se torne seca, o que demonstra a facilidade de circulação de pessoas nessa região. No período de seca, muitos brasileiros e peruanos, fazem seus trajetos a pé (Benjamin Constant-Islândia), com mais frequência e facilidade. Muitos brasileiros fazem o trajeto até Islândia para comprar produtos como: motocicletas, peças de motocicleta, roçadeira, gasolina, etc., produtos estes que são mais baratos frente aos produtos brasileiros, e fazem parte do comércio peruano local.

3.2- IMIGRAÇÃO E FRONTEIRA, CARACTERÍSTICAS SOCIAIS E SUAS CONDIÇÕES: A ORGANIZAÇÃO EM B.CONSTANT

Destaca-se junto a migração e imigração religiosa dos Israelitas, a existência de uma imigração a qual vale ressaltar, sendo que trata-se de um evento onde a questão migratória Israelita pode ser incluído como um elemento a mais em uma discussão maior, falo da imigração

peruana, imigração que veio bem antes da existência de possíveis relatos Israelitas pela Amazônia, seja ela Peruana ou Brasileira e que a partir de determinado período passou a somar junto aos adeptos AEMINPU, o grande movimento imigratório em B. Constant. Desde os primeiros peruanos que viveram e vivem em B. Constant, a imigração não implica necessariamente uma ruptura definitiva com a rede de relações construídas no local de origem. Isso porque *“muitos imigrantes mantêm algum tipo de contato com familiares e parentes, ou retornam, ainda que de forma intermitente, para participar de festividades.”* (MOURA 1993, p.25 apud SILVA, 2010, p.157)

Vale ressaltar que o processo migratório que os Israelitas participam é composto segundo Oliveira (2006), prioritariamente por Peruanos que possuem baixa qualificação profissional; são mestiços e indígenas peruanos; migram com toda a família em busca de qualquer tipo de trabalho e de melhores condições de vida; submetem-se a qualquer situação que lhes proporcione algum ganho para o sustento da família; são muito explorados pelos nacionais que ora o fazem porque sabem que não vão denunciar a situação de exploração no trabalho, pois existem relações de convivências e por causa de sua clandestinidade e ora o fazem porque sabem que são pessoas extremamente dedicadas ao trabalho. Podemos destacar ainda que:

Muitos dos imigrantes peruanos que vem para B. Constant, assim como os Israelitas, começam como vendedores ambulantes, vendendo artesanato, roupas, utensílios domésticos pelas ruas ou trazendo produtos perecíveis, como alho, cebola e tomate para vender aos comerciantes peruanos daquela cidade, que em sua grande maioria se dedicam ao comércio de hortifrutigranjeiros, já que os produtos peruanos são mais baratos que os disponíveis no mercado brasileiro. (SILVA, 2010, p.207)

Enfatizar a condição de região de fronteira a qual pertence o município de Benjamin Constant permite-nos compreender os fatores sócio históricos que fazem dessa região, um cenário de circulação e de encontro entre diversos grupos étnicos, setores sociais e populações nacionais. A Tríplice Fronteira é uma “zona de contato”, que segundo Pratt (1999), trata-se de um espaço social onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam umas com as outras, frequentemente em relações “assimétricas de poder”. Daí a importância de percebermos o modo como esses atores históricos são constituídos “nas e pelas suas relações” uns com os outros.

Levando-se em conta que a missão Israelita é de pregar o evangelho e levar a união entre os povos, questioneei sobre possíveis contatos com as lideranças das muitas denominações cristãs locais. Responderam-me que houve, algumas vezes, essa tentativa, mas desses contatos a única coisa que surgiu foram brigas sobre as formas de se viver a palavra. Nestes casos, refere

Barba-Rala, quando as conversas se tornam mais acaloradas eles se calam e esperam até que a ira das pessoas passe. E a missão de todo israelita é levar a palavra de Deus, a palavra antiga, que são os Dez Mandamentos. Assim, as disputas e desentendimentos das outras igrejas em relação aos israelitas deve-se ao fato deles quererem pregar a palavra sem saber qual é a verdadeira palavra.

Quanto à sua organização AEMINPU, estes estão dispostos em duas formas em B. Constant: uma concernente ao espiritual e a outra ao material. Forma-se a partir daí estruturas de organização dentro do movimento, tanto religiosas como organizacionais. Esta dualidade conceitual e estrutural deve-se ao fato, como já foi referido em capítulo anterior, ao fato dos membros Israelitas se identificarem como crentes e especialistas religiosos, voltados também para questões deste mundo, como a área jurídica, posto que estão ligados ao governo do Peru no que se refere a aquisição de território. Quando pleiteamos sobre este contexto dentro do movimento Israelitas percebemos em seu discurso uma fala semelhante a relatada pelas pesquisas de Berredo:

Como no es posible ocupar tierras sin un respaldo legal, se necesita una personeria jurídica. inscribirse como asociacion em los registros públicos del país lês há permitido hacer “denuncias de tierras agrícolas” em la selva, acogiendo tambien a la ley de reforma agrária”. (Barredo. S/D, p.195)

Com relação a uma possível divisão estrutural entre área política, religiosa, econômica dentre outras áreas existentes em algumas vertentes religiosas, Barba-Rala afirma que dentro do movimento Israelita em B. Constant há somente duas divisões, a divisão agrícola e a de prédica (ou pregação). A área política dentro do contexto local do movimento Israelita, segundo ele, é inexistente, diferente do mesmo movimento dentro do Peru, como nos outros países onde o Movimento se instalou, denota-se uma extrema politização dos adeptos Israelitas assim como das comunidades as quais eles participam, pois visto que em sua maioria são imigrantes a eles e vetado o poder de voto ou algo semelhante. Em Islândia por duas vezes o prefeito dessa cidade foi um Israelita, o mesmo ocorre com a cidade de Caballococha, que teve em seu poder executivo um Israelita.

Com relação à divisão agrícola, está voltada a aquisição de terrenos (em alguns casos grandes áreas) onde rapidamente montam-se grandes plantações, segundo uma regra interna de comportamento adotadas pelo movimento. Aproveita-se toda a área dos lotes obtidos, seja por meio de doações ou compra. Segundo Barba-Rala (16/02/2013): “se derrubamos uma árvore, plantamos produzimos no seu local alimentos, pois nós gostamos de trabalhar, gostamos do desenvolvimento e progresso, através de nossas plantações produzimos o sustento não só do povo Israelita, mas de todos que estão a nossa volta”.

Este espaço fronteiro além de uma grande área de floresta Peruana, como vimos no capítulo anterior, é reivindicado pelos fiéis da AEMINPU como propriedade sua, um direito divino sobre a terra – através da figura de seu líder Ezequiel Ataucusi Gamonal, enquanto figura de um novo Jesus encarnado – ao povo de Israel. E, como já foi referido nos capítulos um e dois, estes tomaram posse dessas terras através do projeto de colonização da Congregação, denominado pelo Governo peruano de “Projeto Fronteiras Vivas”. Assim sendo, é necessário, segundo Désilets (2008), analisar o processo de construção territorial dos israelitas em dois níveis distintos: os sistemas de representação e visibilidade simbólica da ação, a localização geopolítica do grupo dentro do território amazônico, para então compreender como a crença teológica que acompanha a territorialização possui uma grande importância dentro da missão messiânica.

3.3- ORGANIZAÇÃO ECONÔMICA, O ESPAÇO DAS TROCAS SOCIAIS

Para explicar melhor esses fatores temos o estudo antropológico de Manuel Granados (1986) sobre as características sociais dos Israelitas. Ele sustenta a seguinte hipótese: os Israelitas são emigrantes vindos de uma condição urbana – já que eles tendem em sua maioria, a vir de, ou passar pela capital Lima – passam por crises de cunho tanto espiritual como socioeconômica e tendem a unir-se a essas missões, como as de ida a selva.

“Amigos da agricultura”, expressão que surgiu na fala do irmão Barba-Negra tem um significado que ao mesmo tempo que causa estranheza pode ser compreendido em meio a proposta de cultura que o movimento Israelita apresenta. Vamos a ela: devido ao fato de se estar inserido numa crença baseada na agricultura, e uma cultura campesina (Andina), projetar-se na fala dos Israelitas o orgulho e a identificação de estar fazendo algo, de certa forma Bíblico, que roga aos antepassados de Abraão (velho ou antigo testamento), devido essa concepção religiosa, estes sujeitos afirmam: “*as plantas gostam de nós*”. Outro ponto relevante é que em algumas comunidades Israelitas dentro da Amazônia (peruana) cria-se extensivamente o gado, mas por falta de fiscalização veterinária, esta prática não foi viabilizada em B. Constant, embora tenham tentado se legalizar frente às leis que regem este mercado.

Em sua fala Barba-Rala relata que na cidade de Benjamin além da prática de compra de seus produtos, seja agrícola ou manufaturados, muitos benjaminenses os estão procurando para trabalhos de construção civil relacionado a carpintaria e alvenaria, devido ao baixo custo da mão de obra, eficiência na execução dos trabalhos e por não reclamarem das condições a que

são submetidos. Na verdade, seja trabalhando na agricultura, construção ou comércio, os Israelitas tendem a reproduzir as mesmas atividades que já realizavam em suas localidades de origem. Em alguns casos adaptam técnicas, e quando há a troca de atividade é segundo eles por vontade própria nunca por necessidade pois tudo que lhes falta é acrescentado por Deus.

As adaptações ocorrem nas atividades econômicas mas também na paisagem regional e condiz com o local de origem. Assim, os originários das montanhas do Peru, onde o clima é bem mais frio, com temperaturas que durante o dia podiam chegar a 15 ou 16 graus, precisam se adaptar a um clima tropical úmido, extremamente quente (numa média oscilando entre 30 e 35 graus). É devido a essas e outras diferenças que muitos israelitas, segundo Barba-Rala, são vistos como imundos, que não tomam banho, sebosos, entre outras conotações pejorativas. Não é um consenso de toda comunidade benjaminense achar que são imundos os Israelitas, mas (afirma ele) existem de fato irmãos que são mesmo diante de tanto calor continuam a manter o hábito das montanhas Peruanas de tomar banho de duas a três vezes por semana, exalando, desta forma, mau cheiro, que prejudica toda a comunidade israelita, que se torna alvo de preconceito e de deslegitimação.

Outro fator que contribui para esse quadro de preconceito é que as colônias instaladas na Amazônia são constituídas por grupos de pessoas que possuem um grau de escolaridade baixo, a própria comunidade AEMINPU de B. Constant que possui uma média de 200 (duzentos) membros, 60 (sessenta) famílias, são pouco mais de 30 pessoas que possuem o ensino médio (ou equivalente) completo, estamos contando somente com os adultos e jovens em idade escolar (retirando desta contagem crianças e velhos), sendo que dos pertencentes a comunidade de B. Constant, não há (até o fechamento da pesquisa) nenhum Israelita que possua uma graduação. Devido esse fato todos os Israelitas nesta cidade estão inseridos em meio um sistema dentro do movimento que busca ou tem como ideal um trabalho independente seja em atividades pequenas como o comércio, seja em prestação de serviços.

Manuel Jesus Granado (1986) descreve também aspectos do “outro”, que aqui se faz presente pela figura do andino quéchua, como um ser de características adaptáveis e de extrema convicção em suas origens cosmológicas incorporadas a uma religião, que formam importantes e inconfundíveis distinções entre o ser andino e o ser selvático. Sendo que o contato entre os mais diversos povos dentro do contexto amazônico com essa religião é o que caracteriza o elo entre a antiga e a nova concepção formada pelos israelitas na região de fronteira.

Perguntei sobre a situação que alguns Israelitas encontram-se, pois na cidade de B. Constant uma parcela consideravelmente dos membros do movimento vivem em condições miseráveis, alguns me relataram que sim, tem irmão que vive de favor em locais dentro da

cidade e em propriedades de brasileiros ao longo da estrada que liga B. Constant a Atalaia do Norte, algo como caseiro. Pude ver essa situação bem de perto ao acompanhar a vida de um dos Israelitas desde 2008, e seu progresso até o ano de 2013 dentro dos espaços urbanos de B. Constant, assim temos: em 2008 quando havia acabado de chegar a essa cidade, conseguiu com a ajuda de benjaminenses um local no antigo Campus Avançado – como uma forma de vigiar o local, segundo a palavra deste Israelita e das demais famílias tanto de Peruanos como ribeirinhos, que ali habitavam, “*evitar a entrada de drogados*” nos prédios abandonados desta instituição – as condições da numerosa família, constituída por 7 pessoas, eram de extrema pobreza, não tinha luz elétrica, utilizando de luz de lampião para passar as noites, a água que utilizavam era de uma antiga cisterna de um dos blocos de prédios, que eram construções extremamente velhas e mal conservadas, dividiam esse espaço com cachorros, galinhas e porcos que criavam.

O Campus Avançado seria seu “lar” até meados de 2011 quando muda-se para uma casa improvisada embaixo de uma oficina mecânica, diferente do primeiro local em que habitava e no qual possuía uma pequena plantação de verduras e vegetais, que serviam para seu sustento, neste novo local não havia espaço para tal prática, tratava-se de um casebre com apenas um bico de luz, onde ele armazenava em grandes baldes de plástico água e queijo, queijo esse que servia para consumo como venda, já que esse Israelita vivia de “Bicos”, com suas atividades esporádicas conseguiu juntar algum dinheiro, com o qual comprou em 2013 um terreno em um bairro afastado e com a ajuda de seu filho construiu uma casa, mas as condições difíceis de vida ainda permanecem as mesmas, como exemplificam as fotografias:



Figura 11- imagem 1, 2, 3 e 4 formam a paisagem de um casa de um Israelita, pertencente a uma classe menos favorecida desses imigrantes. Fonte: David A. T. Saénz, Dezembro de 2013.

Diferente de outros irmãos Israelitas que tem uma vida bem melhor, alguns até mais que muitos benjaminenses. Não é uma regra todos Israelitas serem detentores de pequenos empreendimentos ou que sempre sejam bem sucedidos, como podemos observar através das fotografias, esse assim como muitos Israelitas vivem em condições improvisadas de vida, não tendo como nesse caso um fogão, ou em muitos casos algo para cozinhar, ou seja, o improvisado está em muitos casos em todos os aspectos da vida dessas pessoas, desde o básico que é ter água para beber (muitos dependem da água da chuva, que serve não só para beber mas para cozinhar, tomar banho, lavar as roupas), até a luz elétrica, coisa que muito dessas famílias de imigrantes não tem. Mesmo com essas dificuldades muitos desses Israelitas orgulham-se de viverem em uma condição desfavorecida frente ao meio social ao qual fazem parte, pois eles encaram como provação divina, ou seja, ter mais ou menos bens que a população local não é encarado como parâmetros comparativos. Barba-Rala afirma que:

Nós tentamos sempre apoiar uns aos outros, mas tem irmãos que vivem numa condição menos favorecida por estarem passando por um momento difícil e delicado, mas tem outros irmãos que estão nessa condição por não quererem trabalhar mesmo... tem alguns irmãos que não possuem uma casa, muitas das vezes é devido estes terem

muitos filhos, mas estes não são muitos, somente são seis famílias não mais que isso. Todos eles trabalham com plantações, e muitos vivem nessas condições por não quererem pagar aluguel e guardar um pouco mais de dinheiro. (Barba-Rala, 22/09/2010)

Ao analisar essa relação, verifica-se que se trata de uma linha tênue entre o real interesse religioso e o econômico por seus adeptos serem das baixas classes sociais e serem portadores em sua grande maioria de uma escolaridade primária, assim como seu próprio fundador. Denotando a partir disso um orgulho deles, pois como os próprios afirmam “que Deus lhes deu uma sabedoria para humilhar os sábios e conquistar riquezas”, assim eles encontram-se destacados significativamente na economia de base (a agricultura e o comércio).

Segundo Barba-Rala, as pessoas de Benjamin Constant deveriam ser gratas aos israelitas, pois graças aos irmãos que trabalham com plantações, vários produtos ficaram mais barato e são acessíveis à população local. Esse tipo de atividade é uma grande fonte de renda de muitos irmãos Israelitas na cidade, além de serem responsáveis pelo abastecimento quase que total desse tipo de mercado. Eles se orgulham de serem responsáveis por alimentar não só seu povo, nas comunidades israelitas, mas também os demais habitantes da cidade. Um exemplo dessa relação é referente a queda dos preços dos produtos alimentícios, especificamente da banana: “antes de chegarmos a região o cacho desta fruta custava algo entorno de 40 reais, sendo que hoje o mesmo cacho custa algo entorno dos 10 reais” (Barba-Rala, 23/09/2010).

Através desse relato observei o orgulho que este povo tem no trato com o campo. Além da queda dos preços, Barba-Rala descreve que a cidade não conta com plantações de batata, cebola, tomate dentre outros produtos agrícolas que o movimento Israelita tem o domínio do cultivo e distribuição na região, além de outros produtos peruanos (estes industrializados) apesar de que no caso dos produtos industrializados, não assumirem o valor baixo que estes têm com relação aos produtos nacionais talvez por temerem represálias por parte de possíveis “fiscalizações”. “Assim os benjaminenses já estão tão habituados conosco que quando realizamos nossas atividades de resguardo na lua nova e nos sábados, as festas (que ocorrem três vezes ao ano), a cidade sofre com a escassez de alimentos e outros produtos”.

Sua prosperidade ou enraizamento na respectiva cidade traz uma série de descontentamentos, principalmente aos comerciantes locais (como veremos mais adiante) por tratar-se de um povo extremamente eficaz em suas atividades econômicas, aqui caracterizadas como: agrícolas, que através de sua organização, e de seus hábitos, conseguem constituir de certa forma pequenas riquezas, enquanto os moradores locais não têm os mesmos resultados estando ambos em um patamar relativamente igual. Devido a isto temos também o fato de que

eles não trabalham para terceiros somente e exclusivamente para eles mesmos seguindo as seguintes diretrizes:

...israelita considera que se debe trabajar en provecho de uno mismo y no a favor de otros, no desperdiciando fuerzas ni años. Otra razón sostenida es la necesidad de ser dueños del propio tiempo, para así poder dedicar una parte de ella al cumplimiento de los ritos Del culto, ya que en un trabajo dependiente se está sujeto a los horarios y se esproclive a tener dificultades por la barba y cabelleras largas (Manuel Granados. 1986).

Em relatos coletados em campo sobre o ponto de vista dos benjaminenses sobre a chegada dos Israelitas, assim como os comerciantes peruanos de uma forma geral, já que muitos benjaminenses vem os Israelitas como peruanos como muitos que habitam essa cidade, antes de vê-los enquanto uma comunidade religiosa. Muitas das pessoas as quais submeti a entrevista, ou mesmo em conversas informais, afirmaram que guardam muito receios, advertências e muitas ironias, pois consideram não só os Israelitas, mas os peruanos de forma geral como intrusos, principalmente pelo lado da economia. Além desse tipo de discriminação, existe um certo medo por não saber muita das vezes da origem desses imigrantes, da sua situação e motivos de sua vinda para esta cidade, especulando se estes peruanos são refugiados ou mesmos traficantes que estão no Brasil para se livrarem de alguma pena no Peru. Ou seja, muitos dos moradores brasileiros de B. Constant, percebem esses imigrantes a partir da lente do estigma.¹³

Segundo os comerciantes locais, “os Israelitas optam por migrar para o Brasil, principalmente para esta região de fronteira, pela oportunidade e crescimento econômico, de obter uma vida melhor e ter oportunidade de uma vida com projetos realizados”. A região de fronteira a qual pertence a B. Constant, tem características próprias, como já pontuei nesse texto, cada sujeito tem uma história única de inserção ao movimento AEMINPU e a fronteira, ou seja, cada sujeito, interpreta as questões de fronteira dependendo do contexto vivido, suas relações são interações que exprimem interesses particulares ou econômicos.

Em seus ambientes sociais nos quais convivem os comerciantes peruanos e Israelitas, onde os mesmos desenvolvem suas atividades econômicas e práticas sociais, apresenta um espaço que envolve por um lado, uma receptividade e, por outro, uma ação de desconfiança em relação à presença do “outro”. Os Israelitas assim como o imigrante peruano pesquisado, tem uma perspectiva do que é viver nesta fronteira construída em seu imaginário social. Suas dificuldades e realizações, demonstradas a partir do contato e do diálogo como o outro.

¹³ Goffman (1988) diz que um estigma é “um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo; o termo estigma, portanto, pode ser usada em referência a um atributo profundamente depreciativo”.

Ao analisar um grupo social onde os mesmos podem assumir identidades diferentes em determinados contextos vivido por eles, comporta a Antropologia relativizar e compreender perspectivas desta dinâmica social do indivíduo, pois os mesmos possuem a “liberdade” de ir e vir (transitar) por determinados espaços de interesse particular. Inclusive comportar-se da maneira que lhe for mais conveniente. Temos como exemplo, a fala de Barba-curta (22/08/2009): “Quando estou em contato com brasileiros e peruanos sou a mesma pessoa, mudo a maneira de falar, de agir, depende da situação, aí eu me comporto”.

A partir desta re-construção de identidade, vivenciada na transitoriedade da fronteira, através das interações sociais, entre os imigrantes e os demais segmentos da sociedade (Oliveira, 2000), ressalta que existem “caminhos” e “descaminhos”, que podem levar a ambiguidade. Pois estes atores sociais estão sujeitos a múltiplas relações com outros grupos sociais, nesta região de fronteira. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, p.13)

Dito isto, observamos a disposição do comércio imigrante em B. Constant, que é dividido visivelmente entre o que é comércio Israelita e comércio somente Peruano. A maior parte dos comércios desses imigrantes se concentra na Avenida Castelo Branco, além da Avenida Getúlio Vargas principais vias do centro da cidade, onde a o domínio do comércio não pertencente aos Israelitas, pois os comércios AEMINPU se concentram na Rua Frei Ludovico e 13 de Maio ambas no bairro de Coimbra, e pontualmente em alguns outros bairros, como pode ser visto na disposição do mapa abaixo:

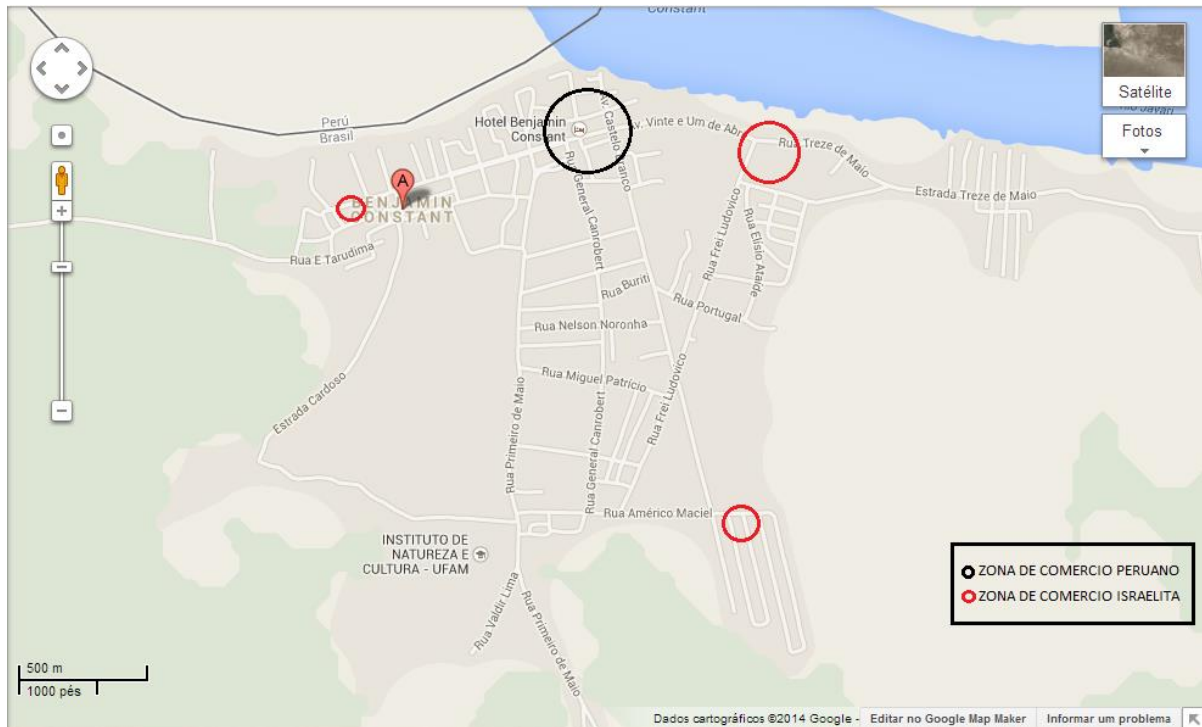


Figura 72- Cidade de Benjamin Constant, locais de concentração de comércios peruano e israelitas. Fonte: google map, 2014.

Os locais de trabalho desses imigrantes geralmente tem o caráter improvisado, em sua maioria são construídos de madeira, geralmente alugados (no caso dos Peruanos) conforme podemos ver nas imagens que se segue do centro da cidade de B. Constant:



Figura 83- imagens 1, 2 e 3: Comércio de imigrantes peruanos, localizado no Centro de B. Constant. Fonte: Maria Elenir, 2010

Diferente dos Israelitas que são donos dos locais onde trabalham, os peruanos vendem em sua maioria produtos manufaturados como roupas, brinquedos, geralmente produtos chineses, além de alimentos vindos de Iquitos no Peru. Já o comercio Israelita é formado basicamente por produtos locais, hortifrúti, alimentícios tanto industrializados como vindos das

colônias e plantações Israelitas mais próximas (além de produtos manufaturados nacionais: leite, açúcar, arroz, feijão dentre outros). E também tem uma porcentagem de produtos peruanos de origem chinesa. Vejamos:



Figura 94- As imagens (1, 2, 3, 4, 5 e 6) representam um dos maiores comércios Israelitas de B. Constant, localizado na rua 13 de maio no bairro de Coimbra. Fonte: David A. T. Saénz, 2013



Figura 105- As imagens (1, 2, 3 e 4) representam o segundo maior comercio Israelita na cidade de B. Constant, rua Frei Ludovico no bairro Coimbra. Fonte: David A. T. Saénz, 2013

Nos dois primeiros grupos de imagem vemos como são dispostos os produtos agrícolas Israelitas para venda, além desses produtos podemos observar, como estão dispostos os produtos manufaturados, uns de origem peruana, outros de origem brasileira. Vale ressaltar também que tanto o primeiro comércio quanto o segundo, são fixos, onde primeiramente foi alugado e posteriormente comprados. Começando como pequenas mercearias – nas próprias casas em que esses Israelitas moram – de venda quase exclusiva de produtos agrícolas Israelitas, estes foram se expandindo e tomando o espaço das casas, retirando as paredes divisórias das casas de madeira, tornando pequenos e prósperos mercadinhos, onde uma gama de pessoas realizam compras diariamente. O terceiro grupo de fotos, abaixo, mostra como muitos desses comércios começam, tanto Israelitas como Peruanos, uns alugados outros em pequenas barraquinhas, ou banquinhas:



Figura 116- As imagens (1, 2 e 3) representam um local alugado por Israelitas em B. Constant, na rua 21 de Abril, bairro Cohabam. Já as imagens (4, 5 e 6) representam uma banquinha Israelita no Bairro Cidade Nova nesta mesma cidade. Fonte: David A. T. Saénz, 2013

Neste terceiro grupo podemos ver a diversidade de produtos chineses vindos do Peru que é comercializado pelos Israelitas em B. Constant. Destaco estas fotos, pois elas revelam muito bem como a maioria desses imigrantes, recomeçam ou simplesmente iniciam sua vida no Brasil, como mantem suas famílias, e como muitos, devido aos fatores religiosos iniciam suas vidas dessa forma e rapidamente seus negócios tornam-se prósperos e altamente rentáveis. Para

exemplificar melhor vejamos os relatos de alguns Israelitas sobre sua evolução no outro lado da fronteira, B. Constant, quais os motivos e interesses desses sujeitos nesta cidade, e não em Tabatinga, Atalaia do Norte ou outra cidade perto da fronteira, assim como a capital Manaus.

3.4 - A HISTÓRIA DE VIDA, INTERESSES NA FRONTEIRA

3.4.1- Relato de Israelita, Barba-Rala (15/02/2013-20/02/2013)

A história de vida desse Israelita não é diferente dos muitos adeptos, assim como dos imigrantes peruanos que Habitam na região de B. Constant, carregada de dificuldades. Obrigado a migrar devido a condições de emprego e habitação no Peru (ele não quis afirmar seu local de origem), achou mais viável morar em Iquitos - onde o movimento comercial era melhor e tinha menos concorrência, nesta mesma época ingressa na AEMINPU. Pensou várias vezes em morar no Brasil, achava que aqui teria melhores condições de sobreviver, e manter um estilo de vida que lhe interessava. Devido a comercializar peixes, frequentemente visitava Tabatinga, Islândia. Em uma de suas viagens a região, acabou conhecendo B. Constant, achou mais viável morar aqui no município, pois a facilidade do livre comércio é melhor que em Tabatinga.

Perguntado sobre as dificuldades, tanto econômicas como sociais, ele declarou que: *“me relacionar com as pessoas deste lugar foi difícil... senti muita dificuldade no começo, principalmente, no idioma, na comida e no clima que é muito quente... mas já moro no município há cinco anos, e já me acostumei”*.

Mesmo se sentindo cômodo, ainda tem um sentimento forte da sua terra natal, mas pela necessidade do trabalho e de questões econômicas é obrigado a viver na fronteira – Brasil e Peru. O fato do Brasil ser uma potência no sentido das fábricas, indústrias e as oportunidades oferecidas através de programas governamentais para quem morar aqui no Brasil também o incentivam a não sair daqui. Porém, sempre viaja para comprar mercadoria, de dois em dois meses e aproveita para rever a família.

Percebi na fala de Barba-clara que para ele a dinâmica social seria viver transitando e que suas idealizações sempre estão se transformando, sempre indo e vindo do Peru com mercadorias para vender. Declara que *“hoje minha relação é dinâmica, assim como a de outros irmãos e peruanos com relação aos brasileiros”* (no sentido dos comércios locais).

Afirma que uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos irmão (Israelitas), foi logo que chegou no município. Disse que era rejeitado, tanto pela sua aparência (referentes ao

estereótipo Israelita) e por ser ilegal. Mas pela ajuda de um delegado da capital do Amazonas (Manaus), contatado por familiares seus (também imigrantes) que moram nessa cidade, conseguiram contato junto à Comissão de Direitos Humanos e, foram aceitos. Tendo, hoje, acesso à educação, a saúde, os próprios brasileiros passaram a valorizá-los. Hoje ele está muito feliz.

Seu comércio desde sua chegada ao território benjaminense em meados dos anos de 2005 até os dias de hoje cresceu, apesar da resistência e crítica, dos comerciantes locais, afirma: *“as pessoas daqui são muito amáveis, e colaboram para o nosso crescimento quando compram nossos produtos, sabem que estamos sempre aqui quando precisam”*, Barba-Rala Faz essa afirmação, pois nos fins de semana (no caso domingo), feriados inclusive nos de fim de ano, seus comércios estão sempre abertos, enquanto todos os outros inclusive os comércios peruanos fecham suas portas.

3.4.2- Relato de Israelita, Barba-Branca (17/08/2013-23/08/2013-06/09/2013)

Antes mesmo que eu começasse nossa conversa, o mesmo já começa a contar sua história, acredito que havia sido alertado por outros irmãos sobre o que iríamos conversar, mesmo assim a conversa se deu de forma bem dinâmica, consegui pontuar sobre aquilo que o trouxe para B. Constant.

Relata que o que o trouxe para o Brasil, além do movimento, foi sua experiência como comerciante, segundo ele a experiência de muitos irmãos na região lhe saltou os olhos, com uma experiência de trabalho na área de pequenos comércios conseguiu juntar uma pequena economia, um capital, com o qual poderia trabalhar em qualquer lugar do Brasil, mas como a condições da região lhe eram bem melhores, favoráveis, esse decidiu instalar-se aqui onde: *“Temos a loja, compramos casa, tenho filhos brasileiros, ficamos aqui na fronteira, temos permanência regularizada, tenho microempresa”*.

Antes de vir para essa região, declara que como comerciante morou em vários lugares do Peru: *“... morava ao norte do rio Amazonas, antes disso morei na serra em São Martin, além Arequipa e vários outros locais”*. Veio para o Brasil em companhia de um amigo, que veio para Letícia, ficaram uma temporada em Tabatinga e souberam que a política de recepção ao imigrante em B. Constant era um pouco melhor, por isso vieram para o município pouco tempo após ter se convertido. A família é toda peruana, mais os filhos são brasileiros, inclusive estudam, fazem o ensino médio.

Quando veio para o Brasil teve muitas dificuldades, principalmente na maneira de falar dos brasileiros, do clima: *“é muito quente aqui, no norte do peru, é diferente da Amazônia... o*

clima é muito variado e de temperaturas mais amenas”. Além das dificuldades, devido a forma de se vestir, seus cabelos e barba longas fizeram com que muitas pessoas tivessem, segundo ele, *“desconfiança de nós no começo*”. Confessa que achou um pouco difícil, mas acabou se adaptando. Declara ainda que a comida era um pouco estranha mas com a facilidade do comércio peruano na região de fronteira se alimentam a sua maneira e com incremento da culinária peruana, não foi nada difícil.

Afirma que enfrenta, assim como muitos irmãos, muitas dificuldades, mas que hoje consegue manter contato com seus conterrâneos e parentes por meio de telefone: *“falo regularmente com meu pai e minha mãe*”. Afirma ainda que viver na fronteira é interessante: *“morar na fronteira, é diferente de outros lugares que já morei no do Peru... há outras convivências... pois as pessoas em Benjamin Constant são mais receptivas e acolhedoras, tem trabalho ... é um muito melhor*”. Pois segundo ele a política brasileira é melhor que a política peruana, já que *“no Peru é tudo mais difícil*”, afirma que os impostos são mais altos que no Brasil e que não sentiu dificuldades para tornar-se comerciante aqui, trabalha de uma forma ordenada, e legalizado (me mostrando seu Alvará de funcionamento).

3.4.3- Relato de Israelita, Barba-Negra (14/12/2013-24/12/2013-27/12/2013)

Ao relatar sua vida, percebo um pouco de tristeza em sua fala, pois através de seu relato este Israelita lembrava de toda luta que havia passado para enfim, poder se estabilizar aqui em B. Constant. Bem diferente dos últimos relatos, este Israelita por vezes em nossa conversa marca que em maio de 2011 fez sete anos que mora no Brasil. Relata que sempre morou no Departamento de Loreto. Inclusive descreveu a trajetória de como foi apresentado a AEMINPU, relata que:

“Morava com minha mãe, meu pai e minha irmã. Infelizmente minha mãe morreu, e passei a morar com o sogro de meu pai. Era muito difícil, pois depois que minha mãe morreu as dificuldades financeiras e a saudade, tornaram-se ‘gigantes’ que eu não tinha forças para combater, por isso viajei e fui para Iquitos, pois queria continuar a vida, queria estudar e rever meus parentes... foi em Iquitos que tive o primeiro contato com os Israelitas, encontrei muito conforto junto aos irmãos... eles sempre me apoiavam quando estava triste, me mostravam como vencer minhas dores através da palavra”

Já que não conseguiu retomar os estudos, ele decidiu conhecer o Brasil e diz que *“todo peruano tem vontade de vir morar no Brasil”*, afirmou ainda que ouvia falar que era muito bom morar por aqui, a cultura, a política a religião e a vida eram diferente, no sentido de uma maior liberdade de se expressar através dessas formas. Quando veio de Iquitos, ficou em Islândia. Em 2004 veio para Benjamin Constant, ao chegar aqui no município, passou muita necessidade,

passou fome, até que encontrou um brasileiro que o ajudou, doando um local para morar até que ele pudesse encontrar um local próprio que pudesse pagar.

Outro fato que contribuiu para vinda deste Israelita foi: *“todo irmão que conhecia havia dito que no Brasil todo mundo só falava em Deus, que sua boca só era de Deus”*. Fator decisivo em sua vinda, pois *“no Peru não, lá todo mundo esquecem-se de Deus, por isso que as autoridades não querem melhorar a cidade”*. Fazendo referência a forma de vida que se encontram as cidades pelas quais passou antes de vir ao Brasil. Sua vida de comerciante iniciou-se com a venda banana frita (popular lanche da região), e as dificuldades permaneciam, mas ele não poderia voltar para o Peru de “mãos abanando”, foi quando conheceu um peruano que o motivou a trabalhar como comerciante. Então, entrou no mundo do comércio.

Em 2008, foi para Manaus, tentando melhorar a vida o mais rápido possível, mas em 2009 teve de retornar para B. Constant, pois em Manaus a concorrência para trabalhar é maior, além da dificuldade de entender e falar pouco o português e principalmente possuir uma barba e cabelos compridos, visto que na capital do Amazonas existe muito preconceito com o imigrante peruano. Curiosamente ele acredita que é por ser peruano e não Israelita (com todos os seus traços diacríticos) o motivo do fracasso de sua empreitada. Sendo que foi somente em 2010 que conseguiu realizar o seu sonho, hoje tem uma loja muito “sortida” que inclusive compra parte de seus produtos em Iquitos, viajando para lá de dois em dois meses. Diz que nunca seria um comerciante bem sucedido no Peru, pois a situação econômica e de incentivo aos pequenos comerciantes é muito diferente do Brasil *“que dá oportunidades para quem quer trabalhar”*.

Acrescenta ainda que morar na fronteira é muito bom, pois *“ninguém mexe com ninguém”*, apesar de relatar já ter sido vítima de um roubo em seu comércio. Mas que mesmo após ter sido roubado, que Deus ainda tem muito para dar para ele. Sua vida no Brasil mudou em duas coisas: *“Passei a entregar mais minha vida a Deus e ver quais respostas e caminhos Ele me proporciona”*; *“No Brasil a cultura é ‘tradicional’ e Deus é a solução, por isso estou prosperando”*. Podemos ver que além do comércio a liberdade religiosa nessa zona de fronteira é um fator determinante para permanência desses Israelitas.

Pesquisar e observar como se constrói a imigração peruana, dentro desta fronteira, Brasil e Peru me fez perceber que a ação de imigrar envolve muito dinamismo e coragem, pois, conforme está posto no relato acima, esse processo é caracterizado pelas lutas e dificuldades enfrentadas pelo imigrante que busca, na maioria dos casos aqui analisados, melhores condições de vida e de trabalho no país de destino, além de uma maior liberdade religiosa.

Os peruanos, onde encaixam-se os Israelitas, enfrentam sérios problemas para a regularização de sua permanência, principalmente porque no Brasil há grandes vazios de políticas migratórias e não se tem tradição no decreto de anistias aos estrangeiros indocumentados.

Nas últimas experiências de anistia, os períodos previstos para o encaminhamento dos documentos de solicitação foram sempre muito curtos, inviabilizando o ingresso de processos junto ao Ministério da Justiça e ao Conselho Nacional da Migração. Além desse fator, os imigrantes são penalizados com a cobrança de altas taxas para a tramitação dos processos e com a aplicação de multas impagáveis aos autuados. Por causa de todo esse complexo contexto, muitos imigrantes peruanos vivem de forma irregular, indocumentados, em Manaus e em vários municípios do Amazonas. (Oliveira 2006, p.161)

Este dado parece confirmar a hipótese de que nas “sociedades complexas”, o pertencimento a vários grupos, redes e círculos sociais é fenômeno básico a ser investigado e compreendido (Velho, 2003).

O falar simultâneo de duas línguas (o espanhol e o português) ou, em alguns casos, o “portunhol” (um idioma híbrido), é pois, parte da maneira que as pessoas da comunidade Israelita de fronteira tem de se relacionar entre si. Ademais, os dados mostram que esses atores históricos estão a atravessar constantemente essas “fronteiras controladas” (Nogueira, 2007), “desempenhando diferentes papéis sociais, de acordo com contextos, situações e projetos por eles vividos” (Velho, 2006, p.18). Assim sendo, as suas culturas não são isoladas, mas interligadas. Conforme discursos dos imigrantes pesquisados, em sua maioria, imigram para B. Constant por conta da questão de sobrevivência em meio a um contexto religioso, ou seja, de conseguir a partir de sua religião um trabalho e sustento para suas famílias.

A partir dessas entrevistas percebe-se que a imigração é caracterizada por encontro de culturas diferentes, e por contraste identitários e que a fronteira vivida pelos Israelitas perpassa um espaço limitado, que se compõem principalmente, em dimensões sociais e culturais, na construção do imaginário que envolvem uma rede de relações. Compreender as perspectivas do imaginário social desses Israelitas, sua realidade de vida e conflitos enfrentados; compreender o processo de (re)construção cotidiana da sua identidade, pois a maioria dos imigrantes peruanos fazem parte da econômica benjaminense, oferecendo seus produtos importados como: brinquedos, calçados, gravador digital, confecções, etc., percebemos que neste ato comercial se realiza o contato com os demais segmentos da sociedade, é perceptível também uma existência de “dependência dos brasileiros” aos produtos peruanos, onde são vendidos com menores preços, em comparação aos produtos industrializados no Brasil.

Nesse sentido existe um processo de interação entre peruanos e brasileiros, permitindo compreender a fronteira, a partir de Nogueira (2007) quando coloca que está fronteira vivida, deve ser interpretada a partir da compreensão que seus habitantes têm dela e de como se relacionam, quando se relacionam, com seus vizinhos e mesmo com seus compatriotas das regiões centrais. Em sua maioria, os Israelitas se preocupam em se estabilizar não só economicamente, mas possuir o visto de permanência que lhes dá tranquilidade e legalidade para viver em outro país, neste caso o Brasil.

CAPÍTULO 4 – O TEMPLO E AS FESTAS COMO ELEMENTO DE AFIRMAÇÃO (E CONSOLIDAÇÃO) DO GRUPO

Para falarmos do templo, assim como dos espaços que os integrantes da AEMINPU adquiriram nas cidades amazônicas, especialmente em B. Constant, temos que primeiro tomar conhecimento de como essas pessoas se apropriam simbólica e materialmente dos espaços. O grupo AEMINPU se afirma não somente pela aquisição de prédios, casas, construção de vilas, o fluxo de seus integrantes junto ao local de destino, assim como o uso da terra, mas, como afirma Désilets (2008), através de diversas formas de expressão religiosa e territorialidade que marcam as fronteiras de um novo cenário sociocultural, que contrasta com as práticas da população local.

Em B. Constant, as casas, os terrenos, o templo e os comércios Israelitas possuem marcadores identitários; trata-se de um grupo que têm uma impressionante densidade simbólica de marcação territorial. Esta característica é fornecida através de painéis onde encontramos os dez mandamentos; a exibição de símbolos religiosos, como a figura da arca da aliança, suas vestimentas, o ritual ou culto, dentre outras práticas. Já quanto a forma dos espaços ocupados pelos Israelitas esses não são muito diferentes daqueles da população benjaminense, pois os materiais de construção permanecem substancialmente os mesmos. O que diferencia das habitações locais, e o que lhes dá toda uma singularidade, reside na expressão iconográfica, ritual e processo de planejamento dinâmico, visto que os Israelitas orgulhosamente exibem sempre que possível documentos, fotos, panfletos, vídeos musicais, nas paredes de suas casas e seus templos, símbolos e escrituras dedicadas a sua condição de "povo escolhido", refletindo para fora da comunidade o seu direito divino à posse daquele local¹⁴, que pode ser um comércio, o local de culto, suas casas etc.

4.1 - PERSPECTIVA DOS ESPAÇOS: OS ISRAELITAS E SEU TEMPLO E ESPAÇOS DE CULTO

Em B. Constant, o templo dos Israelitas está localizado na rua Pedro Martins (conhecido popularmente como beco do óleo – por se tratar do local onde descarrega-se óleo diesel que abastece a termelétrica), no centro da cidade, em uma rua perpendicular a Avenida 21 de Abril,

¹⁴ No caso das colônias presentes ao longo dos rios Javari estes marcadores identitários estão presentes na entrada dessas colônias, sendo marcada pela bandeira da congregação, a bandeira do Tawantinsuyo e emblema do acordo proposto (Torre Lopez, 2004).

próximo da Usina termelétrica. O templo localiza-se em meio a diversas casas às margens do rio Javarzinho (afluente do rio Javari). O ambiente do templo era um tanto improvisado, nos anos de 2009 e 2010 quando a AEMINPU adquiriu um local para construir seu templo. Tratava-se tipicamente de uma moradia ribeirinha (feita de palafita), não possuindo placa que identificasse a denominação, ou sequer lembra ser este local uma igreja, como tradicionalmente estamos acostumados a ver. No ano de 2011 iniciou-se a construção definitiva do templo AEMINPU, uma construção de alvenaria suspensa por pilares de concreto armado, semelhante aos moldes da antiga construção de madeira, que era constituída: de um salão de culto, um ambiente para alimentação (com uma cozinha), e um porão (uma área de proteção contra a inundação que ocorre anualmente no primeiro semestre) que é utilizado para guardar canoas, motores de polpa, tendo ainda outras utilidades. Em 2012 se finalizou a construção desta obra, pelo menos as partes estruturais, ficando de fora somente detalhes de acabamento, como mostram as fotos abaixo.



Figura 127- As imagens (1, 2, 3 e 4) representam a estrutura externa e interna do templo AEMINPU. Fonte: David A. T. Saénz, 2013

Observando este espaço templo podemos ver que se trata de um local pequeno, dividido em duas áreas, por uma porta (na lateral direita). Atrás da porta temos o local referente a um refeitório e na frente temos o Salão de reuniões (e/ou cultos). Na área de reuniões encontra-se o altar composto por uma espécie de púlpito com emblema dos dez mandamentos gravados. Acima, em grandes banners, encontram-se os mandamentos. Este primeiro púlpito não é utilizado devido ao fato de ser a representação de seu fundador através da mensagem de renovação espiritual e dos preceitos deixados aos cuidados de seu fundador Ezequiel. Desta forma, prestam reverência diante do mesmo tanto ao entrarem no templo – lembrando a prática israelense, assim como a mulçumana de reverência a pontos sagrados, neste caso, a Meca – como quando se dirigem aos púlpitos destinados a pregação da palavra. O informante destacou de forma contundente que:

O local onde a igreja israelita foi comprada, e que tudo foi registrado em cartório. Assim a igreja israelita não manda e nem recebe dinheiro de uma igreja central (aqui no caso a Cienaquilla). Todo o dinheiro, seja por meio de dízimos ou ofertas é aplicado na construção do templo na cidade e dos elementos que compõe esse todo religioso. Reforçando este ponto Oswaldo afirma que: “ninguém pode falar eu ajudo a ti... não, não! ... Mas através do cooperativismo, um dá as folhas de zinco, outro os pregos, e agradecemos a Deus por isso”. (Barba-Negra, 23/09/2013)

Remetendo novamente ao espaço físico do templo Israelita, logo a frente há uma mesa com uma taça de prata onde é queimado o incenso durante toda a cerimônia (seria uma espécie de incensário), assim como a Palavra os ordena a praticar. Além do principal púlpito onde repousam as dez leis reais e onde não é praticado – além da queima de incenso – nenhum tipo de atividade ligada diretamente a este local, há outros dois púlpitos, um a esquerda e outro a direita daquele que se localiza ao centro deste templo: um é destinado às mulheres e o outro aos homens, enfatizando que o das mulheres é bastante simples, apenas um pedestal com uma base em cima para o apoio da bíblia, dentre outros materiais utilizados pelo ministrante. O dos homens, visivelmente possui uma estética com um melhor acabamento, contendo números romanos simbolizando os dez mandamentos e entre estes números há o símbolo da instituição.

No auditório encontram-se duas fileiras de uns poucos bancos, nos quais homens sentam do lato direito e as mulheres do lado esquerdo. Em uma de minhas primeiras inserções notei que nem todos os homens possuem a barba ou sequer os longos cabelos característicos a essa denominação, como descritos pelos autores relacionados especificamente a esse grupo. Também pude notar mulheres que não trajavam um véu cobrindo seus cabelos. Outro fato relevante, e que evidencia a intenção que este grupo tem em difundir-se em meio a qualquer contexto social, é a utilização da bíblia escrita em espanhol, como uma forma de atingir a todos que desejam ser alcançados.

Em um de seus vários discursos Barba-Curta, afirma que: *“quando o diácono torna-se pastor sua mulher automaticamente é denominada pastora e têm as mesmas funções, só que numa escala bem menor”*. Perguntei então se ele tinha mulher, ele afirmou que: *“não, e que isso não é um empecilho a obra”*. Indagado, então, se uma mulher poderia aceder à condição de pastora, Barba-Curta afirmou:

Sim, as mulheres tem as mesmas oportunidades que os homens neste sentido, porque as mulheres podem ser diaconisas, mas outros cargos como o de sacerdote este só pode ser conferido a homens... tanto mulheres quanto homens tem as mesmas possibilidades de serem ou alcançarem o cargo de pastor. (Barba-Curta, 14/12/2013)

A cerimônia ou culto israelita se inicia na sexta-feira às 18 horas e vai até as 18 horas do sábado, sendo dividido da seguinte forma: na sexta-feira inicia-se um culto as 18h com fechamento geralmente as 22h (em alguns casos atravessa a madrugada), uma média de 4 quatro horas de culto; já aos sábados as reuniões iniciam-se as 7h e tem suas atividades finalizadas às 18h, ou seja, o dia inteiro, com um intervalo às 12h para o almoço e retorno às 14h. Por possuir um refeitório muitos Israelitas que moram distante ou vem de outras comunidades fazem suas refeições no próprio templo. Somente alguns Israelitas se retiram para suas casas, que geralmente não estão muito longe. O culto inicia-se com uma saudação dada sempre por um dos membros, acompanhada logo na sequência pela leitura dos dez mandamentos da lei real¹⁵. Em seguida designa-se uma pessoa para cantar, acompanhada com palmas, enquanto outras vão chegando e se acomodando, em sua maioria como já descrito, senhores de cabelos e barbas longos, mulheres com vestes longas e com véus. Curvam-se em reverência ao templo, ocorrendo isso tanto ao entrar como ao sair. Após a canção ser entoada, um segundo homem conduz os membros em uma sequência de três cânticos, onde novamente é aceso incenso. Em seguida, todos ajoelham-se para mais uma oração e entoam cânticos novamente. Após este momento o sacerdote faz a leitura dos dez mandamentos e mais uma vez é entoada uma música

Após este momento de adoração através da música, uma mulher põe-se de pé e faz a leitura da palavra. Em seguida o regente do culto explica a palavra lida pela mulher. Feita a leitura e a explanação da palavra bíblica novamente canta-se uma música e logo em seguida é franqueada a oportunidade para os membros tirarem suas dúvidas concernentes a assuntos bíblicos.

¹⁵ Estas leis descritas em dois grandes banners dispostos e realçados por uma grande moldura de madeira, estes cartazes tem as dimensões de 2m X 1,50m, para que até as últimas filas de bancos possam ler claramente as leis reais de Deus.

Um ponto importante neste sentido foi minha conversa com o atual pastor da comunidade israelita. Inicialmente, ele descreve o papel do pastor. Utiliza-se, para tanto, de uma cartilha, um estatuto para realizar tal feito. Num segundo momento utiliza-se da experiência pessoal para administrar e pautar sobre os elementos lidos no estatuto. Para tanto, inicia da seguinte maneira:

Para ser pastor necessita-se de uma série de deveres e obrigações... Primeiramente para ser pastor o irmão israelita tem que chegar ao posto de diácono dentro da igreja. Este em alguns casos de ausência do pastor pode assumir a frente da igreja por estar imbuído de autoridade frente a comunidade religiosa para exercer tal feito. (Barba-Curta, 27/12/2013)

Um dos deveres do pastor é visitar os irmãos quando estes possivelmente faltarem ao descanso sabático. Além disso, segundo Barba-Curta, a figura do pastor tem de ser e transparecer ser uma pessoa de índole mansa, humilde e honrado no sentido de não ser ganancioso nem ser enganador, pois suas ganâncias, anseios e demais concepções humanas serão supridas por Deus, não ser bilíngue¹⁶. Barba-Curta afirma que: *“o homem está destinado a morrer aos quarenta anos de idade, sendo que se cada indivíduo seguir essas recomendações Deus se agradará de sua obra ele lhe acrescenta anos a mais de vida”*. Concepção própria apoiada em um discurso composto por elementos bíblicos.

Outro ponto de destaque é a incorporação de instrumentos como teclado e ritmos um tanto agitados – sendo este ritmo tradicional da cultura inca peruana – incorporados aos cânticos. Dentro da estrutura dessas músicas podemos encontrar letras que revelam suas reais intenções espirituais, pois são letras permeadas pelas revelações referentes a terra prometida e o arrebatamento do povo escolhido por Deus – os Israelitas.

Questionei-o a respeito de possíveis incômodos e divergências entre a igreja e os vizinhos que habitam seu entorno. Barba-Negra relatou-me que isto não ocorre. Muito pelo contrário, há um entendimento pacífico e que muitos de seus vizinhos visitam a igreja frequentemente¹⁷. Destaca ainda que muitos visitantes (diferente do relatado anteriormente) são compostos por colombianos, peruanos e brasileiros indígenas (tendo sublinha a receptividade destes frente a novas religiões)

Perguntado se o movimento Israelita em Benjamin recebe apoio financeiro vindo de Cienequilla, Barba-Negra responde que *“não, mas a central dispõe de empréstimos e serviços,*

¹⁶ Ser bilíngue é referente a misturar outras linguagens segundo eles mundanas e falar a linguagem bíblica.

¹⁷ Esta informação foi a meu ver super valorizada por este informante visto que todas as vezes em que participei (observando de dentro do templo) e outras em que somente observei (do lado de fora do templo sem que os membros me vissem), não notei a presença de nenhuma das pessoas que moram nas proximidades do templo

mas não queremos”. Numa tentativa de serem autônomos, a comunidade Israelita em B. Constant prefere por mérito próprio erguer sua estrutura – como a construção do templo, além da compra de terrenos e feitorias aos arredores de B. Constant – afastando-se neste sentido do comando de Cienequilla, pois se estão precisando desse tipo de assistência estes convocam a ajuda da própria comunidade israelita ou das mais próximas, e em conjunto trabalham para a construção seja de seu templo, seja na compra de materiais, compra de instrumentos, dentre outras despesas e encargos na região. Creio que este elemento ganha força devido a grande distância dessas comunidades com sua matriz. Dou destaque a essa relação devido a muitas denominações protestantes e mesmo a católica fazerem o uso deste mecanismo (o da assistência por parte de um templo central, um comando superior).

Diferente de outras denominações seus membros me explicam ainda que a congregação de B. Constant não realiza a prática de dízimos nem ao fim, nem no começo do mês, mas sim de forma voluntaria quando a comunidade necessita, como no caso da construção do templo. Alertando que:

“... algumas comunidades que instituíram essa prática enquanto uma obrigação de seus membros onde em alguns casos te dão uma nota ou um recibo mediante a tal ato de pagamento... eles perguntam: irmão quanto ganhas, e o irmão responde ganho 500 reais, daí eles falam para Deus isso corresponde a 50 reais de dízimo e isso serve para pagar ao pastor e outras coisas... assim o que estão fazendo, estão te obrigando... em nossa comunidade local é diferente, é por doação de forma voluntaria. Se, por exemplo, ganha 100 reais e sente em seu coração em doar 20 reais, não dez, mas 20 reais daí Deus vai te bendizer, porque às vezes você pode doar mais e às vezes menos... e esse dinheiro vai a Cienequilla especificamente a alguém, não a qualquer irmão, mas sim ao mestre, e o que ele faz com esse dinheiro, é o que muitos se perguntam já que ele recebe doações de vários cantos do mundo onde encontra se uma comunidade israelita... ele ajuda a crianças órfãs, tanto dentro quanto forma de Cienequilla que é como uma pequena cidade”. (Barba-Rala, 16/02/2013)

Diferente do que afirmou Barba-Negra a respeito dos dízimos e do contato com Cienaquilla, Barba-curta explica que: “*a comunidade israelita de B. Constant mantém um contato intenso com Cienequilla...é através do dízimo que nós ligamos*”, pois por meio dessa prática que eles se relacionam com o templo maior. Primeiramente ele afirma:

Não damos dízimos (em sua terminologia de ser a doação da décima parte de um todo), mas sim doações em forma de dízimos, algo como primícias ou primeiros frutos. Através dessa doação reunida por mim, é por sua vez repassada a Cienaquilla para a compra de “animais santificados (animais cuja criação é única e exclusivamente voltada ao sacrifício dentro das principais festas do povo Israelita) num total de cinco animais que são: ovelhas, bode ou cabra, boi, pomba, Ancho. (Barba-Curta, 14/12/2013)

Segundo Barba-curta, o dinheiro arrecadado com a prática dos dízimos/primícias é de uso único e exclusivo para obtenção de elementos de culto como animais, instrumentos musicais, a viagem de pastores etc. Dessa forma, além da manutenção e compra, realiza-se

também o contato com a Central da AEMINPU em Lima, já que os israelitas se autodenominam um povo santo, tudo deles seria atribuído certo grau de santidade, ou seja, teria que ter a benção de seu líder, e sua constante direção é a representação, pois o novo pacto de Deus com os homens foi feito através de Ezequiel e dado continuidade por seu filho. O fato é que com a prática da compra de objetos sagrados como animais criados exclusivamente em Cienequilla (não podendo ser criado para outros fins que não seja o sacrifício) mantém uma ordem social dentro do movimento que não é diferente de outras formações religiosas; somente é praticada de uma forma bem diferenciada, para com esta obter as diretrizes a serem seguidas.

Dentro deste contexto de uma pseudo-independência, o pastor é escolhido por meio de votação entre todos os participantes de cada comunidade Israelita. Este permanecerá por dois anos no comando da igreja e dirigirá as ações e desenvolverá um papel religioso não muito extenso, já que, diferentemente de outras denominações religiosas, sobretudo protestantes, onde o pastor exerce o cargo mais alto dentre todos os outros cargos possíveis, nos Israelitas este papel é reservado não aos pastores mas sim aos sacerdotes. O pastor pode ser uma pessoa nova ou idosa, basta sentir que Deus o tocou para que ocupasse esse cargo, e comunicar à comunidade. Esta, por sua vez, formará uma assembleia onde por meio de uma votação escolhe um novo representante.

De novo, diferentemente do que afirmou Barba-Negra, Barba-Curta diz que ele foi nomeado a ser pastor em dois momentos específicos da sua vida. Em ambos foi declarado pastor única e exclusivamente pela comunidade e não como descrito anteriormente. O primeiro ocorreu no Peru quando uma espécie de junta eclesiástica o nomeou por cerca de três meses como pastor:

Foi quando me interessei em vir para o Brasil não especificamente esta região. Pretendia passar por diversas localidades. Foi quando cheguei em Benjamin Constant onde nomearam-me pastor novamente por um ano... e como acho que eles viram meu trabalho ... com bons olhos, pois me deram mais um ano, estou portanto no meu segundo mandato. Já era para ter saído mas como estamos construindo o templo (construção em alvenaria, já que o local antes era de madeira a muito corroída pelo tempo e pelos parasitas), após o término dessa grande obra passarei meu cargo para o próximo pastor. (Barba-Curta, 14/12/2013)

Dentro dessa questão de espaços da AEMINPU na cidade, vale destacar que além do templo, os Israelitas possuem um terreno ao longo da estrada que liga B. Constant a Atalaia do Norte, mais precisamente no km 13. Nesse local eles pretendem implantar uma área de culto onde será possível a realização da Festas de Pascoa, Pentecostes e Cabañas. Hoje esse local serve para alguns membros plantarem verduras, tubérculos e frutas regionais. Um local com dimensões bem generosas, pois a estrutura física onde ocorrem as festas tem de ser bem amplas,

já que, segundo Barba-Curta, além do espaço de realização das festas é necessário um espaço para abrigar os Israelitas locais e os visitantes, sendo este espaço composto de: dois alojamentos, um para os homens e outro para as mulheres, além de que para as mulheres existe um terceiro alojamento destinado as que estão “*em impureza*” (menstruadas). Além desses locais temos também o altar dos sacrifícios e o estabulo onde ficam os animais que serão sacrificados. Todos esses espaços demandam uma enorme área, afastada da cidade, assim como ocorre em Cienequilla, Alto Monte Israel, nas comunidades do Javari e demais comunidades Israelitas espalhadas pelo mundo.

4.2 - CRENÇAS E RITOS: AS FESTAS AEMINPU

No âmbito do templo e em outros locais encarados por este movimento como sagrados, observamos que os israelitas baseiam sua espiritualidade explícita e implícita, objetiva e subjetivamente, na Bíblia, principalmente nos livros do Antigo Testamento e no livro de Apocalipse, assim como nos sonhos e visões de seu fundador. Fundamentalmente escatológico, este grupo credita sua fé no princípio do “fim dos tempos”. Desta forma, afastando-se do pecado e da injustiça que vigora nos centros urbanos como Lima e cidades das montanhas peruanas, constroem um pensamento de um local puro, livre do pecado, que há muito dilacera as grandes cidades. Nessas condições o movimento vê a Amazônia como a Terra Prometida.

Dentro deste contexto, seus ritos são marcados por uma prática judaica, sincrética, incorporada a práticas andinas de ocupação geográfica ligadas a dogmas ortodoxos cristãos, assim como uma visão de mundo atual. O que se aplica perfeitamente a nova morada de um novo grupo sob a renovação da promessa de Deus.

Como norma de vida e modelo litúrgico destacam-se do Antigo Testamento os seguintes rituais que este grupo pratica segundo suas concepções: primeiro destaca-se o dia de repouso, que caracteriza o descanso sabático, tendo seu início às 18 horas de sexta-feira e finalizando às 18 horas de sábado. Este intervalo de tempo é marcado pelo preparo de alimentos e reuniões nos templos. Segundo a Bíblia, este intervalo representa o sétimo dia da criação, o dia que Deus descansou. Desta forma, as únicas atividades realizadas neste dia são compostas pelos aspectos acima citados.

Outro ritual muito utilizado pelos israelitas são as vigílias, relacionadas à lua. Este ritual é celebrado todos os meses, por ocasião da lua nova, estando esta prática dentro dos preceitos doutrinários, simbolicamente ligado à espera do messias. As reuniões referentes a este ritual são

de adoração e uma hora de leituras bíblicas, onde seus integrantes entram em uma espécie de transe. Através de cantos que são entoados repetidas vezes, de forma coletiva, alguns balançam as cabeças para frente e para trás, outros o corpo inteiro, uns dançam uma coreografia alheia aos demais no salão. O ambiente contribui para esse transe, pois o templo não é muito grande; eles fecham as portas e a fumaça de incenso toma o ambiente. Nesse momento o salão de cultos é envolvido por três elementos coletivos: cantos entoados sobre o fim do mundo e o povo escolhido por Deus; fumaça de incenso; danças, horas performáticas, repetição de movimentos aleatórios. A única diferença desta prática com as reuniões sabáticas está no intervalo de tempo. Esta ocorre uma vez ao mês tendo seu início às 21 horas e seu encerramento às 5h do dia seguinte.

Outras formas de ritos que estão dentro da cosmologia Israelita são caracterizados por suas festas, originalmente realizadas em Cienequilla – espécie de sinagoga localizada em Lima. Com a expansão do movimento criou-se a partir da distância entre capital e comunidades missionárias/colonizadoras, mecanismos de adequação dos rituais realizados nas festas: em vez de sacrifícios e oferendas de animais há entre as congregações amazônicas uma prática de oração, com o intuito, um desejo, de que a próxima festa seja tão boa e próspera em orações como banquete.

Dentro da associação Israelita há uma prática de três grandes festas: a primeira é caracterizada pela festa de Páscoa, ocorrendo entre 14 e 21 de abril¹⁸, pois, segundo o calendário judeu, abril é o primeiro mês do ano, representando dentro da visão milenarista, a proclamação do novo pacto com Deus (Ex. 12:2-18); a segunda consiste na festa de pentecostes, que se dá no intervalo de 14 a 21 de junho, chamada de “Pentecostes” por se celebrar 50 dias após a páscoa ou 7 semanas da primeira (Est.8:9); a terceira e última festa é a “Cabañas”, celebrada de 15 a 22 de outubro, tendo esta, como seu significado, a libertação do povo do Egito por Deus através da liderança de Moisés. Aqui se reitera a concepção Israelita na busca por sua terra prometida (1R. 8:2/2Cr.8:13).

Realizadas originalmente no templo de Cienequilla (Lima), ali se reúnem mais de 24 departamentos onde a eles se agregam líderes Israelitas de diversos países inclusive Árabes que congregam da visão ortodoxa Israelita sobre o papel do homem frente ao Divino. Por isso, quem vai a Cienequilla observa que em sua entrada existe a presença de diversas bandeiras de diferentes nações. O mesmo uso das bandeiras ocorre em algumas comunidades da Amazônia

¹⁸ Essas datas não estão em igual proporção, pois ela leva em conta somente os eventos em si, segundo meus informantes, a esta data é acrescentado uma semana a mais, algo como 4 dias para ir até a comunidade que está sediando a festa e 3 dias para retornar a B. Constant.

Peruana que reúnem os departamentos locais e isso inclui de B. Constant, Atalaia do Norte e Tabatinga. Ainda não há relatos destas festas em B. Constant (ou nas outras cidades citadas).

Não existem critérios específicos para participar das festas. Qualquer um que deseja participar pode fazê-lo, seja para observar ou participar, desde que já conheça minimamente alguns de seus integrantes. Para ser ator ativo dentro de um evento como as festas é preciso seguir tudo o que está escrito na Bíblia, sendo que tudo deve (todo o ritual das festas) estar de acordo com o livro Máximo dos Israelitas.

Para que possamos entender as datas referidas pelos Israelitas, Barba-Negra explica que eles seguem o calendário hebreu, cujo início (deuteronômio 16;1) é marcado pelo mês de abril – abril é uma expressão em hebreu que tem o significado de guardar a páscoa – mais precisamente aos quatorze dias desse mês é o princípio do ano para os israelitas e marca as três grandes festas através desta data: “a páscoa é a primeira das três festas que este povo realiza durante sete dias completos, (Ezequiel 40; 21), ocasião em que comerás pão sem levedura – significa sem raiva – sem brigas, para que se tenha paz”. Sempre intercalando sua fala com analogias e comparações bíblicas meu interlocutor faz um comparativo com as festividades locais, boates, danceterias, bares e similares:

Há que ter intervenção da polícia para que não haja brigas. se os irmãos brigam é pouquinho por algum desentendimento coisa rápida sem maiores consequências, pois Deus não se agrada desse tipo de coisa, mas ele se agrada com muita alegria, muita comida (ou fartura), muita comunhão entre os irmãos. (Barba-Negra, 22/09/2010)

Continuando dentro deste contexto, a segunda festa que compõe o calendário Israelita é a de pentecostes, comemorada em 14 de junho (atos dos apóstolos 2: 1); é, segundo descrições bíblicas, a festa da reunião. E a terceira é a festa das Cabañas comemorada em 14 de outubro (atos 2: 14). Todas essas festas ocorrem em local fechado, dentro de comunidades¹⁹, amplos locais medindo de duas a três quadras, escolhidos para, dependendo da festa (sabendo-se que cada uma das festas tem um tema específico) construir as partes, digamos, móveis da estrutura dessas festas, já que o local onde se realizam as festas tem estruturas fixas como banheiros, cozinha, mantimentos, alojamentos (um para os homens e outro para as mulheres), e o templo cerimonial onde ocorrem quase todos os eventos referentes às comemorações. Assim, com esta estrutura minimamente formada, os israelitas passam sete dias ininterruptos de adoração (de acordo com a Bíblia), pois com essa estrutura não há como um irmão afirmar que tem de se retirar por algum motivo relacionado a alguma falta aparente por parte de uma estrutura.

¹⁹ Geralmente os Israelitas reúnem-se nas Comunidades de Alto Monte Israel, considerada a capital do movimento AEMINPU na Amazônia Peruana, assim como as comunidades junto aos rio Javari, como já foi dito anteriormente.

Cada comunidade faz sua festa, e as comunidades como a de Benjamin Constant, que não possui um espaço para a realização das suas celebrações, têm que se deslocar para a comunidade mais perto, para ali comemorarem e realizarem seu culto, oferendas, dentre outras práticas ritualísticas características desse grupo. Não há restrições ou empecilhos para qualquer pessoa (seja ela israelita ou não) assistir; já quanto a participar, essa é uma prática vetada aos reconhecidos pelos Israelitas como estrangeiros, no sentido bíblico, como os não pertencentes ao povo de Israel. Segundo Barba-Curta: *“ao término²⁰ de cada celebração a cada participante lhe é outorgado uma espécie de certificado de participação, registrado e carimbado pela associação Israelita local e registrado em seu livro de atas”*.

Outra preparação importante é o que ocorre nos lares, pois, como ele descreve:

Se tens uma esposa deve-se apartar dela, dormindo em alguns casos, em camas separadas, não mantendo relações sexuais pelo menos três dias antes do início de cada festa, para que o espiritual se afaste da carne. Por quê? ... porque essa é uma festa santa! ... uma festa para santificação e renovo das promessas de Deus, e que tem de ser realizado essa santificação em sete dias. Nesses sete dias e mais os três dias que antecedem as festas os irmãos e irmãs que sejam casados não podem brigar e nem manter relações sexuais, e, além disso, não pode haver nem beijos e nem abraços... Dentro da festa sua esposa é como todas as outras mulheres que ali estão, somente mais uma irmã... e nesses três dias que antecedem a festa além dos sete aos quais se seguem as festas, só se usa a vestimenta especial do povo de Deus, para os homens a indumentária é composta de uma túnica e um manto, para as mulheres está se compõe de uma túnica e ao contrário de um manto esta usa um véu por que segundo a bíblia ela tem que cobrir seu cabelo... sendo desta forma composta toda a preparação que envolve as festas, aspectos esses que não variam de festa para festa, ou seja, ocorre da mesma forma nas três datas”.(Barba-Rala, 20/02/2013)

Segundo este irmão, não demorará muito para que as festas se realizem em Benjamin Constant, mais precisamente na estrada que liga Benjamin a Atalaia do Norte (BR 307) na altura do Km 10 ou Km 18. Em um desses locais se constituirá uma nova comunidade Israelita, como explica Barba-Rala:

É necessário um espaço físico enorme, algo que gire em torno de 40 hectares, para nesta abrigar algumas plantações e para que neste espaço tenha um templo para a realização das festas. Neste local tem que haver um terreno regular (plano) de mais ou menos 1 hectare no mínimo... porque além de um templo grande tem que haver em torno deste Cabanas. Estas por sua vez são constituídas de pequenas casas, dispostas de um lado para os homens e do outro para as mulheres, além de um local para abrigar carneiros dentre outros animais que serão doados em sacrifício, e/ou oferenda. (15/02/2013)

Toda essa estrutura não é suficiente para realizar as festas. É preciso também os sacerdotes – classe de religiosos dentro do movimento que se comparado a outras religiões como a católica teria seu equivalente ao cargo de bispo – sendo que a comunidade instalada em B. Constant é dotada somente de pastor, anciãos, diáconos, tesoureiro e alguns secretários.

²⁰ Referente aos sete dias completos das festas, seja ela de Pascoa, Pentecostes e Cabañas.

“Num prazo de três a quatro anos passaremos a realizar todas as festas em Benjamin, pois necessitamos de um espaço mais reservado para a prática de holocaustos (sacrifícios de animais como oferendas a Deus, semelhante a alguns atos descritos biblicamente)”. Segundo Barba-Rala:

Diferente de como as pessoas pensam que seja uma oferenda, esta não se compõe somente no sacrifício, mas sim do preparo de um animal, pois antes, compõe-se de azeite de oliva, de um animal (carneiro, burros e bezeros ou mesmo bois), de sal além de muitos outros ingredientes... e tudo isso ganhará maior destaque entre o povo israelita quando nossa comunidade tiver seu espaço – na BR 307 – daí poderemos levar mais irmão, assim como os novos convertidos para que compartilhem dessas experiências conosco (15/02/2013).

Apesar de não realizarem as festas em B. Constant, é necessário a preparação do corpo (ritual de purificação) para que se possa interagir ativamente nas festas, a qual, segundo Barba-Rala é feito da seguinte forma:

Antes de entrar nas festas temos que levar o “dom de nossas mãos” que é tudo aquilo que Deus nos tem proporcionado, todas as dádivas alcançadas. Por isso temos que levar um animal (na maioria dos casos um carneiro) não para os irmãos, mas sim para Deus. Leva-se sua pequena oferenda para que seja queimada assim conforme sua preparação descrita na bíblia (15/02/2013).

A “AEMINPU”, em B. Constant, da mesma forma que sua matriz, combina os ritos do Antigo Testamento e a ética do novo, da seguinte forma: a apresentação de suas crianças no templo, uma espécie de benção dada pelo Pastor, que consiste em algo mais particular dentro da família, um ritual que geralmente ocorre na casa desses Israelitas, poucos dias após o nascimento da criança. Neste momento, a criança é apresentada oficialmente a toda a comunidade Israelita, ocorrendo da mesma forma em outras denominações cristãs; a purificação de impurezas dos pecados através do holocausto de animais; o descanso no sábado, voltado para orar e ouvir a palavra, assim como ensinamentos e explicações sobre a bíblia; a celebração da lua nova como agradecimento pelas graças e boa colheita nas plantações, e das vendas no caso dos comércios. Essa prática é realizada segundo “*decreto de Deus para toda a humanidade*” (2Cr. 8:13), consistindo na prática de cunho cristã prevista na bíblia (Nm.28:11-Ex.23:25-Sal.117:1-Ez.46:3,6-Col.2:16-Miq.6:6, 8-Dt.12:28). Desta forma, a teologia Israelita é baseada na exigência fundamental da religião, sob o controle de uma estratégica re-interpretação do judaísmo e práticas cristãs, que justificam o seu "direito divino" da região amazônica em que se encontram.

4.3 - APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS

Segundo Arturo de La Torre (2004), o planejamento simbólico e a construção de fronteiras são realizadas através da religião, política e liberalismo econômico. Mistura de messianismo bíblico (os Israelitas seguem o antigo testamento, a Lei de Moisés e tomam por modelo o modo de vida do povo de Israel) e do Milenarismo Inca (espera da volta do Inca que reconstruirá o mundo, antigo tema da Utopia Andina), a religião Israelita combina tradições cristãs e andinas. A instalação Israelita em B. Constant foi acompanhada por uma apropriação simbólica e material do espaço. A presença de um coletivo Israelita é expressa nessa cidade não só com a construção de um templo, a aquisição de terras, o afluxo de colonos e uso intensivo da terra, mas também através de diversas formas de expressão religiosa e territorialidade que marcam as fronteiras de um novo cenário sociocultural, que contrasta com as práticas da população local. Seus comércios ocupam espaços antes inexistentes na cidade, transformando regiões onde antes haviam somente casas em espaços de alta circulação comercial, assim como de divulgação religiosa. Nesses locais podemos observar marcadores identitários, como as Leis Reais (ou dez mandamentos), que desenham no território novas fronteiras religiosas e marcam sua presença.

Um desses marcadores simbólicos é bem visível em B. Constant quando a comunidade AEMINPU local está prestes a participar das três principais festas, antes de haver a grande reunião de várias comunidades Israelitas das diversas regiões congregando juntas durante uma semana em espaços consagrados para Deus. Dentro desses espaços, o destaque é dado ao mês de outubro onde na festa de Cabañas, onde os Israelitas organizam uma manifestação que ocorre tanto nas colônias do Departamento de Mariscal Ramón Castilla e na capital Lima, assim como na cidade de Caballococha. Nestes locais, segundo relatos de Barba-Curta, comemora-se o aniversário de fundação do movimento. Geralmente vindos em grande número de colônias espalhadas na Amazônia, assim como de B. Constant – que é vista, segundo seus integrantes, como uma colônia, com relação a comunidade Israelita que ali habitam – neste dia ocorre grande comoção popular. Os Israelitas promovem em B. Constant uma marcha pelas ruas das cidades, onde bandas puxam longos eventos, algo como cultos abertos em ruas ou praças (imagens abaixo), cantando os hinos celestes, exibindo slogans políticos e emblemas religiosos que enredam o tempo da manifestação, que é caracterizada como um aquecimento para a grande festa nas comunidades.



Figura 138- imagens (1, 2 e 3) representam a primeira manifestação em praça pública da AEMINPU em B. Constant. Fonte: David A. T. Saénz, 2013

Todos os integrantes com os quais tive contato em B. Constant referem com muito orgulho sobre os eventos de sua comunidade. Afirmam que cada colônia é representada por uma faixa, um pedaço retangular de tecido fixado em longos suportes de madeira, levados a frente de uma espécie de pelotão de marcha que representam o orgulho dos muitos assentamentos na Amazônia, ou seja, estão representando um território, uma conquista. Banners são postos enquanto totens, uma espécie de vetor central da comemoração. Neles pode ser visto de forma clara a afirmação de uma identidade sagrada e a reivindicação de seu território. Como disse, este tipo de evento não ocorre em B. Constant, mas todos os entrevistados foram unânimes em afirmar que já não está longe o dia em que esse tipo de manifestação ocorrerá também nesta cidade.

As comunidades têm uma impressionante densidade simbólica. A marcação de território é fornecida por vários meios: os murais, a exibição de símbolos religiosos onipresente e slogans

políticos, práticas de vestuário e ritual, etc. Arquitetonicamente, presente B. Constant somente no templo, as comunidades Israelitas não são muito diferentes daquelas das populações indígenas da região; os materiais de construção permanecem substancialmente os mesmos. Sua singularidade reside na expressão iconográfica, ritual e processo de planejamento dinâmico. Os israelitas orgulhosamente exibem na entrada de seus assentamentos agrários e nas paredes de suas casas e seus templos, símbolos e escrituras dedicadas tanto a sua condição de "povo escolhido" quanto seu direito divino à posse do território. A entrada das colônias é marcada pela bandeira da congregação.

A presença da população religiosa Israelita em B. Constant, assim como em toda região da tríplice fronteira, é particularmente notável, não só pelos espaços adquiridos ao longo do tempo, mas também por suas vestimentas bem distintas do habitual regional. Trata-se de um marcador físico pessoal, ao mesmo tempo que coletivo. Baseado no fundamentalismo bíblico, as roupas procuram santificar a identidade dos indivíduos que a usam, além de delimitar o espaço entre o “eu” e o “outro”. Segundo Désilets (2012), cada peça de roupa Israelita serve como um marcador de identidade, um poderoso instrumento de diferenciação para definir limites "étnicos" (entre o povo escolhido), grupo cultural e religiosa, reforçando a sua coesão.

Os Israelitas das comunidades do Javari possuem uma atmosfera de costumes e hábitos sociais fechados, dando a impressão de estarmos entrando em uma esfera cultural própria dos habitantes da Israel (ou Judéia) de dois mil anos atrás – ou como afirma Désilets (2012) de um grupo de neotribal. Os Israelitas em B. Constant mantêm o mesmo código de vestimenta, a mesma estrutura de linguagem que expressa a interiorização da lei religiosa manifestada por Deus ao seu líder e fundador Ezequiel Ataucusi Gamonal, respeitando o voto do Nazirato, O simbolismo que eles associam ao compromisso fiel com uma visão de mundo, pertencente aos eleitos de Deus, cumprindo, portanto uma territorialidade sagrada, um senso de separação com o resto da sociedade. *“Para os povos indígenas locais, os Israelitas são um "Outro" exótico parece austera e mística. Às vezes chamam os seguidores locais de "nova tribo" buscando monopolizar o território”* (Chaumeil 2000: 61). Assim, o dogma do se vestir conforme manda Deus lhes assegura não só a conquista da transcendência, mas garante a consagração do território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos resultados obtidos neste trabalho demonstram um processo de identificação via religião de um grupo chamado israelita. A partir das relações e interações o grupo realiza uma tal identificação produzindo um conhecimento sobre sua própria identidade religiosa enquanto um processo social e político que engendra mecanismos de diferenciação e manutenção de suas fronteiras ou limites entre as pessoas, tanto de seus grupos como de outros grupos sociais particulares. Fica evidente a organização de um movimento religioso de cunho milenarista, formado por um contingente de campesinos. Destaca-se dentro deste contexto as relações cosmológicas dos Israelitas como forma de expressão cultural, no âmbito amazônico a partir de uma profecia de uma Terra Prometida. Daí a razão de estarem nessa região e não continuar avançando dentro do Brasil. Radica aqui as estratégias de adequação a uma região que difere muito pouco ao meio social ao qual estavam acostumados, proporcionando-lhes conforto e fácil acesso ao Peru, com o conseqüente retorno financeiro, social e político.

A construção da identidade Israelita dar-se-á, como ocorre com todos os processos de construções identitárias, nos processos sociais produtores da diferença cultural. O caso deste grupo, como vimos, é peculiar, pois tratam a questão religiosa como fator de exclusão dos demais grupos da sociedade nacional, onde muitos deles antes estavam inseridos. Assim, as descrições de estruturas ora religiosas, ora políticas, promovem entre os Israelitas e até mesmo na sociedade nacional o deslocamento do olhar da constituição interna (ou cultural) do grupo, formando socialmente fronteiras diferenciadoras e mecanismos de manutenção.

Os Israelitas estão inseridos dentro do contexto amazônico como povo migrante se analisado pela perspectiva peruana dos autores e suas produções científicas, por encontrar-se em uma situação migratória de um ponto a outro dentro do território de seu país. Já emigrante se visto do ponto de vista da entrada do movimento dentro de outro país, ou seja, o Brasil. Nesta pesquisa as duas formas foram observadas, pois o grupo foi analisado desde sua origem até sua chegada à Amazônia como grupo muito específico que se assentou na cidade de Benjamin Constant.

Desta forma, os motivos da chegada dos membros da AEMINPU na amazônica brasileira, as relações sociais e as fronteiras simbólicas do grupo também foram objeto de interesse neste trabalho. Evidentemente, neste caso, notou-se a relação destas atitudes e comportamentos do grupo com as concepções e visões de seu fundador Ataucusi, evidenciando-se assim, o seu poder carismático sobre a coletividade.

Mas, notou-se também que a migração dos camponeses peruanos para a Amazônia brasileira obedeceu, além de sentidos de origem religiosa, também a motivos de ordem econômica. De fato, ao analisar essa relação verificou-se que se trata de uma aproximação entre o religioso e o econômico, destacado neste estudo por seus adeptos estarem inseridos nas baixas camadas sociais e serem portadores em sua grande maioria de uma escolaridade primária, assim como seu próprio fundador, não sendo isto um impedimento para adquirirem uma estabilidade financeira. A partir disso percebe-se um orgulho por parte dos integrantes do movimento de afirmarem a seguinte frase que aparece nos depoimentos de meus informantes: “que Deus lhes deu uma sabedoria para humilhar os sábios e conquistar riquezas”. Assim, no município visado por este trabalho eles encontram-se destacados significativamente em diferentes áreas da economia: agricultura, comércio e construção civil.

Segundo os autores pesquisados, os Israelitas vêm se afirmando e reafirmando sua identidade de acordo com uma reprodução do modelo de vida do povo de Israel, seguindo preceitos bíblicos que vão desde ritos de adoração até as relações interpessoais, passando por categorias e tipologias físicas como o modo de se vestir, assim como o trato com os cabelos e barbas, o modo como concebem o mundo e o interpretam.

É importante notar que o sucesso colonizador israelita é, em parte, devido à retirada do Estado peruano na gestão direta de áreas de fronteira para o benefício de organizações privadas (ONGs, empresas florestais, etc.) (Chaumeil, 2000). A Associação Israelita é um movimento religioso exclusivo que, ao contrário de outros movimentos messiânicos permite a criação de alianças com a população local. Assim, a chegada dos Israelitas na zona fronteiriça desenha uma paisagem distinta que redefine não só a terra, mas também as políticas locais e regionais, em uma área de tensão, de trocas e de circulação sem controle de indivíduos.

Assim, até certo ponto o estudo dos Israelitas serve como um aporte para o entendimento dos movimentos migratórios em meio às fronteiras dos Estados nacionais. Ele serve tanto para entender esse aspecto como para impulsionar outros estudos, sobre perspectivas tanto religiosas, quanto cosmológicas dos povos amazônicos e suas adequações a novas visões.

No que se refere às identidades, notou-se que as concepções religiosas e cosmológicas servem enquanto fator de afirmação identitária dos adeptos da AEMINPU em Benjamin Constant. Verificou-se o papel importante não só dos aspectos cosmológicos da cultura israelita mas também os símbolos e a forma de agir no mundo como fator determinante na formação da identidade de seus adeptos.

Através das histórias de vida dos meus informantes, os “Barbas”, conseguiu-se verificar como o Israelita se situa religiosamente, como ele descreve a sua história e o estado atual de

vida, mediante sua inserção no movimento e recolocação espacial dentro da Amazônia. Evidencia-se, assim, como os israelitas estruturam sua distribuição dentro da cidade de Benjamin Constant, como esta distribuição está vinculada às suas atividades econômicas, como esta faceta constitui parte de sua identidade, e como se constroem articulações entre os aspectos econômicos e o campo religioso.

Assim, para entender todo esse envolvimento de amarrações religiosas, de busca pelo divino e seus sinais, os espaços conquistados, foi preciso pôr em discussão como os indivíduos – pelo menos em uma exemplificação através dos quatro informantes – chegaram a converter-se ao movimento; como a passagem por outras religiões de seu líder é motivo de orgulho e influência para os membros na aquisição de uma soma interpretativa de todo um universo de busca por Deus; como os sinais de um “mundo a beira de um colapso universal”, e as concepções sincréticas, milenaristas e messiânicas asseguram aos Israelitas a certeza de que vivem em aldeias "consagradas", comunidades dentro de cidades, construídas ao longo dos rios, situadas na Amazônia brasileira enquanto sua Terra Prometida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREDO, Maximinio Cerezo. Movimento Messiânico Milenarista. Centro de Estudio Teologico dela Amazonia (CETA). Iquitos – Perú.

BARTH, Fredrik. Grupos Etnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da Etnicidade. Ed. UNESP. São Paulo, 1998.

CHAUMEIL, Jean-Pierre : Par delà trois frontières, l'espace central du Trapèze amazonien (Pérou, Colombie, Brésil). Autrepard, 2000.

CLARKE, Peter B. Movimentos milenaristas japoneses e o papel do Brasil na construção do paraíso na Terra: a Igreja Messiânica Mundial (Sekai Kyusei Kyo). Centre for New Religions King's College, Londres. I L H A, n.1. Florianópolis, 2000.

CUCHE, Denys. Cultura e Identidade. In: A Noção de Cultura nas Ciências Sociais. EDUSC. Bauru, 2002. DESROCHE, Henri. O Fenômeno e sua Estrutura. In: O homem e suas Religiões: Ciências Humanas e Experiências Religiosas. ed. Paulinas. São Paulo, 1985.

DESROCHE, Henri. O Fenômeno e sua Estrutura. In: O homem e suas Religiões: Ciências Humanas e Experiências Religiosas. ed. Paulinas. São Paulo, 1985.

DÉSILETS, Caroline. La Conquête des Terres Saintes em Amazonie Péruvienne. Référence électronique Caroline Désilets, « La conquête des terres saintes en Amazonie péruvienne », Archives de sciences sociales des religions [En ligne], 141 | janvier-mars 2008, mis en ligne le 02 juillet 2011, consulté le 14 octobre 2012. URL : <http://assr.revues.org/12692> ; DOI: 10.4000/assr.12692.

DOMÍNGUEZ, O. A. G. Identidades Culturales en Leticia: Estudio de Caso Sobre la Historia de Poblamiento del Asentamiento del Rio Calderón, Memorias de Unas Realidades de la Gente Entre lo Húmedo y lo Seco. Monografia de graduação. Universidad Nacional de Colômbia. 2005.

DUMONT, Luis. Gênese II – A Categoria Política e o Estado a Partir do Séclo XIII. In: O Individualismo – uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Ed. Rocco. Rio de Janeiro, 1985, pp.73-121.

DURKHEIM, Émile. Definição do Fenômeno Religioso e da religião. In: Formas Elementares da Vida Religiosa: O Sistema Totêmico na Austrália. ed. Paulinas. São Paulo, 1989.

ESPINOSA, E. "La Secta Israel Del Nuevo Pacto Universal: Un Movimiento Mesianico Peruño", en Revista Teológica Limense, vol. XVII. Facultad de Teologia. Lima, 1984.

FAUSTINO, João & CLEMENTE, Elvo. Cap.V Órgãos e Serviços (1951-1978)/Campus Avançado do Alto Solimões. In.: História da PUCRS. Vol.II. EDIPUCRS. Porto Alegre, 1997.

FURASTÉ, Pedro Augusto. Normas Técnicas para Trabalho o Científico: Explicitacao das Normas da ABNT. 15 ed. Porto alegre, 2009.

GAMONAL, Ezequiel Ataucusi. Los Diez Mandamientos de La Ley de Dios. Ed. Ascencios. Lima, 1980.

GAMONAL, Ezequiel Ataucusi. El Decalogo Universal es el Evangelico de cristo. In: La Ley Real. Cartilha para novos convertidos. Lima, 1969.

GEERTZ, Clifford. A Religião como Sistema Cultural. In: A Interpretação das Culturas. Ed. CLT. Rio de Janeiro, 1989.

GOGIN SIAS, Georgina Estela. Asociación Evangélica de la Misión Israelita Nuevo Pacto Universal. (AEMINPU). In.: De las nuevas religiosidades urbanas: las Divina Revelación Alfa y Omega, Cristo vivió en Lima. Banco de Teses PucP. Lima, 2006.

GRANADOS, Manuel Jesús. El Movimiento Religioso de Los Israelitas del Nuevo Pacto Universal, Tesis para optar el Grado de Magíster en Antropología, Pontificia Universidad Católica del Perú, 1986.

GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: LTC. 1988.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p.13

HABEL, Norma C. Tierra Prometida. Abraão, Josué, y tierra sin exclusão Quito, Ediciones Abya-Yala. 2002.

MAZAL, Manuel. Nuevas Iglesias en el Perú Indígena. In: Sustentos, Afliciones y postrimerias de los Indios de America. Dialogo Amerindio/Casa de America – Madrid. Lima – Perú. 70

NASCIMENTO, Hilton S. A Terra Indígena Vale do Javari e a Fronteira Peruana. <<<http://www.trabalhoindigenista.org.br>>>. Brasília-DF, 2006.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Amazonas: A divisão da “monstruosidade geográfica”. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007, p.224

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Enigmas e soluções: exercícios de etnologia e de crítica. RJ: Tempo brasileiro. Fortaleza. Universidade Federal do Ceará, 1983.

_____. Os (Des) caminhos da identidade. RBCS. Vol. 15 no fevereiro /2000.

OLIVEIRA. M. Marcia. A mobilidade humana na tríplice fronteira: Peru, Brasil e Colômbia, Estudos Avançados, 2006

_____. Migrações fronteiriças: uma reflexão necessária no Amazonas, Estudos Avançados, 2006

_____. Migrações fronteiriças: uma reflexão necessária no Amazonas. Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Ano 6, nº 2, p.151-167, jul./dez.2006

ORO, Ari Pedro. Na Amazônia um Messias de Índios e Brancos. Vozes. Petrópolis, RJ. 1989.

PRATT, Mary Louise. Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação. São Paulo: EDUSC, 1999.

SILVA, Sidney Antônio. Nacionalidade e etnicidade na tríplice fronteira Norte. Manaus-AM. Editora da UFAM, 2008.

_____. A migração dos símbolos. Diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo. Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Ano 6, nº 2, p.151-167, jul./dez.2006

_____. Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar. Manaus: EDUA, 2010.

SCOTT, Kenneth D. Israelites of the New Universal Covenant: Asociacion Evangelica de la Mission del Nuevo Pacto Universal. M. Litt. Dissertation, University of Aberdien. Lima, 1988.

Skar Harald O. Quest for New Covenant. The Israelita Movement in Peru. In Skar H. & F. Salomon. Natives and Neighbors in South America. Gotemburgo Goteborgs Etnografiska Museum, 1987.

TRAJANO FILHO, Wilson. A Sociabilidade da Diáspora: O Retorno. Série Antropologia 380. Departamento de Antropologia/Universidade de Brasília.Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa. Brasília, 2005.

TORRE LÓPEZ, Arturo E de la. Los Israelitas: um milenarismo de finales de milênio. In: Movimientos milenaristas y cultos de crisis em el Perú. Lima, PUCP, 2004.

TORRE LÓPEZ, Arturo E de la. Cambio Religioso en el Mundo Andino: Un testimonio etnográfico. In: Renovación Ecuménica, nº117. Salamanca, 1996.

TORRE LÓPEZ, Arturo E. de la. La más rigurosa secta de nuestra religión: la Asociación in: MARZAL, Manuel M. Religiones Andinas. Evangélica de la Misión Israelita del Nuevo Pacto Universal. Trotta. Madrid, 2005.

VELHO, Gilberto (org). Antropologia Urbana: Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal. 3ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____; Kuschnier. Karina (orgs). Pesquisas Urbanas: Desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

WEBER, Max. “Relações Comunitárias. In: Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva. ed.UnB, Brasília. 1994.

[HTTP:projetos.inei.gob.pe/censo2007/1993/1981](http://projetos.inei.gob.pe/censo2007/1993/1981). Acessado em 18 de dezembro de 2013.

[HTTP://cristoestaenlatierra.blogspot.com.br/aeminpu](http://cristoestaenlatierra.blogspot.com.br/aeminpu) 2011. Acessado em 25 de março de 2012.

ANEXOS

Anexo A – imagem de folhetos de distribuição interna, ou folhetos de estudos sobre o movimento. Constituído de fotos e imagens, assim como de passagens bíblicas e informes sobre a composição do movimento Israelita do Novo Pacto Universal. Folhetos o primeiro em português os demais em Espanhol.

Folheto 1:

ISTO TINHA QUE SUCEDER PORQUE ASSIM ESTÁ ESCRITO

Sendo Deus estava sentenciado dentre as Sagradas Escrituras como tinha que vir com que rosto dessa maneira para que a humanidade pudesse indagar e crer facilmente, Daniel 7:13,14; Apocalipse 14:14,19,20; João 1:14, a mesma irmandade na sua maioria não o aceitam como Cristo Ressuscitado entre os gentios aqui no Perú, se repete o que aconteceu na época do senhor Jesus. Mateu: 27:63,64; Mateus 28:11,15; e sim não o aceitamos como tal viemos a ser Anticristos. 1ra João 2:18; Romanos 1:21; 1ra Coríntios 2:14; 1ra Samuel 10:27; 1ra João 4:3.

NOS FOLHETOS ANTERIORES

Prognosticaram do juízo de Deus como consequência do calor do sol, neste problema muitas pessoas perguntam que isto será para todos, segundo as Escrituras disse assim: Que Deus fará diferença entre o Israelita e o Católico, o Israelita terá comida para comer, terá água para beber, mais os irmãos que não queiram receber sofrerem de fome e de sede. Malaquias 3:18; Êxodo 11:7; Levítico: 25:55; Isaías 65:13,14.

COMO SERÁ ESTA DIFERENÇA?

Que alguns não terão nada para comer e outros terão abundância, os Israelitas que crêm no seu Deus Jesus Cristo EZEQUIEL JÔNAS ATAUCUSI MOLINA e guardam seus MANDAMENTOS terão que comer, Isaías 52:2; 2da Coríntios 6:2; Salmos 121:7,8; Deuteronomio 28:1 ao 6; Apocalipse 7:16,15.

TODOS OS CONGREGADOS A ONDE IRÃO

Os Israelitas terão que sair às montanhas a servir a Deus, assim será a diferença. Lugares da Montanha (Loreto-Perú).

- 1-Alto Monte de Israel.
- 2-Novo Pevas.
- 3-São Pedro.
- 4-Tarso.
- 5-Santa Teresa.
- 6-São Jose de Parinari.

São lugares autorizados pelo excelentíssimo Senhor EZEQUIEL JÔNAS ATAUCUSI MOLINA, para os irmãos católicos e evangélicos. Eze. 4:37:13,14; Apocalipse 18:2,4; Mateus 24:15,16,20; Ezequiel 34:13,14.

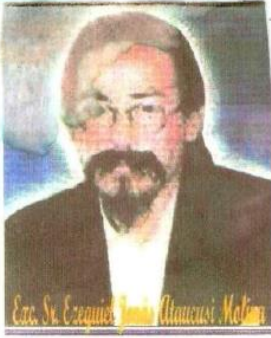
PREOCUPAÇÃO DE MUITOS IRMÃOS EVANGÉLICOS

De onde será o arrebatamento? O arrebatamento será das **FRONTEIRAS VIVAS DO PERÚ**. Deuteronomio 8:2; Hebreus 12:14; Salmos 68:17; João 1:51; 1ra Tessalonicense 4:16,17. O Cristiano não poderá ser perfeito dentro de uma cidade Pagam (BABILONIA) não terá parte no arrebatamento do ARCANJO MIGUEL EZEQUIEL JÔNAS, filho do homem. Mateus 11:21,23; 1ra João 2:15,16; 2da Tessalonicense 2:11,12,10; Jeremias 21:9; Jeremias 16:4.

ASSOCIAÇÃO EVANGÉLICA DA MISSÃO ISRAELITA DO NOVO PACTO UNIVERSAL

AEMINPU

Constituído por peruanos naturais, Fundado o 27 de outubro de 1968. Reconhecido juridicamente o 28 de setembro de 1968. Oficina Central Av. Morro Solar #1234, Urb. As Gardénias Santiago de Surco, Fone 2753847, Lima-Perú



EZEQUIEL JÔNAS ATAUCUSI MOLINA

MISSIONEIRO GERAL DA AEMINPU

ASSOCIAÇÃO EVANGÉLICA DA MISSÃO ISRAELITA DO NOVO PACTO UNIVERSAL NO BRASIL

AEMINPU NO BRASIL

TEMPLO CENTRAL, RUA ALMIRANTE TAMANDARÉ #1321, BAIRRO BRILHANTE-TABATINGA-AM-BRASIL

Lado A.

À OPINIÃO PÚBLICA

Nosso Senhor **EZEQUIEL JÔNAS ATAUCUSI MOLINA**, na sua qualidade de compilador e Missionário da Associação Evangélica da Missão Israelita do Novo Pacto Universal, AEMINPU, nos questiona dos mais ferventes da Excelência e utilidade da Lei de Deus, com sentido de responsabilidade sobre: Esclarecimentos do castigo inevitável e a restauração do Povo de Deus. **Ezequiel 45:17; Hebreus 1:2,3,4; Hebreus 7:3.**

RESTAURAÇÃO DO POVO DE DEUS EM AMÉRICA DO SUL-PERÚ

Os Santos Profetas prognosticaram o levantamento do filho do homem na parte sul do Ocidente. **Isaías 19:18; Isaías 43:5; Ezequiel 20:46; O senhor Jesus assegurou que sua segunda vinda não apareceria no Oriente. João 7:34,35,36,37 e 27; Isaías 1:21,23; Lamentações 1:1e8; Mateus 23:37.**

NA SUA SEGUNDA VINDA JESUS DISSE

Que viria com um novo nome, que seria difícil recebe-lo e crer. **Ezequiel 24:24; Isaías 64:7; Romanos 10:14; João 3:36 Daniel 11:29**, já não com o nome de Jesus porque as 3,800 religiões brigam por Jesus e nunca chegam a um acordo por traficar com as Sagradas Escrituras (Bíblia), o chamam da Palavra de Deus o qual é anti-bíblico, **1ra João 2:7,24**, a palavra é o **Santo Mandamento** e seus **56 Fundamentos**. Utilizam Bíblia para mentir e roubar, e reúnem pessoas com fins de lucro pessoal, as pessoas reunidas são como mercadorias de primeira, segunda e terceira categoria, pelos Dízimos e oferendas. **Romanos 16:17,18; 2da Pedro 2:3; 1ra Timóteo 6:5; Mateus 23:23,24; Isaías 56:10,11,12.**

SERÁ SABIURIA DE DEUS TOMAR O NOME DE JESUS?

A escusa neste tempo é tomar o nome do Senhor Jesus somente para mentir, para roubar, para desfazer a Lei Moral e a Lei Cerimonial, esta sabedoria não é de Deus sim do animal diabólico. **Tiago 3:15; Filipenses 3:19; Atos 13:6,10; 1ra João 2:4; Tito 1:16.**

As 3,800 religiões no globo terráqueo são convencidas pelo espírito do erro ou mentira. **1ra Reis 22:22,23; 2da Pedro 2:1,10,12,13; Romanos 8:7,8; Jeremias 5:29,30,26,27,28; 1ra Reis 18:19.**

DEUS APARECE NO PERÚ COM UM NOME NOVO **Isaías 62:2; Ezequiel 24:24; Lucas 11:29,32.** Tinha que compilar o Santo Mandamento porque estava espalhado nos 66 livros da Santa Bíblia, por ser dono de todas as ordenanças sagradas, onde esteve sustentada a vida a vida futura da raça humana. **Mateus 5:17; Ezequiel 45:16,17; Hebreus 9:22; 1ra Pedro 1:10,11,20; Mateus 19:17.**

PEQUENA RESENHA

No seu primeiro Governo do eleito Presidente Alan Garcia no ano de 1985, o finado João Paulo II, visitou o Perú nessa oportunidade o chefe do estado convidou ao Palácio do Governo, ao Papa João Paulo II, aonde lhe foi apresentado A LEI REAL OS DEZ MANDAMENTOS, elaborado pelo seu criador **EZEQUIEL ATAUCUSI GAMONAL**, então o Papa disse ao Presidente Alan Garcia, como pois o Perú, fez para roubar este Mandamento do lugar Santíssimo de Jerusalém, em resposta Alan Garcia, disse não é roubado minha santidade, isto é feito pelo seu autor que aqui esta a assinatura e o selo que o Presidente JUAN VELASCO ALVARADO, no ano de 1968, reconheceu como uma Religião Autóctone criada no Perú, em resposta o Papa João Paulo II, disse este Mandamento só pode ser feito por CRISTO e mais ninguém, ou seja que Deus esta no Perú. **Romanos 9:30; Salmos 51:19; Romanos 9:25,26; Ezequiel 36:26,27; Romanos 15:11,12.**

INQUIETUDE DAS PESSOAS

Como ressuscita **EZEQUIEL ATAUCUSI GAMONAL?** Faltando um mês para sua partida, chamou a todas suas Autoridades Eclesiásticas da AEMINPU, para fazer presente que depois de Ele ocuparia o lugar como Missionero Geral da Congregação a seu filho espiritual **EZEQUIEL JÔNAS ATAUCUSI MOLINA**, por ele ser o Arcaño Miguel, sinalado para os últimos tempos. **Gálatas 4:1,2; Apocalipse 12:5; Isaías 9:6; Daniel 12:1; Eclesiastes 4:15,16.**

Então a isto se lhe chama de ressurreição, este sur vivente estava esquecido por completo até que o ancião descansa-se depois de três dias aparece no trono do seu Pai, consolando o povo. **1ra Pedro 3:18; 1ra Coríntios 15:4,14,17; Atos 10:40,41,43; João 5:26,22,27.**

QUE SUCEDEU COM O DESCANSO DO MESTRE EZEQUIEL ATAUCUSI GAMONAL NO ANO DE 2000

Este acontecimento foi um verdadeiro terremoto espiritual todas as casas de material rústico cairão, os que aparentaram ser irmãos foram notórios. **1ra João 2:19; Mateus 10:34,36; Mateus 25:31,32,33; Malaquias 3:3**; porque o Mestre **EZEQUIEL ATAUCUSI GAMONAL**, disse: depois do mês de junho do ano de 2000, conhecerei a meus irmãos verdadeiros, este fato foi em nessa oportunidade. **Eclesiastes 8:4,5; Eclesiastes 1:9,10; Romanos 15:4; João 5:23; O Senhor Ezequiel Ataucusi Gamonal**, antes de sua partida decretou um documento de muito valor, que hoje se sustenta como o testemunho, aonde estava sustentado o Fundamento dos Apóstolos e Profetas, livro de Efésios 2:20; **2da Timóteo 2:19; Apocalipse 12:17**, sendo a principal Pedra do Ângulo **EZEQUIEL JÔNAS ATAUCUSI MOLINA**, **1ra Pedro 2:6,7,8; Isaías 28:16.**

Lado B.

Folheto 2:

**AL ARREPENTIRNOS.
¿QUÉ CAMINO DEBEMOS SEGUIR?**

Debemos seguir el camino angosto que Cristo vino a enseñarnos a cumplir, guardando los mandamientos de su Padre, ésta es la puerta estrecha por donde el hombre tiene que entrar, si quiere ganar la Vida Eterna entra por esta puerta porque el mismo Señor Jesucristo es. (Mt. 7:14. Jn. 10:9, 2).

IGLESIA MATRIZ
Av. Nueva Jerusalem s/n - Urb. Villa Toledo - Cieneguilla
(Alt. del Km. 22.5 Carretera Lima a Huarochiri
Paradero Colca)

OFICINA CENTRAL
Av. Morro Solar N° 1234 - Urb. Las Gardenias
Santiago de Surco, Lima - Perú
Telf.: 275-3847

ASOCIACIÓN EVANGÉLICA DE LA
MISIÓN ISRAELITA DEL NUEVO
PACTO UNIVERSAL

EL ARREPENTIMIENTO

EL QUE NO GUARDA LA LEY DE DIOS	EL QUE GUARDA LA LEY DE DIOS
Gálatas 5:19, 20, 21	Ef. 5:9 - Gal. 5:22 - Tim. 6:11
	JUSTICIA MANSEÜMBRE
	FE PACIENCIA
	PIEDAD CARIDAD

Lado A

¿A QUIENES LLAMA DIOS PARA QUE SE ARREPIENTAN?

Dios envió a su hijo para llamar a todos los pecadores al arrepentimiento. (Lc. 5:32). así también a plebeyos, ricos, pobres justamente. (Sal. 49:1, 2).

¿CON QUE FIN QUIERE DIOS QUE SE ARREPIENTAN TODA LA HUMANIDAD?

Es con el fin que sean borrados todos sus pecados y se conviertan a su pueblo. (Hch. 3:19).

¿CÓMO BORRARÁ DIOS NUESTROS PECADOS?

Venid dirá Jehová y estemos a cuenta: Si tus pecados fueren como la grana, como la nieve serán emblanquecidos: Si fueren rojos como el carmesí, vendrán a ser como blanca lana. (Is. 1:18, 19).

¿CÓMO DEBEMOS ARREPENTIRNOS?

Por eso dice Jehová, convertíos a mi con todo vuestro corazón, con ayuno, lloro y llanto haciendo obras dignas de arrepentimiento. (Joel 2:12. Hch. 26:20).

Porque Dios habiendo disimulado los tiempos de esta ignorancia, denuncia á todos los hombres en todos los lugares, que se arrepientan. (Hch. 17:30).

Si esto hacemos y mejoramos nuestros caminos "JEHOVÁ" se arrepentirá del mal que ha hablado contra vosotros. (Jr. 26:13).

Anexo B – livro de cânticos e louvores Israelitas. Capa, e alguns apontamentos.



Capa.

**HIMNARIO
DÉ LA
ASOCIACIÓN EVANGÉLICA
DE LA MISIÓN ISRAELITA DEL
NUEVO
PACTO UNIVERSAL**

(1º Cr. 28:8. He. 8:10. Is. 43:21.)

EL PRESENTE HIMNARIO ES ELABORADO POR LOS MIEMBROS DE LA INSTITUCIÓN ENCOMENDADO A ESTABLECER BAJO DOCUMENTO LAS ALABANZAS A DIOS DE ISRAEL Y DE PROPIEDAD EXCLUSIVA DE LA AEMINPU, EL CUAL SE RESERVA A CUANTOS DERECHOS LE CORRESPONDE DE CONFORMIDAD A LA LEY DE PROPIEDAD INTELECTUAL.

(Ex. 34:27, 28.)

Derechos Reservados®

Prohibida la reproducción total o parcial de esta obra por cualquier método sin permiso de la "AEMINPU"

IGLESIA MATRIZ:

Av. Nueva Jerusalem s/n. Villa Toledo - Cieneguilla
(Alt. Km. 22.5 Carretera: Lima - Huarochiri)

OFICINA PRINCIPAL:

Av. Morro Solar # 1234 Urb. Las Gardenias
Santiago de Surco

(Alt. Pan. Sur y Puente Benavides) Telf. 275-3847

LIMA-PERÚ

PROLOGO

En cumplimiento de las profecías que habló Dios por boca de sus Santos Profetas, que en los postreros tiempos, tenían que ser vertida las palabras y gloria de Dios; sobre la faz de la tierra. Esta promesa es cumplida con el refrigerio de la presencia del Señor en nuestros días llamada Tercera Generación; a partir del año de 1955 en el Pueblo de Equipi, Distrito de Acobamba, Provincia de Tarma, del Departamento de Junín (Hechos 3:19: Deuteronomio 11:14. Santiago 5: 7.)

Siendo manifestada la misericordia de Dios y redimido su Pueblo Israel CONGREGACIÓN DE JEHOVÁ en el Perú; los hijos que se allega a esta, alabarán con voz de júbilo a nuestro Dios conforme a los Salmos, Himnos y Coros Celestiales con toda clase de instrumentos musicales, entonces agradará a Jehová Dios de Israel, la alabanza suave y hermosa es a saber el Fruto de nuestros labios, concordando todas las voces en una: (Dt. 23:8. Sal. 102:18. y 147:1. y 50:14, 23. Ef. 5:19. He. 13:15. Is. 43:21. y 12:4, 5. Sal. 98:4, 5, 6, 7, 8. 2S. 6:5. Ex. 15:20.)

En la Asamblea General Ordinaria de AEMINPU, el día 8-01-84, se aprobó como Plan de Trabajo de la Comisión de Difusión para la Edición del presente Hymnario; añadiendo o recogiendo

algunos coros de la 1ra. Edición, recorriendo a la guía de diversas fuentes, tomando como base las sagradas escrituras, himnos y coros inspirados y sueños de algunos miembros de la Institución, manteniendo la letra y música originales de los Santos Salmos. También se tomó algunos himnos y coros de las melodías existentes en nuestro medio; como de COPYRIGHT para complementar a este Himnario.

Se espera que la presente 11va. Edición, llegue en buenas manos para el provecho de sus conocimientos y alegría de todos los miembros de "AEMINPU" y el público en general, quedan expresados con todo corazón por las gratitudes de los hermanos que han contribuido para hacer la realidad y notoria obra de Dios en el campo de la Música.

(Col. 3:16.)

"AEMINPU"

HIMNARIO PROFÉTICO

HIMNO NACIONAL DEL PERÚ CORO

Somos libres seámoslo siempre
y antes niegue sus luces el sol
que faltemos al voto solemne
que la patria al eterno elevó.

ESTROFAS

1

Largo tiempo el peruano oprimido
la ominosa cadena arrastró;
condenado a una cruel servidumbre
largo tiempo en silencio gimió
más apenas el grito sagrado:
¡Libertad! en sus costas se oyó
la indolencia de esclavo sacude,
la humillada cerviz levantó.

2

Y el estruendo de broncas cadenas
que escucharon tres siglos,
de horror de los libres el grito sagrado
que oyó atónito el mundo, cesó.
Por doquier San Martín inflamado,
¡Libertad, libertad!, pronunció
y meciendo su base los Andes
la enunciaron también a una voz.

3

Con su influjo los pueblos despiertan
y cual rayo corrió la opinión;
desde el Istmo a las Tierras de Fuego
desde el fuego a la helada región.
Todos juran romper el enlace